

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

MARIA IMACULADA PEREIRA AZEREDO

PROSÓDIA E TELEJORNALISMO:
UM ESTUDO PROSÓDICO SOBRE O “PADRÃO GLOBO DE QUALIDADE”

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

MARIA IMACULADA PEREIRA AZEREDO

**PROSÓDIA E TELEJORNALISMO:
UM ESTUDO PROSÓDICO SOBRE O “PADRÃO GLOBO DE QUALIDADE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e análise de línguas naturais

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vera Pacheco

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

A985p

Azeredo, Maria Imaculada Pereira.

Prosódia e telejornalismo: um estudo prosódico sobre o “padrão Globo de qualidade”. / Maria Imaculada Pereira Azeredo; orientadora Vera Pacheco. Vitória da Conquista, 2019.

172f.

Dissertação (mestrado - Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

Inclui referência F. 164 – 169.

1. Prosódia - Telejornalismo. 2. Padrão tonal. 3. Padrão Globo de Qualidade. 4. Parâmetros prosódicos. I. Pacheco, Vera. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.

CDD: 469.1

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Prosody and Telejournalism: A Prosodic study on the "Globo Quality Standard"

Palavras-chave em inglês: Globo quality standard. Tonal standard. Prosody. Television journalists.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof^ª Dr^ª Vera Pacheco (Presidente-Orientadora), Prof^ª Dr^ª Marian Oliveira (UESB), Prof^ª Dr^ª Camila Tavares Leite (UFU).

Data da defesa: 28 de março de 2019

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

MARIA IMACULADA PEREIRA AZEREDO

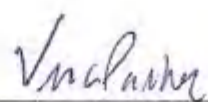
UM ESTUDO PROSÓDICO SOBRE O “PADRÃO GLOBO DE QUALIDADE”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

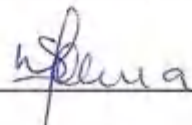
Data da aprovação: 28 de março de 2019.

Banca Examinadora:

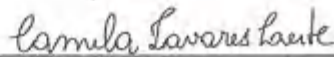
Profa. Dra. Vera Pacheco (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Profa. Dra. Marian dos Santos Oliveira
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Profa. Dra. Camila Tavares Leite
Instituição: UFU

Ass.:  _____

Ao meu filho Miguel, para que meus passos sejam luz em sua trajetória, tal qual os
meus pais me guiaram.

Dedico.

AGRADECIMENTO

“A gratidão é a memória do coração”.

Em 445 - 365 a.C., o filósofo Antístenes de Atenas já tinha consciência da importância da gratidão. Ser grato a todos que, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, nos ajudam é o que nos torna pessoas melhores e com o coração leve.

Dessa forma, quero gravar nessas poucas páginas, a memória que sempre estará presente em meu coração.

Em primeiro lugar, sempre, agradeço a Deus por toda a força e esperança dadas a mim, em todos os momentos desde que comecei essa jornada. Só Ele sabe o quanto precisei.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹

À FAPESB, pela concessão da bolsa de estudos.

À minha valiosa orientadora Vera Pacheco, carinhosamente considerada como mãe acadêmica, por ter me iniciado, acreditado e me ajudado a chegar aqui. A senhora é a fonte dessa vitória! Minha eterna gratidão por tudo que passamos juntas!

À minha querida professora Marian Oliveira, minha mãe emprestada pela vida, por ter me apresentado a esse maravilhoso mundo acadêmico e me ajudado a dar os primeiros passos. Nunca me esquecerei da sua inestimável ajuda sempre e em todas as horas.

Às Bancas de qualificação (Profa. Dra. Marian Oliveira e Profa. Dra. Fátima Baia) e de defesa (Profa. Dra. Marian Oliveira e Profa. Dra. Camila Tavares) pelo cuidado e carinho dedicados a esta pesquisa.

Aos funcionários do PPG Linguística, em especial Vanêide Ribeiro, Luciana Ferraz e Jonathan Lopes e as funcionárias do PPG Memória, especialmente à Vilma Santos, pelas boas risadas que demos juntas.

Ao meu esposo, companheiro e parceiro de todas as horas, por toda a compreensão e colaboração nesses quase dois anos de separação. Por ter segurado a barra quando eu não pude ajudar.

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

Ao meu filho amado, Miguel, eu agradeço e peço perdão. Agradeço por me apoiar, mesmo sem saber e peço perdão por tê-lo deixado de lado quando mais precisou de mim. Por ter perdido seus primeiros aninhos.

Aos meus sogros, Lila e Natal, e ao meu cunhado, Nadson, por serem os pais de Miguel, quando eu não pude. Por toda ajuda, apoio e confiança depositados em mim.

Aos meus amados pais, Linda e Ademilson, por serem meus guias, por acreditarem e me fazerem acreditar que eu era capaz. A força de vocês me trouxe até aqui. E, com vocês, eu conseguirei ir além.

Aos meus irmãos, Natália e Álvaro, pela irmandade forte e pelo companheirismo de sempre.

A todos os amigos, e em especial a: Rafael Flores, Randler Ferraz, Risely Ferraz, Hudson Silva, Maxwell Santos, Hemelay Souza, Karina Damaceno e Danilo Sobral, por toda ajuda, dedicação e carinho.

Aos colegas de pesquisa que se tornaram irmãos acadêmicos, Emerson Braga e Karina Damaceno, Mércia Rodrigues e a querida amiga Raiana Dias, irmã emprestada, por me ajudarem a remar.

À todos os 56 estudantes que aceitaram prontamente a missão de colaborar com esta pesquisa, por todo o tempo cedido e pelo carinho com que trataram esse projeto.

Nós chegamos lá!

Esse trabalho é nosso!

A todos ditos e não ditos,

O meu mais sincero agradecimento!

“O saber é uma posse sem propriedade. É próprio e impróprio ao mesmo tempo. Próprio porque não tem propriedade. Impróprio porque já é antes de outro e de outra.”

Giuseppe Ferraio

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida tendo a seguinte questão norteadora: Há um padrão prosódico específico na fala dos telejornalistas da Rede Globo que contribui com a manutenção do “padrão Globo de qualidade”? A partir dela, desenvolvemos as seguintes hipóteses: a) existe um padrão prosódico específico; e b) esse padrão é utilizado de forma a convencer o telespectador em sua interpretação. Assim, este trabalho tem como objetivos: a) verificar se há um padrão prosódico na fala de alguns telejornalistas da Rede Globo, b) averiguar, caso exista um padrão prosódico, em que medida esse padrão concorre para estabelecer o chamado “padrão Globo de qualidade”, c) comparar a fala dos jornalistas da Globo com a fala dos jornalistas do SBT e da Rede Record e, d) verificar se há diferença prosódica entre a fala destes jornalistas. Para alcançarmos estes objetivos, dividimos este trabalho em duas partes principais que se complementam. Na primeira, avaliamos como o público percebia a fala dos jornalistas das três emissoras pesquisadas com o intuito de comparar e verificar se havia diferenças entre elas. Na segunda, separamos, de oitiva, os grupos tonais (GTs) das falas de todos os jornalistas selecionados e, a partir deles, mensuramos, com o auxílio do *Praat*, a F_0 e a tessitura da fala dos telejornalistas da Rede Globo, do SBT e da Rede Record. Também rodamos os testes de Regressão Linear Simples, com o intuito de verificar se haveria alguma relação de dependência entre as variações da F_0 inicial-medial (F_0 i-m) e da F_0 medial-final (F_0 m-f), e de Kruskal-Wallis, com o propósito de verificar se haveria diferença significativa entre a F_0 i-m e a F_0 m-f, bem como verificar se haveria diferença significativa entre as tessituras dos jornalistas da Rede Globo e a tessitura dos jornalistas das outras emissoras. Os resultados do teste de percepção apontam que os juízes não identificaram um padrão na fala dos telejornalistas da Rede Globo que os diferenciasssem dos jornalistas das outras emissoras. Os resultados das análises acústicas, mostraram que, embora os jornalistas da Globo parecessem apresentar uma tendência tonal que apontava para a delimitação de um padrão tonal, ao categorizarmos cada matéria apresentada por sua editoria específica, verificamos que não existe, de fato, um padrão prosódico na fala dos telejornalista da Rede Globo, assim como não encontramos um padrão tonal na fala dos profissionais das outras duas emissoras. Cada jornalista tende a um estilo de elocução própria e segue a variação tonal que a notícia sugere, ou que ele julgue necessário para cada matéria com vistas a convencer o telespectador em sua interpretação.

PALAVRAS-CHAVE

Padrão Globo de qualidade. Padrão tonal. Prosódia. Telejornalistas.

ABSTRACT

This research was developed with the following guiding question: Is there a specific prosodic pattern in the talk of Rede Globo TV journalists that contributes to the maintenance of the "Globo quality standard"? From this, we develop the following hypotheses: a) there is a specific prosodic standard; and b) this standard is used in a way that convinces the viewer in its interpretation. Thus, this work has as objectives: a) to verify if there is a prosodic standard in the speech of some TV journalists of Rede Globo, b) to find out, if there is a prosodic standard, to what extent this standard collaborates in the construction of the so-called "Globo quality standard", c) to compare journalists' speech of Globo with the speech of the journalists of SBT and Rede Record and, d) to verify if there is prosodic difference between the speech of these journalists. To reach these objectives, we divide this work into two main parts that complement each other. In the first one, we evaluated how the public perceived the speech of the journalists of the three stations surveyed in order to compare and verify if there were differences between them. In the second, we separated, from the audience, the tonal groups (TGs) of the speeches of all the selected journalists and, from them, we measured, with Praat's assistance, the F0 and the tone of the talk of the TV journalists of Rede Globo, SBT and Rede Record. We also run the Simple Linear Regression test, in order to verify if there was any dependence relation between the variations of the initial-medial F0 (F0 i-m) and the medial-final F0 (F0 m-f), and of the Kruskal-Wallis test, in order to verify if there was a significant difference between F0 i-m and F0 m-f, as well as to verify if there would be a significant difference between the tessituras of the journalists of Rede Globo and the journalists of the other stations. The results of the perception test point out that the subjects of the research did not identify a standard in the speech of Rede Globo television journalists that differentiated them from the journalists of other stations. The results of the acoustic analysis showed that although Globo journalists appeared to present a tonal tendency that indicated the delimitation of a tonal standard, in categorizing each subject presented by their specific editor, we verified that there is, in fact, no prosodic standard in the speech of Globo television journalists, just as we did not find a tonal standard in the speech of the professionals of the other two stations. Each journalist tends to have a style of self-talk and follows the tonal variation that the news suggests, or that he deems necessary for each subject with the objective of convincing the viewer in its interpretation.

KEYWORDS:

Globo quality standard. Tonal standard. Prosody. Television journalists.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo do questionário do Google Formulário	55
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo	104
Gráfico 2 –Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo	106
Gráfico 3 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo	113
Gráfico 4 – Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo.....	115
Gráfico 5 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo	122
Gráfico 6 – Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal SBT Brasil	123
Gráfico 7 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil.....	126
Gráfico 8 – Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil	127
Gráfico 9 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal da Record	131
Gráfico 10 – Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal da Record.....	132
Gráfico 11 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record	135
Gráfico 12 – Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Seleção dos telejornais por emissora.....	47
Quadro 2 – Seleção dos telejornais das emissoras Globo, SBT e Record e suas respectivas editorias nos anos de 2016 e 2017	48
Quadro 3 – Relação dos telejornais da Rede Globo selecionados para a pesquisa com seus respectivos âncoras e repórteres	102
Quadro 4 – Âncoras e repórteres do jornal SBT Brasil	120
Quadro 5 – Âncoras e repórteres do Jornal da Record	129
Quadro 6 – Divisão de âncoras e repórteres de cada telejornal separados por editoria.....	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sujeitos selecionados para o teste de percepção.....	51
Tabela 2 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a limpeza da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 2- 3 do questionário), para os três grupos avaliados.....	64
Tabela 3 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a beleza da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 5-6 do questionário), para os três grupos avaliados.....	68
Tabela 4 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a altura da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 9-10 do questionário), para os três grupos avaliados	73
Tabela 5 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a volume da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 12-13 do questionário), para os três grupos avaliados.....	77
Tabela 6 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a limpeza da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 4 do questionário), para os três grupos avaliados.....	81
Tabela 7 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a beleza da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 7 do questionário), para os três grupos avaliados.....	85
Tabela 8 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a altura da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 11 do questionário), para os três grupos avaliados.....	90
Tabela 9 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre o volume da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 14 do questionário), para os três grupos avaliados.....	94
Tabela 10 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a confiabilidade dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 1 do questionário), para os três grupos avaliados.....	98
Tabela 11 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a qualidade do som das matérias dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 8 do questionário), para os três grupos avaliados	100

Tabela 12 – Número de subidas e quedas da F0i-m e da F0m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo	103
Tabela 13 – Variação tonal da F ₀ i-m para a F ₀ m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo	105
Tabela 14 – Regressão Linear Simples entre as F0 relativas médias i-m e m-f dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p e R ²	107
Tabela 15 – Kruskal-Wallis da fala dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p	108
Tabela 16 – Média do Delta da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo	109
Tabela 17 – Kruskal-Wallis da tessitura da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p	111
Tabela 18 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo	112
Tabela 19 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo	114
Tabela 20 – Regressão Linear Simples entre as F0 relativas médias i-m e m-f dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p e R ²	116
Tabela 21 – Kruskal-Wallis da fala dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p	116
Tabela 22 – Média do Delta da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo	117
Tabela 23 – Kruskal-Wallis da tessitura da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p	119
Tabela 24 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal SBT Brasil	121
Tabela 25 – Variação de subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal SBT Brasil	122
Tabela 26 – Regressão Linear Simples entre as F0 relativas médias i-m e m-f dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p e R ²	124
Tabela 27 – Kruskal-Wallis da fala dos âncoras do SBT Brasil e seus respectivos valores de p	124
Tabela 28 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos âncoras do telejornal SBT Brasil e seu respectivo valor de p	125
Tabela 29 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil	125

Tabela 30 – Variação de subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil	127
Tabela 31 – Regressão Linear Simples entre as F0 relativas médias i-m e m-f dos repórteres do telejornal SBT Brasil e seus respectivos valores de p e R2	128
Tabela 32 – Kruskal-Wallis da fala dos repórteres do SBT Brasil e seus respectivos valores de p	128
Tabela 33 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos repórteres do telejornal SBT Brasil e seu respectivo valor de p	129
Tabela 34 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal Jornal da Record	130
Tabela 35 – Variação entre subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dos GTs dos âncoras do Jornal da Record	131
Tabela 36 – Regressão Linear Simples entre as F0 relativas médias i-m e m-f dos âncoras do Jornal da Record e seus respectivos valores de p e R2	132
Tabela 37 – Kruskal-Wallis da fala dos âncoras do Jornal da Record e seus respectivos valores de p	133
Tabela 38 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos âncoras do Jornal da Record e seu respectivo valor de p	133
Tabela 39 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record	134
Tabela 40 – Variação de subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record	135
Tabela 41 – Regressão Linear Simples para os repórteres do Jornal da Record e seus respectivos valores de p e R2	136
Tabela 42 – Kruskal-wallis dos repórteres do Jornal da Record e seus respectivos valores de p	137
Tabela 43 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos repórteres do Jornal da Record e seu respectivo valor de p	137
Tabela 44 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis	140
Tabela 45 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Economia e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis	141

Tabela 46 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Saúde e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis	142
Tabela 47 – Média do Delta da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p.....	144
Tabela 48 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis.....	146
Tabela 49 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Economia e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis.....	147
Tabela 50 – Média do Delta da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p	148
Tabela 51 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo, SBT e Rede Record que apresentaram as matérias da editoria de Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis.....	150
Tabela 52 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e SBT que apresentaram as matérias da editoria de Saúde e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis.....	151
Tabela 53 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e Rede Record que apresentaram as matérias da editoria Policial e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis.....	152
Tabela 54 – Média do Delta da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p.....	154
Tabela 55 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e Rede Record que apresentaram as matérias da editoria Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis	156
Tabela 56 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e SBT que apresentaram as matérias da editoria Saúde e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis.....	157
Tabela 57 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e do Rede Record que apresentaram as matérias da editoria Policial e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis	158

Tabela 58 – Média do Delta da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p	159
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
2 A PROSÓDIA DA FALA	24
2.1 COMPREENDENDO O QUE É PROSÓDIA	24
2.2 MODELO DESCRITIVO DE HALLIDAY	30
2.3 PARÂMETROS PROSÓDICOS	32
2.3.1 Frequência fundamental	32
2.3.2 Tessitura	33
3 A PROSÓDIA DA FALA DOS TELEJORNALISTAS	35
3.1 FALA LIDA E ESCRITA FALADA NOS TELEJORNAIS	37
4 A REDE GLOBO DE TELEVISÃO	39
4.1 O NASCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA TELEVISÃO E DO TELEJORNAL NO BRASIL.....	39
4.2 REDE GLOBO DE TELEVISÃO: INOVAÇÃO NO MODO DE SE FAZER JORNALISMO	41
4.3 PADRÃO GLOBO DE QUALIDADE	42
5 MATERIAIS E MÉTODOS	45
5.1 PREPARAÇÃO E APLICAÇÃO DO TESTE DE PERCEPÇÃO.....	45
5.1.1 Os jornais da pesquisa.....	49
5.1.1.1 Jornais da Rede Globo de televisão	49
5.1.1.2 Jornal do Sistema Brasileiro de Televisão - SBT.....	50
5.1.1.3 Jornal da Rede Record	50
5.1.2 Seleção dos sujeitos para o teste de percepção	51
5.1.3 Preparação do questionário	51
5.1.4 Aplicação do teste de percepção.....	53
5.1.5 Tabulação dos dados do teste de percepção	54
5.1.6 Análise estatística descritiva dos dados	56
5.2 ANÁLISE DE OITIVA DOS GRUPOS TONAIIS	56
5.3 ANÁLISE ACÚSTICA.....	57
5.3.1 Frequência fundamental (F_0)	57

5.3.2 Tessitura	58
5.4 TESTES ESTATÍSTICOS	58
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
6.1 TESTE DE PERCEPÇÃO.....	60
6.1.1 Âncoras dos telejornais	60
6.1.2 Repórteres dos telejornais.....	79
6.1.3 Confiabilidade da matéria e qualidade do som	96
6.2 ANÁLISE ACÚSTICA DOS GRUPOS TONAIIS DOS JORNALISTAS DA REDE GLOBO	101
6.2.1 Análise da F_0 relativa dos âncoras da Rede Globo.....	101
6.2.2 Análise da Tessitura dos âncoras da Rede Globo	108
6.2.3 Análise da F_0 relativa dos repórteres da Rede Globo	112
6.2.4 Análise da Tessitura dos repórteres da Rede Globo	117
6.3 ANÁLISE ACÚSTICA DOS GRUPOS TONAIIS DOS JORNALISTAS DO SBT	120
6.3.1 Análise da F_0 relativa dos âncoras do SBT.....	120
6.3.2 Análise da Tessitura dos âncoras do SBT.....	124
6.3.3 Análise da F_0 relativa dos repórteres do SBT.....	125
6.3.4 Análise da Tessitura dos repórteres do SBT	128
6.4 ANÁLISE ACÚSTICA DOS GRUPOS TONAIIS DOS JORNALISTAS DA REDE RECORD.....	129
6.4.1 Análise da F_0 relativa dos âncoras da Rede Record.....	130
6.4.2 Análise da Tessitura dos âncoras da Rede Record.....	133
6.4.3 Análise da F_0 relativa dos repórteres da Rede Record.....	134
6.4.4 Análise da Tessitura dos repórteres da Rede Record	137
6.5 ANÁLISE DOS GTS DAS MATÉRIAS DOS TELEJORNAIS POR EDITORIA.....	138
6.5.1 Análise da F_0 relativa e tessitura dos âncoras da Rede Globo conforme editorias	139
6.5.2 Análise da F_0 relativa e da tessitura dos repórteres da Rede Globo conforme editorias	145
6.5.3 Análise da F_0 relativa e tessitura dos âncoras da Rede Globo, SBT e Rede Record conforme editorias	149
6.5.4 Análise da F_0 relativa e da tessitura dos repórteres da Rede Globo, SBT e Rede Record conforme editorias.....	155
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160

REFERÊNCIAS.....	163
APÊNDICES	169
APÊNDICE A - Questionários aplicados para os juízes depois de assistirem/ ouvirem as matérias dos telejornais	169

1 INTRODUÇÃO

De todas as emissoras de televisão brasileira, a Rede Globo é a que mais se destaca em questão de qualidade de produção, qualidade técnica e audiência (esta última, de acordo com pesquisas divulgadas pelo IBOPE²). A construção da Globo ao longo dos anos, o marketing, a autopropaganda, o cuidado técnico e profissional e sua tradição com a programação moldaram a grande empresa que conhecemos atualmente. Isso, tanto no campo do entretenimento, quanto na área jornalística.

Quando tratamos de jornalismo, há ainda outro cuidado: além do slogan de “imparcialidade”, “isenção” que tanto se prega, há ainda toda uma qualidade técnica de som e imagem. De acordo com o documento *Princípios e valores da TV Globo no Vídeo*,

A qualidade em tudo o que faz deve ser elemento indissociável da identidade corporativa da TV Globo. Tal diferencial favorece o pronto reconhecimento dos conteúdos por ela exibidos. A TV Globo acredita que a preferência e a confiança do telespectador dependem, fundamentalmente, da adequação e qualidade dos conteúdos, e estes do talento e do trabalho das equipes (PRINCÍPIOS E VALORES DA TV GLOBO NO VÍDEO, 2009, p. 12).

No meio telejornalístico, além de todo o aparato tecnológico, a Globo conta com profissionais que orientam os jornalistas sobre a melhor forma de se expressar diante das câmeras. Existe uma equipe de fonoaudiólogos responsáveis por “treinar”, “acompanhar” e “moldar” a voz do telejornalista com o propósito de assegurar maior qualidade vocal, melhorar a narração, suavizar os possíveis sotaques, que segundo Reiniger (2004), não funcionam na televisão. Todo esse cuidado tem como objetivo ajudar os jornalistas a (man)terem um certo “padrão vocal” que seja reconhecido por qualquer telespectador em qualquer lugar, contribuindo assim, com a construção do chamado “Padrão Globo de Qualidade”.

Alice Maria Reiniger, ex-diretora do canal Globo News, num relato sobre a história da fonoaudiologia no telejornalismo (in: FEIJÓ; KYRILLOS, 2004), explica que no início da década de 1970 a Globo sentiu a necessidade de mudar o modo de se falar na televisão.

No início da história do telejornalismo, a narração era inspirada no rádio e no jornal impresso e, com isso, foi adotado um estilo de voz impostada e dura (REINIGER, 2004). Percebendo a necessidade de mudar o jeito de se fazer telejornalismo, a Rede Globo investiu

² Para mais informações, acessar: <https://www.kantaribopemedia.com/>

em fonoaudiólogos para ajudar seus repórteres e apresentadores a “naturalizar” a fala e sair do modo engessado que se tinha antes.

Assim, aos poucos, a Rede Globo institucionalizou “elevados padrões éticos artísticos, estéticos, jornalísticos e técnicos, em tudo que o que ela exibir” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2009, p. 9), com o propósito de se fazer reconhecer e obter a confiança do público.

Todo esse cuidado (tanto no sentido técnico, de aparelhagem, tecnologia, quanto no sentido visual, figurino, maquiagem, modo de se portar diante da câmera, modo de falar...) construiu e tornou a Globo a emissora aberta mais vista pelos brasileiros, de acordo com as pesquisas realizadas pela empresa: Meta Pesquisa de Opinião, em 2010.

Considerando essas informações preliminares e somando com os estudos já feitos sobre prosódia e telejornalismo, (tais como REIS, 2000, BATISTA, 2007, COTES, 2008, BORGES, 2008, AZEREDO; PACHECO; OLIVEIRA, 2013/2014 e 2014/2015 - durante a vigência do período de iniciação científica), nos perguntamos: Há um padrão prosódico específico na fala dos telejornalistas da Rede Globo que contribui com a manutenção do “padrão Globo de qualidade”? Nossas hipóteses são de que existe um padrão prosódico específico e esse padrão é utilizado de forma a convencer o telespectador em sua interpretação.

Deste modo, este trabalho objetiva verificar se há um padrão prosódico na fala de alguns telejornalistas da Rede Globo e verificar, se houver, em que medida esse padrão prosódico concorre para estabelecer este “padrão” Globo de qualidade. Também é objetivo desta pesquisa comparar a fala dos jornalistas da Globo, com a fala dos jornalistas do SBT Brasil, da SBT e do Jornal da Record, da Rede Record (emissoras que concorrem pelo segundo lugar da audiência no canal aberto de televisão, de acordo com as pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - Ibope) e verificar se há diferença prosódica entre a fala destes jornalistas.

Para alcançarmos estes objetivos, dividimos este trabalho em duas partes principais que se complementam: Percepção e Acústica. Em percepção, avaliamos, através da aplicação de um teste, como o público percebia a fala dos jornalistas das três emissoras pesquisadas e verificamos, a partir das respostas dos juízes, se havia diferenças entre as vozes dos jornalistas das três emissoras. A partir da análise acústica, mensuramos a frequência fundamental relativa e a tessitura da fala dos telejornalistas da Rede Globo, SBT e Rede Record, com o propósito de verificar se o que os juízes perceberam de oitiva, condizia com o que ocorria acusticamente.

Esta pesquisa tem como principal agente motivador, abrir novas perspectivas para pesquisas na área da Comunicação Social - Jornalismo, já que em sua grande maioria, os pesquisadores estudam apenas o impacto social, ideológico, a influência exercida pela notícia,

mas não comumente a maneira como o fato é dito. O mais próximo que eles se permitem chegar disto é inclinando as pesquisas no campo da análise de discurso.

Por fim, este trabalho justifica-se por apresentar um caráter interdisciplinar que abrange duas grandes áreas do conhecimento: o Jornalismo e a Linguística e por colaborar com profissionais das duas áreas que se interessem pelo tema a apreender e a aprofundar esta pesquisa inicial.

Este trabalho apresenta seis capítulos principais:

O capítulo dois engloba toda a questão teórica. Nele, revemos o conceito de prosódia e sua importância para a comunicação. Também nesse capítulo expomos o modelo teórico no qual nos embasamos para a construção deste trabalho.

No capítulo três, mostramos a relação existente entre a prosódia e a fala jornalística. Nossa ênfase nesse capítulo consiste justamente em mostrar a importância que a prosódia tem na fala do jornalista e como ela está presente tanto oralmente, quanto na escrita.

O quarto capítulo faz uma retomada da história do telejornalismo trazendo dados sobre o início da Rede Globo e sua trajetória (no campo do telejornalismo) até os dias atuais.

No quinto capítulo descrevemos e explicamos o passo-a-passo de todo o processo metodológico.

É no sexto capítulo que descrevemos e discutimos todos os resultados obtidos. O capítulo está dividido em duas partes principais:

1ª) Teste de percepção: descrevemos e analisamos as respostas dadas pelos juízes no teste que aplicamos. O intuito era verificar como o público avaliou as falas dos telejornalistas dos telejornais da Rede Globo, SBT e Rede Record; e

2ª) Análise acústica: descrevemos, comparamos e analisamos as características prosódicas dos jornais da Rede Globo, SBT e Record.

No último capítulo retomamos que vimos no trabalho e fazemos nossas considerações sobre a pesquisa.

2 A PROSÓDIA DA FALA

“A prosódia é a essência da língua falada, de tal modo que a língua oral seria tão absurda sem a prosódia, como seria sem os fonemas”.

(CAGLIARI, 2002, p.38)

Mesmo estando numa multidão, nossa voz é reconhecida e identificada por aqueles que nos conhecem, isso porque, de acordo com os estudos de Cagliari (2007, p. 118), “a fala tem características individuais que a torna distinta da voz das outras pessoas”. Segundo, ainda, a análise do autor, homens, mulheres e crianças possuem tratos vocais de tamanhos variados, além de dimensões diferentes que, em união com as propriedades dinâmicas da voz (volume, intensidade, variação melódica, entoação...), tornam a voz de cada pessoa particular.

Essas propriedades dinâmicas da voz, além de nos ajudar a identificar o falante, também torna compreensível a mensagem passada, possibilitando identificar os diversos sentidos expostos no ato da fala (pergunta, exclamação, dúvida, ironia). Dessa forma, podemos entender que, algo além de simplesmente identificar o falante, está em jogo quando consideramos as propriedades dinâmicas da voz.

Na Linguística, vários estudiosos se debruçaram para tentar entender por meio da fonética e da fonologia todo o processo que envolve a comunicação. Após anos de estudos, foneticistas e fonólogos iniciaram um estudo sobre a prosódia e sua influência para a compreensão na comunicação.

É justamente sobre esse aspecto que trataremos neste capítulo.

2.1 COMPREENDENDO O QUE É PROSÓDIA

Nooteboom (1997) explica em seus estudos que, a palavra “prosódia” foi usada primeiro na antiga Grécia para nomear uma “canção cantada com instrumentos musicais”. Mais tarde, foi designada como “ciência da versificação”, que conduz a modulação da voz na leitura em voz alta de poesias.

Já Barbosa (2012, p. 13) afirma que o termo foi utilizado pela primeira vez na “*República* de Platão na expressão *phthongous te kai prosódias* [...] para opor o conteúdo segmental às variações melódicas presentes em formas de narrar por imitação”.

Assim como ocorre com vários termos dentro das ciências, definir e delimitar o conceito de uma expressão gera algumas discussões entre vários autores, já que cada um quer conciliar

o termo a partir do seu ponto de estudo. Isso também ocorre com o termo *Prosódia*. Kent e Read (2015, p. 371) comentam que o termo “não é facilmente definido de forma que concorde com tudo o que tem sido escrito sobre ele”. Os autores explicam que algumas definições divergem em alguns aspectos, de forma que ao escrever sobre o tema, o pesquisador deve ser cauteloso ao aplicar uma definição ou outra³.

De acordo com o dicionário de linguística online, Portal da Língua Portuguesa, prosódia é o “estudo da natureza e funcionamento das variações de tom, intensidade e duração na cadeia falada” ou ainda “Pronúncia regular das palavras no que respeita ao acento e a quantidade (ou duração), e que constitui a base da métrica”.

Já no dicionário de linguística, organizado por Abrahan (1981), prosódia é entendida

em sentido estrito (segundo a teoria grega) estudo da altura tonal, aspiração, duração da sílaba; no sentido usual, estudo da natureza (especialmente da quantidade) de sons e seu comportamento no entrelaçamento de sílabas e palavras, considerando sobretudo seu uso (ABRAHAM, 1981, p.372)⁴.

Para Mattoso Câmara (1986, p. 202) a prosódia faz “parte da fonologia (v. fonética, fonologia) referente aos caracteres da emissão vocal que se acrescentam à articulação propriamente dita dos sons da fala, como em português o acento (v.) e a entonação”.

Cutler, Oahan e van Donselaar (1997, p. 1) descrevem a prosódia como “um determinante intrínseco da forma da linguagem falada⁵”. Ainda para as autoras (1997, p. 1), “a estrutura prosódica de um enunciado exerce efeitos sobre o tempo, amplitude e espectro de frequência do enunciado, e estas são as dimensões do próprio som”.

Cagliari, em comunicação pessoal a Pacheco (2006) afirma que prosódia é, num sentido mais tradicional, “o estudo da tonicidade ou acento, da entonação/tom e das moras em línguas como o latim”. O autor completa que, nas diferentes abordagens linguísticas, o termo assumiu

³ Apesar de não ser o objetivo deste trabalho tender para um lado ou para outro nesta discussão, mas apenas chamar atenção dos leitores para as diversas possibilidades de emprego do uso do termo prosódia, observamos que apesar das várias definições feitas pelos autores citados e outros não citados, a prosódia está relacionada à fala e se encontra na camada suprasegmental do enunciado.

⁴Tradução nossa. Original: en sentido estricto (según la teoría griega) estudio de lá altura tonal, aspiración, duración de la sílaba; en el sentido que nos es habitual, estudio de la naturaleza (especialmente de la cantidad) de los sonidos y su comportamiento en la trabazón de sílabas y palabras, considerando sobre todo su utilización (ABRAHAM 1981, p. 372).

⁵ Tradução nossa. Original: Prosody is an intrinsic determinant of the form of spoken language. [...] The prosodic structure of an utterance exercises effects on the timing, amplitude, and frequency spectrum of the utterance, and these are the dimensions of sound itself [...].

outros significados e passou a ser utilizado de modo mais ou menos abrangente (PACHECO, 2006 p. 44-45).

De acordo com Nootboom (1997), a palavra prosódia na fonética, geralmente era utilizada para se referir às propriedades de fala, como tom de voz, a duração dos segmentos e das sílabas e a flutuação da intensidade, que vão além da pronúncia segmentar de fonemas derivados da fala.

De acordo com o autor, além do nível articulatório e acústico, as propriedades de fala atingem o nível perceptual, conduzindo a padrões percebidos de proeminências relativas de sílabas, codificados em aspectos melódicos e rítmicos percebidos da fala. Enquanto isso, para fonologia gerativa, a palavra prosódia foi usada para se referir a aspectos não segmentais da estrutura linguística abstrata (NOOTEBOOM, 1997).

Também em seus estudos, Pacheco (2006) ressalta que há dois extremos na concepção dos estudos prosódicos: de um lado, há aqueles que acreditam que a prosódia se refere à realização sonora por si só, e neste sentido, seria uma definição fonética que compreenderia os parâmetros acústicos de frequência fundamental, amplitude e duração; por outro lado, há aqueles que acreditam apenas numa definição fonológica do termo, indicando assim a prosódia como “uma definição abstrata, sem qualquer interação com o enunciado que está sendo realizado” (PACHECO, 2006, p. 44).

No entanto, para Nootboom (1997, p. 1) as duas linhas de pesquisa não se excluem, já que

[...] os significados fonéticos e fonológicos da palavra prosódia podem ser considerados dois lados da mesma moeda: embora os fonólogos deem prioridade a uma descrição abstrata dos fenômenos em questão, eles procuram provas empíricas no domínio da fala. Os foneticistas começam com as observações sobre o discurso real, mas as noções abstratas que eles apresentam para explicar os fenômenos observados são fonológicas por natureza⁶ (NOOTEBOOM, 1997, p.1).

Cagliari (1992) afirma que na tradição fonética há dois tipos de elementos suprasegmentais: os que modificam o segmento (nasalização, por exemplo), e os que se

⁶ Tradução nossa. Original: [...] the phonetic and phonological meanings of the word prosody might be considered two sides of the same coin: although phonologists give primacy to an abstract description of the phenomena concerned, they look for empirical evidence in the realm of speech. Phoneticians rather start from observations on real speech, but the abstract notions they come up with to account for the observed phenomena are phonological by nature (NOOTEBOOM, 1997, p. 1).

diferem dos segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos. Esses elementos são categorizados pelo autor em três grupos:

- a) elementos da melodia da fala: tom, entonação e tessitura;
- b) elementos de dinâmica da fala: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tésis; e
- c) elementos da qualidade da voz: volume, registro e qualidade de voz.

A união dos elementos desses três grupos nos oferecem informações sobre como é a voz do falante; se é grave ou aguda, alta ou baixa, com que intensidade algo é dito, qual a ênfase dada em determinada palavra, ou trecho, qual a velocidade em que algo foi dito, qual segmento é alongado ou encurtado, como o falante utiliza do silêncio, qual o ritmo da fala, além de nos permitir perceber uma pergunta, uma exclamação, uma afirmação, uma ironia...

Para Wilson e Wharton (2006), a função da prosódia é especialmente transmitir emoções ou atitudes ou alterar a relevância das interpretações disponíveis. Contudo, Dubois (1978) explica que

a prosódia estuda os traços fônicos que, nas diferentes línguas, afetam as sequências cujos limites não correspondem ao desmembramento da cadeia da fala em fonemas, sejam eles inferiores, como as moras, ou superiores, como a sílaba ou partes diferentes da palavra ou da frase. A prosódia é, pois, uma parte da fonologia, tal qual da fonemática, que estuda unicamente as unidades fonemáticas (DUBOIS, 1978, p. 492).

Com isso, entendemos que a prosódia está para além dessas questões macros. A prosódia é também responsável por organizar a fonologia das línguas faladas. Pacheco (2006) discute que vários aspectos prosódicos podem ter caráter distintivo em uma determinada língua. A autora exemplifica que, no chinês, a depender da entonação, uma determinada sequência de segmentos terá um ou outro significado. Já no Português Brasileiro, o que é distintivo é o acento, ou seja, uma determinada sequência de segmentos poderá ter um ou outro significado dependendo da posição da sílaba tônica.

Ao considerar os vários sentidos expostos para a prosódia, tanto do ponto de vista fonológico, quanto do ponto de vista fonético, compreendemos que, dependendo da natureza do objeto estudado, devemos adotar uma ou outra perspectiva. Então, tendo em vista os objetivos deste trabalho, adotamos o sentido fonético para a conceituação da prosódia, conforme apresentam Nooteboom (1992), Cagliari (1992), Cutler, Oahan e van Donselaar (1997) e Pacheco (2006).

A partir das leituras feitas, independente da perspectiva, percebemos que a prosódia está intimamente ligada à comunicação. É a partir dos elementos prosódicos que conseguimos interpretar a fala do outro, assim como percebemos outras nuances da fala, como as emoções e atitudes. Como bem explica Cagliari (2002, p. 43), “Os elementos prosódicos servem para ponderar os valores semânticos dos enunciados, sendo uma das formas de que dispõe o falante para dizer ao seu interlocutor como ele deve proceder diante do que ouve”.

Quando falamos, estamos sempre enfatizando determinadas informações que consideramos relevantes ou atenuando outras que não são tão importantes. Além disso, não é incomum falarmos uma coisa, querendo dizer o contrário daquilo, e, mesmo assim, através do tom de voz, conseguirmos expressar o que estamos sentindo. Pacheco (2006, p. 68) afirma que “a presença de uma ou outra informação prosódica propicia uma interpretação e não outra”. E quem nos permite toda essa variação de expressão de fala é a prosódia.

De acordo com Nooteboom (1992, p. 31), a prosódia é usada para caracterizar enunciados como declarações, perguntas ou exclamações, para transmitir informações sobre atitude e emoção, ou para caracterizar certos estilos de fala. Warton e Wilson (2006) afirmam ainda que os efeitos da prosódia podem ser usados de forma acidental ou intencional. Para as autoras, um bom orador sabe quando e como usar o tom de voz, a emoção na voz e a expressão para atingir o público. Cagliari (1987, 2007) também concorda que a prosódia esteja presente em todos os momentos da comunicação. Para o autor (1987, 2007) falante, ao falar, escolhe que tom usar para expressar o que está sentindo ou para enfatizar um ponto que acha importante ser percebido. Assim:

A escolha do tom relaciona-se com as noções de modo, com a noção de modalidade, com os atos da fala e com a atitude do falante. [...] seguindo o que diz Halliday (1963, 1967 e 1970), a entoação, além de ser um pré-requisito fonético na caracterização da fala, tem ainda uma importância muito grande porque é uma maneira que a língua usa para dizer coisas diferentes (CAGLIARI, 1987, 2007, p. 166 - 172).

Por estar presente na comunicação oral, é óbvio que a prosódia deva ser também marcada na língua escrita. Nesse caso, de acordo com Pacheco (2006), a escrita conta com os marcadores prosódicos lexicais e gráficos que funcionam tanto para marcar prosodicamente uma palavra, ou frase, quanto para desambiguar certas frases. Para o caso de ambiguidades, Nooteboom (1997, p. 34) traz um ótimo exemplo:

Uma sequência de palavras como "a rainha disse que o cavaleiro é um monstro" pode ser lida e falada em pelo menos duas maneiras diferentes: "a rainha, disse o cavaleiro, é um monstro", ou "a rainha disse, o cavaleiro é um monstro". A ambiguidade inerente a esta sequência de palavras é desambiguizada na fala por sintagmas prosódicos, produzindo uma fronteira prosódica forte após "rainha" e "cavaleiro" ou depois de "dito"⁷ (NOOTEBOOM, 1997, p. 34).

Dessa forma, percebemos que um mesmo enunciado pode ter dois sentidos dentro de um texto; e os sinais de pontuação em união às pausas e a entoação (que são elementos prosódicos) dadas na leitura vão garantir uma interpretação e não outra.

Tudo que foi descrito até aqui, foi pensando numa situação cotidiana. No entanto, se pensarmos em situações que lidem com a comunicação como objetivo profissional, como é o caso de jornalistas, radialistas, publicitários, operadores de telemarketing, atores, políticos, advogados, professores, entre outros “profissionais da voz”, percebemos que a prosódia é um importante diferenciador.

Constantini (2012) afirma que as diversas profissões têm seu jeito particular de falar e a prosódia influencia no estilo de elocução de cada uma. E essa particularidade muitas vezes nos permite identificar a área de atuação de um profissional, mesmo que seja apenas no momento de atuação, já que, fora do ambiente de trabalho, a pessoa pode adotar um estilo “comum” de fala. Tratando-se de telejornalistas, Azeredo, Pacheco e Oliveira (2017, p. 3) explicam que

No jornalismo, a prosódia tem um destaque importante. Ela identifica o profissional, permite que o narrador chame a atenção do ouvinte a trechos mais importantes dentro do discurso e ajuda no convencimento do público para a veracidade da notícia. (AZEREDO; PACHECO; OLIVEIRA, 2017, p. 3).

No caso do jornalista, a utilização da prosódia escrita, assim como a oral, precisam estar em consenso para que haja compreensão na leitura e naturalização na fala. Dessa forma, levando em consideração a discussão inicial, propomo-nos a discorrer um pouco mais sobre a importância da prosódia na fala dos telejornalistas (ver capítulo 3), cujas falas que são foco de investigação desta pesquisa.

⁷ Tradução nossa. Original: A sequence of words like “the queen said the knight is a monster” can be read and spoken in at least two different ways: “the queen, said the knight, is a monster”, or “the queen said, the knight is a monster”. The ambiguity inherent in this sequence of words is disambiguated in speech by prosodic phrasing, producing either a strong prosodic boundary after “queen” and “knight” or after “said”.

2.2 MODELO DESCRITIVO DE HALLIDAY

Como já vimos, os estudos da Prosódia cresceram dentro de duas tradições: por um lado, temos a Fonética, que visa entender a questão física/perceptual da prosódia, e por outro lado, encontramos a Fonologia, que quer compreender como a fala se organiza no sistema.

Tanto dentro da Fonética, quanto dentro da Fonologia, nos deparamos com vários modelos teóricos que visam compreender e explicar o funcionamento da prosódia (como é o caso do modelo teórico desenvolvido por Pierrehumbert (1980) e Nespor e Vogel (1986))⁸. Contudo, observando a natureza deste estudo, optamos por utilizar o modelo proposto por Halliday (1970) e adaptado por Cagliari (1981, 2007).

Nesse modelo, Halliday (1970) trabalha dentro de uma perspectiva fonético-fonológica e integra os dois campos a outras áreas da linguística (sintaxe, semântica e pragmática) sugerindo um modelo de descrição prosódica da entoação do inglês. Mais tarde, Cagliari (1981⁹, 2007) adapta esse modelo para descrever o sistema entoacional do português brasileiro.

De modo geral, o modelo propõe o grupo tonal como a unidade rítmica entoacional. De acordo com Cagliari (2007, p. 161), “o modelo de Halliday incorpora parte da descrição do ritmo da língua, como base para a descrição entoacional”.

Conforme o modelo, o grupo tonal (GT) é uma unidade composta por três elementos: sintático, semântico e entoacional. Explicando melhor, o grupo tonal é caracterizado por padrões entoacionais, ou tons, contendo um significado estrutural (sintático) e um significado interpretativo (semântico), assim, “a divisão de um texto em GTs tem a ver com a organização de unidades de informação, cuja forma sintática mais típica é a frase” (CAGLIARI, 1992, p. 138).

⁸ O modelo desenvolvido por Pierrehumbert (1980), denominado métrico autossegmental, é um modelo fonológico gerativo, que apesar de analisar a curva melódica foneticamente, interpreta-a fonologicamente. De acordo com Menezes (2015, p. 37) “O modelo de Pierrehumbert trabalha com as possibilidades dadas ao falante pelo sistema entoacional da sua língua (dado fonológico), ao mesmo tempo em que busca verificar como padrões abstratos são realizados (dado fonético)”. Já o modelo desenvolvido por Nespor e Vogel (1986) parte do pressuposto que a fala é hierarquicamente organizada, assim, os componentes prosódicos seguem uma linha hierárquica em que tem a sílaba como menor unidade prosódica e o enunciado como a maior unidade (BISOL, 2005). De acordo Pacheco (2006, p.54) essa organização hierarquizada facilita a determinação de “regras fonológicas que influenciam as relações entre os segmentos, assim como determinam as regras fonológicas que governam padrões entoacional, rítmico e de pausa que são difíceis de serem determinados em termos de estrutura sintática”.

⁹ Tese defendida como requisito parcial para a obtenção do título de Livre Docente em 1981, publicada em 2007, como livro.

Um grupo tonal é composto por um ou mais pés que, para Cagliari (2007, p. 137), “são as unidades de duração compreendidas entre duas sílabas tônicas nas línguas de ritmo acentual”. Ainda para Cagliari (2007), um dos pés terá a sílaba tônica saliente que dividirá o grupo tonal em dois componentes: o pretônico e oônico. Sendo o primeiro não obrigatório, e o segundo, obrigatório.

O componenteônico é marcado a partir da sílaba saliente e integra tudo o que a sucede, e o componente pretônico é tudo que está antes da sílaba tônica saliente. “Na sílaba tônica saliente ocorre a mudança mais significativa da curva melódica, facilmente reconhecida pelo falante” (CAGLIARI, 2012, p. 14).

Na frase: //É a se/gunda vez /esta se/mana//que sindica/listas vem ao pla/nalto// (exemplo nosso), temos dois GTs. No primeiro //É a se/gunda vez /esta se/mana// a sílaba tônica saliente está na sílaba gun. É nessa sílaba que acontece a mudança mais significativa da curva melódica. Então, toda a informação que está antes da sílaba tônica saliente é considerada como componente pretônico e toda informação que vem depois, engloba o componenteônico.

No segundo GT, //que sindica/listas vem ao pla/nalto// mais uma vez temos o componente pretônico, toda a informação antes da sílaba tônica saliente nal, e o componenteônico nalto.

Os dois GTs contém todas as especificações descritas por Cagliari: tem padrões tonais (entoação), com um significado estrutural (sintaxe) e um significado interpretativo (semântica).

Cagliari (2007) ainda explica que um GT pode ser simples ou composto. Sendo simples quando tiver apenas uma sílaba tônica saliente e composto quando tiver duas. É importante lembrar que o GT composto não deve ser confundido com uma sequência de dois GTs. O GT composto tem em si apenas uma unidade de informação e a sequência de GTs carrega unidade de informações diferentes.

Sintetizando, Cagliari (2012, p. 16) explica que:

O modelo de Halliday integra a descrição prosódica do acento, do ritmo, da curva melódica com informações sintáticas, semântica e pragmática. É um modelo descritivo do tipo funcional, que define o fenômeno no componente fonológico da gramática, indicando, ao mesmo tempo, as funções prosódicas em relação com outros elementos da gramática, principalmente com os da sintaxe, da semântica e da pragmática.

Por nosso objeto de estudo ser a fala de jornalistas e nossos objetivos serem mais de cunho fonético que fonológico, o modelo descritivo de Halliday mostrou ser o melhor modelo para trabalharmos, já que o grupo tonal nos permite avaliar justamente o ritmo e a variação da curva melódica da fala dos jornalistas.

2.3 PARÂMETROS PROSÓDICOS

Como já foi exposto anteriormente, dentre as várias descrições do conceito de prosódia, podemos entender que o estudo prosódico, dentro da Fonética, baseia-se na compreensão básica de três parâmetros acústicos: *Variação da Frequência Fundamental*, *Intensidade* e *Duração*. Pacheco (2006, p. 47) explica que “a prosódia deve ser definida do ponto de vista da constituição sonora da linguagem e do ponto de vista do significado”.

A autora explica que, do ponto de vista da constituição sonora da linguagem, o termo pode ter uma interpretação mais específica e uma mais abrangente. Num sentido mais específico, “a prosódia se refere a manifestação fonética de três elementos suprasegmentais: intensidade, melodia e duração” e numa acepção mais abrangente, seriam entendidos também como prosódicos as “marcas de saliência (ársis/tésis¹⁰), andamento, velocidade de fala, registro e qualidade de voz” (PACHECO, 2006, p. 47). A autora ainda completa que “pelo ponto de vista do significado, a prosódia se refere aos fenômenos ligados aos fatos sintáticos, à definição sócio-pragmática, e às características discursivas e para-linguísticas” (PACHECO, 2006, p. 47).

Apesar de reconhecer a importância de todos os parâmetros prosódicos para o ato da fala, compreendemos que, a depender da pergunta da pesquisa, um parâmetro deverá ser estudado mais profundamente que outro. E, considerando as necessidades deste trabalho, optamos por analisar os parâmetros de variação da *frequência fundamental* (F_0) e da *tessitura*.

2.3.1 Frequência fundamental

De forma sucinta, a frequência fundamental (F_0) é um parâmetro acústico que está relacionado ao número de vezes que as pregas vocais vibram por segundo, produzindo, assim, perceptualmente, uma voz mais grave ou mais aguda.

¹⁰ Conforme Cagliari (1992) ársis e tésis são marcas de saliências que correspondem a crista das ondas sonoras e aos vales entre as ondas. A somatória dessas marcas produzem ondas de diferentes tamanhos e forças dando ritmo a fala. Maiores detalhes, ver: CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. Cad. Est. Ling. Campinas, (23): 137-151, Jul/Dez. 1992.

Como já foi exposto, a fala é som e o som é composto por ondas sonoras que têm a forma de senóide. Quanto maior o ciclo de uma senóide, menor será a frequência. Dessa forma, mais grave será o som. Inversamente, quanto menor o ciclo de uma senóide, maior será a frequência, configurando, então, um som mais agudo.

Então, compreendemos que a altura da frequência é resultante do número de ciclos que uma senóide realiza em um segundo. Quanto mais vibrações, mais agudo é o som e quanto menos vibrações, mais grave o som será. De acordo os estudos de Pacheco (2006, p. 51), normalmente “os homens, na fala diária, possuem uma variação de frequência fundamental típica, que gira em torno de 80 e 200 Hz; as mulheres entre 180 e 400 Hz”.

Daí percebemos que, por possuírem frequências mais baixas que as das mulheres, os homens tendem a ter uma voz mais grave e as mulheres, mais aguda.

Além de nos permitir perceber a altura da voz de uma pessoa, a variação da F_0 também é responsável em dar um sentido ou outro a uma sentença. É a partir da variação da F_0 que sabemos se uma sentença é uma frase afirmativa ou uma interrogativa, por exemplo.

Nesta pesquisa, trabalhamos com a análise da F_0 dentro de grupos tonais¹¹. A análise da variação da frequência fundamental, nos possibilitou visualizar, contabilizar e classificar o quanto um jornalista variava o tom dentro dos GTs. Com isso, conseguimos conceber a variação tonal de cada jornalista e cruzar essa variação com as dos colegas, verificando assim, se havia algum tipo de padrão tonal entre as falas, que pudesse indicar a existência de um padrão de fala entre os jornalistas da Rede Globo, ou um padrão que os diferenciasse dos jornalistas do SBT e da Rede Record.

2.3.2 Tessitura

Massini-Cagliari e Cagliari (2001) em seus estudos sobre Fonética e Fonologia, relembram a fala de Mateus *et alii* (1990) que definem a tessitura como “a escala melódica do falante, i.e. os limites em que se situam os seus valores mais altos e mais baixos de F_0 , quando fala normalmente” MATEUS *et alii*, (1990, p. 193, apud MASSINI-CAGLIARI E CAGLIARI 2001, p. 1). Os autores ainda explicam que o falante utiliza do método de aumentar ou abaixar a frequência fundamental quando tem alguma intenção expressiva no discurso. Em outras palavras, o falante utiliza da variação da tessitura, quando quer, por exemplo, enfatizar alguma

¹¹ Ver subcapítulo 2.2.

informação, utilizando para isso uma tessitura alta, em relação a outra não tão importante, quando abaixa a tessitura.

Massini-Cagliari e Cagliari (2001) ainda chamam atenção para o fato de a tessitura não poder ser confundida com a entoação. Os autores (2001) explicam que enquanto a entoação “é construída sobre as variações de F_0 nos limites do enunciado”, a tessitura “focaliza as variações nos intervalos entre a frequência mais baixa (mais grave) e a mais alta (mais aguda) do indivíduo” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI 2001, p. 2), ou em outras palavras,

enquanto as variações de frequência fundamental constituem os padrões entoacionais dos enunciados, as variações de registro (tessitura) podem deslocar esses padrões para níveis mais graves ou mais agudos, mantendo intactos o “desenho” dos padrões (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI 2001, p. 2).

Então, resumidamente, entendemos que a tessitura compreende o espaço entre a frequência fundamental mais baixa e a mais alta na fala de um falante e está relacionada com a intenção discursiva deste falante.

Assim como a análise da F_0 , a análise da tessitura se mostrou importante nesta pesquisa, pelo fato de estar relacionada a intenções expressivas. A partir da análise da tessitura, compreendemos como os jornalistas se comportam prosodicamente em diferentes editorias e analisamos como a depender do tipo da notícia, há maior ou menor posicionamento expressivo.

Neste capítulo entendemos que a prosódia, apesar de não ter uma definição fechada, é um agente importante para comunicação, já que está ligada desde as questões micros (como organizar a fonologia das línguas) até as macros (expressar emoções ou atitudes do falante) das línguas faladas. Vimos ainda, que a prosódia é utilizada por diversos profissionais que utilizam da voz como um diferenciador funcional (jornalistas, professores, atores, políticos, advogados...), conferindo a cada um, um estilo de elocução que os permitam serem identificados.

No próximo capítulo, veremos a relação entre a prosódia e a fala dos telejornalistas e como ela contribui com a transmissão da notícia e sua interpretação.

3 A PROSÓDIA DA FALA DOS TELEJORNALISTAS

“Os oradores não nascem feitos, são feitos, através de suas qualidades potenciais, acréscimos do requisitos de memória, habilidade, criatividade, entusiasmo, determinação, observação, teatralização, síntese, ritmo, voz, vocabulário, expressão corporal, naturalidade e conhecimento.”
(CUNHA, 1990, p.47)

Desde o nascimento do telejornal no Brasil, um fator que é muito comentado por vários autores que estudam a história do telejornalismo no país é a forma como as notícias eram transmitidas. De acordo com Maia (2011, p.3):

Os primeiros telejornais da década de 1950, segundo Rezende (2000), eram precariamente produzidos e carentes de qualidade. Por ausência de recursos técnicos, faltava cobertura externa e o “ao vivo”, direto do estúdio, ocupava quase todo o tempo dos noticiários. Os programas eram, em geral, elaborados e apresentados por profissionais oriundos do rádio [...] (MAIA, 2011, p.3).

Os jornalistas que iam para a TV vinham das rádios e levavam o estilo de leitura radiofônica¹² para os telejornais. Pelo fato de a televisão ser, no início de sua implantação, uma tecnologia nova que ainda estava sendo descoberta, em todos os níveis (engenharia, produção, transmissão, elocução...), os profissionais que se arriscaram nesse novo meio, até então, não sabiam qual era o melhor estilo para aquela nova mídia¹³. Então, conforme Cotes (2008, p. 181) as notícias eram “uma espécie de leitura televisionada de notícias da imprensa”. Os apresentadores “não tinham consciência de que o visual (os movimentos corporais, gestos e expressões faciais) forneciam pistas relevantes para a comunicação humana” (COTES, 2008, p.181).

Desde aquele primeiro momento, apesar da pouca experiência com a nova mídia, o jornalista, ao narrar um fato, tinha como objetivo ganhar a atenção de seu telespectador e convencê-lo de que a história que estava contando era verdadeira e digna de sua atenção. Então, se a princípio o jornalista se preocupava apenas em ler a informação no *teleprompter*¹⁴ tentando

¹² Pelo fato de o estilo radiofônico ser oral-auditivo, a leitura radiofônica precisava ser “forte e vibrante”. Já que o radialista tem apenas uma única chance para ser ouvido e compreendido. O estilo de escrita para o rádio (que também foi adotado pela TV) adota alguns requisitos básicos: i. Seleção lexical rigorosa; ii. Atenção ao vocabulário ativo e passivo dos ouvintes e; iii. Clareza. (Mais informações ver: CABELLO, 1995 e RODRIGUES, 2006)

¹³ Em 1962 foi ao ar o Jornal de Vanguarda que de acordo com Contato (2014, p. 3) foi “um dos responsáveis por romper com a linguagem radiofônica predominante nos telenoticiários brasileiros à época”.

¹⁴ *Teleprompter* é um equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exhibe o texto a ser lido pelo apresentador, de modo que seja lido olhando para a câmera.

transmitir a história, com o decorrer do tempo, ele percebeu que mais do que apenas ler a notícia, era preciso interpretar, opinar, estilizar para assim, tentar sutilmente ganhar a confiança do espectador.

Desse modo, além de escolher quais palavras utilizar para compor seu texto, o jornalista também decide que tom vai empregar naquela notícia em especial. Se é uma notícia política, ele observa o grau de seriedade, se é uma notícia trágica, não há lógica em sorrir, mas se é algo relacionado a esporte, a cultura, ou, ainda, a tecnologia, há uma “permissão” de sorriso e/ou de uma postura menos rígida. Segundo Minchillo (1989 apud COTES, 2008, p.53),

o papel da narração não é apenas informar sobre os acontecimentos, mas mostrá-los de modo a prender nosso interesse. As pausas, quando bem utilizadas podem destacar uma informação e criar expectativa no ouvinte (MINCHILLO, 1989 apud COTES, 2008, p.53).

Além das pausas, a entonação e as ênfases dadas em certas palavras ou frases, a forma de se postar em frente à câmera, os movimentos corporais e os faciais dão ritmo à notícia e contribuem para levar o espectador a prestar atenção no que está sendo dito e, comumente, a crer que aquela notícia é verdadeira¹⁵.

Abreu (2009, p.13) complementa que além da voz, a postura corporal do outro, suas expressões faciais, a maneira como anda, como gesticula e até mesmo a maneira como se veste nos dão informações preciosas. Esses elementos colaboram não apenas para a compreensão do que se está falando mas, também, para a persuasão do outro.

Se considerarmos a atualização dos telejornais nos últimos anos, em que a bancada, lugar de onde o âncora lia todas as notícias, deixou de ser obrigatória, permitindo assim, que o jornalista caminhe pelo cenário utilizando das telas interativas para demonstrar ou complementar uma nota ou uma informação e interagir com os repórteres que aparecem ao vivo, a proposição de Abreu (2009) se mostra muito clara.

¹⁵ Tanto se tratando de televisão e quanto se tratando de rádio, resguardadas as devidas proporções (não tendo a visão como auxiliadora para a fixação da notícia, os radialistas precisam investir na audição do espectador de rádio. Para isso, eles também pensam em maneiras de chamar a atenção do ouvinte com vinhetas, background/cortinas, que são os sons de fundo que se ouve enquanto se narra a notícia, além utilizar de frases curtas e incisivas, com textos simples, claros e sem ambiguidades. Isso ajuda no momento da locução e da compreensão. O radialista sabe que o seu ouvinte não poderá voltar a notícia para entender o que ele falou e também não há ajuda de imagens para fixar o que está sendo dito, então há apenas uma oportunidade de se fazer entender).

3.1 FALA LIDA E ESCRITA FALADA NOS TELEJORNAIS

Cotes (2008) argumenta que escrever e falar são categorias diferentes do uso da língua e cada uma delas tem regras próprias. No entanto, uma não exclui as características da outra. Segundo Pacheco (2006), uma das hipóteses que explica o surgimento da escrita se baseia na necessidade de representar a língua falada. De acordo com a autora, “essa hipótese é fortemente sustentada pelo princípio básico que está subjacente no sistema alfabético: a representação gráfica dos sons de uma dada língua.” (PACHECO, 2006, p.81).

Lage (2006) explica que, no jornalismo, a escrita é uma forma de organizar a informação. O jornalista, ao responder minimamente as seis perguntas do *lead*¹⁶, (“O que? Quem? Onde? Como? Quando? e Por que?”) já tem informações suficientes para contar uma história. Essas perguntas são a base para a construção da notícia. A partir delas, o jornalista consegue desenvolver sua história.

De acordo com Peucer (2004), a fala de um jornalista precisa ser clara e concisa. Para o autor, os jornalistas devem

mostrar os fatos claramente e torná-los compreensíveis da maneira mais diáfana, com palavras não obscuras e fora de uso, nem tampouco com palavras próprias dos mercados e dos botecos, de tal modo que a maioria as entenda e que os eruditos as respeitem (PEUCER, 2004, p.25).

Para Yorke (1998), um bom texto jornalístico precisa ser simples e para que isso aconteça, é importante “pensar em voz alta antes de escrever”. Assim, “quanto menos natural soar, maior a probabilidade de estar errado.” (YORKE, 1998, p.62).

Apesar dessas sugestões de escrita para o jornalismo atual, Cotes (2008) comenta que nos primeiros anos de televisão, os jornalistas falavam num tom mais formal, mais distante do público e isso era visto como maior grau de profissionalismo, mas, ao mesmo tempo, essa postura dificultava a retenção dos fatos na memória dos telespectadores. Com o passar dos anos, de acordo com a autora, esse modo formal foi perdendo espaço e os jornalistas passaram a usar de um tom mais coloquial, trazendo palavras mais simples para o texto. Essa nova forma de escrever, mais a tentativa de informalidade ao falar, simbolizou uma grande mudança no telejornalismo.

Reis (2000) defende que o telejornalista converte o texto escrito em oral para que haja a ilusão de diálogo e que utiliza de todos os parâmetros prosódicos de acordo com sua

¹⁶ As principais perguntas que comporão o escopo da matéria.

interpretação pessoal e, para chamar a atenção dos ouvintes para uma determinada palavra ou expressão, utiliza a ênfase.

Já para Constantini (2012, p.2) o estilo de fala do telejornalista¹⁷ “combina traços de leitura oral e fala espontânea, pois, normalmente, o telejornalista, [...] conta com o apoio visual da leitura, mas busca uma produção com características de fala espontânea”.

Apesar de suas diferenças, os autores concordam que o jornalista utiliza da leitura e convertem-na em fala, tentando ao máximo soar como diálogo. Bastos e Gonzales (1988, apud COTES, 2008, p.36) defendem que “um texto de televisão não é para ser lido. É para ser ouvido e por isso, precisa ser agradável aos ouvidos”. E complementam: “O texto de TV tem um estilo: seu conteúdo tem que ser escrito para ser falado.” (BASTOS; GONZALES, 1988, apud COTES, 2008, p.36).

Nesse sentido, o que tem acontecido nos telejornais brasileiros é a transformação da escrita e da leitura pura e simples das informações em diálogos com os telespectadores. O jornalista, hoje, tem a possibilidade de comentar, opinar, brincar com os colegas de bancada e conversar com quem assiste, como se estivesse na sala de sua casa.

Hoje, essa transformação é cada vez mais visível dentro dos telejornais. Dentre os canais abertos, a Rede Globo de Televisão tem investido cada vez mais nesse processo de “naturalização” da apresentação.

No próximo capítulo, abordaremos um pouco mais sobre a história do telejornalismo da Rede Globo e como a emissora alcançou o patamar que conhecemos hoje.

¹⁷ É necessário que se compreenda que ao tratamos de telejornalistas, estamos sempre nos referindo aos jornalistas brasileiros. Nesta pesquisa não fizemos nenhum tipo de levantamento ou análise de como é a fala de jornalistas estrangeiros. Não podemos afirmar que exista uma “cartilha” universal sobre o estilo de fala de telejornalistas e que todos sigam o mesmo modelo. Acreditamos que esse estilo de fala esteja relacionado à cultura de cada país.

4 A REDE GLOBO DE TELEVISÃO

"Sendo eu jornalista, é com orgulho que constato ser o Jornal Nacional uma das estrelas de nossa programação."
(MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.262)¹⁸

Antes de nos debruçarmos acerca da história da criação e do crescimento da Rede Globo, atualmente, uma das maiores emissoras do canal aberto brasileiro, se faz necessário introduzir o assunto descrevendo e revisando um pouco acerca da história da televisão brasileira, assim como devemos também retomar a história do telejornalismo no Brasil.

Por encontrarmos bons e extensos trabalhos sobre os temas em vários livros e artigos sobre Comunicação, iremos então, nos próximos subcapítulos, sintetizaremos alguns pontos importantes da história até a construção e desenvolvimento da Rede Globo.

4.1 O NASCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA TELEVISÃO E DO TELEJORNAL NO BRASIL

De acordo com as pesquisas de Mattos (2010), a televisão começou a ser implantada no Brasil em fevereiro de 1949, quando Assis de Chateaubriand (jornalista e dono da Empresa Diários Associados)¹⁹ comprou da empresa americana, RCA, os equipamentos necessários para se montar uma emissora. O autor (2010) ainda explica que, ao ser informado que não havia televisores para captar as imagens transmitidas pela central, Chateaubriand, sabendo que mesmo sua grande influência e amizades não conseguiriam trazer os aparelhos de fora em tempo hábil para a inauguração, mandou que os aparelhos fossem enviados para o país por meio de contrabando. "E dessa forma a *Tupi* instalou televisores em lojas e em bares da cidade (de São Paulo), além do saguão dos Diários Associados, onde uma multidão ficou esperando para ver a novidade" (MATTOS, 2010, p. 27-28).

Um ano e sete meses depois, mais precisamente em 18 de setembro de 1950, foi ao ar o primeiro canal de televisão brasileiro: A "PRF-3 Difusora, depois TV *Tupi*" (PATERNOSTRO, 1999, p. 28)

¹⁸ Fala atribuída a Roberto Marinho.

¹⁹ Ver mais em: Chatô o Rei do Brasil.

Mattos (2010) explica ainda que apesar de só ser implantada em 1950, Chateaubriand utilizou os Diários Associados como publicitários da nova tecnologia, além de desenvolver estratégias para treinar os atores de rádio para a TV.

Na época em que a televisão foi inaugurada no Brasil, o rádio ainda era o meio de comunicação mais popular, dessa forma, a primeira se ergueu utilizando da “estrutura, formato, técnicos e artistas” (MATTOS, 2010, p. 23) do rádio para a produção e apresentação dos seus programas e isso incluía os telejornais.

A partir do nascimento do telejornal, um elemento muito comentado por vários autores que estudam a história do telejornalismo no país é o formato de produção e apresentação das notícias. De acordo com Rezende (2000, 2010), Mello (2009), Mattos (2010) e Maia (2011), dentre outros, a maioria dos jornalistas que iam para a TV vinham das rádios e levavam o estilo radiofônico para os telejornais. Mello (2009, p.2) explica que,

No início de sua história, a linguagem do telejornal era mais próxima à do rádio. As frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre os assuntos enfocados. Na transmissão da notícia, o locutor passava os acontecimentos como eles ocorriam e dava ao conteúdo todos os detalhes e adjetivos possíveis. Por esse quadro, o programa de maior sucesso da década de 1950, o “Repórter Esso” se transformou num grande sucesso na TV (MELLO, 2009, p.2).

Conforme Rezende (2000, apud MAIA, 2011), o Repórter Esso foi para a televisão como uma adaptação do jornal radiofônico que carregava o mesmo nome. Se firmou no horário nobre por muitos anos e ficou conhecido pelo slogan “testemunha ocular da história”.

Apesar de ser um importante jornal na década de 1950, O Repórter Esso não foi o primeiro telejornal a entrar no ar. Segundo Maia (2011, p. 1), “o primeiro telejornal brasileiro foi ao ar dois dias depois do nascimento da televisão no país. Imagens do Dia, apresentado por Ruy Resende na TV Tupi, Canal 6 de São Paulo”.

Por conta das limitações da tecnologia, o material que ia para televisão demorava cerca de doze horas para ser revelado e montado. Então, apesar de ser diário, o jornal só conseguia mostrar fotografias de fatos marcantes ou material audiovisual de acontecimentos ocorridos há até doze horas passadas. No entanto, tudo que ia para TV era recebido com muita curiosidade pelo público (restrito) da época. A televisão ainda era algo novo e intrigante na década de 1950.

Neste primeiro momento, a televisão era considerada artigo de luxo e apenas poucas famílias economicamente abastadas tinham um aparelho em casa. Apenas em 1964, que a televisão começou a se popularizar como meio de informação de massa. Também foi nessa época que o jornalista e empresário Roberto Marinho conseguiu uma concessão para

desenvolver a emissora Globo no Rio de Janeiro. “No dia 26 de abril, às 10:45 da manhã, (*de 1965*²⁰) entrava no ar a TV GLOBO, [...] que se transformaria em uma das maiores Redes de televisão do mundo” (PATERNOSTRO, 1999, p. 31).

Na próxima sessão abordaremos mais sobre a criação e desenvolvimento da Rede Globo de Televisão e sobre os telejornais que já foram produzidos pela emissora.

4.2 REDE GLOBO DE TELEVISÃO: INOVAÇÃO NO MODO DE SE FAZER JORNALISMO

A Rede Globo nasceu num período ainda complicado para quem queria fazer televisão. Primeiro, por conta da tecnologia para a produção de material televisivo. Depois, por conta do período de regime militar que censurava a produção dos materiais a serem exibidos.

Paternostro (1999) relata que a Rede Globo foi ao ar com uma programação mais popular com programas de auditórios. Contudo, o telejornal não foi deixado de lado. Já na inauguração da Rede Globo, em abril de 1965, foi exibido o Tele Globo, o primeiro telejornal da emissora (MEMÓRIA GLOBO, 2004). Além do Tele Globo, a emissora ainda produziu o Ultranotícia, que posteriormente se tornou o Jornal da Globo.

Assim como as outras emissoras do país, a Globo também começou exibindo sua programação regionalmente no Rio de Janeiro. Mais tarde, ampliou sua Rede para São Paulo e Belo Horizonte e, aos poucos, foi comprando ou contratando emissoras pelo país (as chamadas afiliadas) para aumentar a cobertura do seu sinal (PARTENOSTRO, 1999). Somente em 1969, depois que a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações – fundada em 1965²¹) aderiu “ao consorcio internacional para a utilização de satélites de telecomunicações” (PARTENOSTRO, 1999, p. 31), uma estrutura que permitiu a utilização de sistema de micro-ondas para a transmissão do sinal analógico, que foi possível lançar o primeiro programa nacional; e a Globo foi a pioneira com a exibição do *Jornal Nacional*.

Com a criação do JN, a Globo começou, aos poucos, a mudar o modo de pensar e de fazer telejornalismo. Se antes as notícias eram pensadas num público regional, agora as matérias deveriam interessar tanto ao público do norte, quanto ao do sul.

[...] a equipe de jornalismo da TV Globo teve que desenvolver o conceito de noticiário nacional, ainda inexistente na televisão brasileira. Uma série de critérios foi então formulada para servir de guia na seleção e na hierarquização

²⁰ Grifo nosso.

²¹ Fonte: <<https://www.embratel.com.br/a-empresa>> Acesso em: 16 Nov. 2018.

das notícias. As matérias deveriam ser de interesse geral e não regionais ou particularistas. Os assuntos tinham que chamar a atenção tanto do telespectador de Manaus quanto de Porto Alegre. Era necessário não superdimensionar uma região em detrimento de outra, pensar sempre em como determinada nota poderia repercutir em estados diferentes. Num país continental, com tantas diferenças regionais, era uma tarefa difícil, e a equipe teve que ir aprendendo aos poucos. Como havia editores oriundos de várias regiões, a troca de ideias era sempre enriquecedora para todos. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 30)

Com o avanço tecnológico, a modernização das câmeras, que até então só possibilitavam filmar sem gravar o som, a chegada do teleprompter, a transmissão colorida e a possibilidade de transmitir uma notícia ao vivo, via satélite, a Globo, que já fazia coberturas nacionais e internacionais, modernizou ainda mais o modo de se fazer telejornal.

As câmeras que gravavam imagem e som facilitaram a inserção das entrevistas nas matérias. O teleprompter permitiu que a leitura, que antes era feita alternando o olhar entre o papel e a câmera, fosse feita sem o uso do papel. O jornalista agora “olha diretamente para o telespectador” e isso possibilitou o início da “naturalização da fala” ao apresentar o telejornal.

Esse cuidado técnico com a produção dos seus telejornais gerou boas críticas para a Globo. Décio Pignatari (1984, *apud* REZENDE, 2010, p. 63) afirmou que a Globo

[...] eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como a entoação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com um excelente “*timing*” texto e imagem” (PIGNATARI, 1984, *apud* REZENDE, 2010, p. 63).

De acordo com Mello e Souza (1984, *apud* REZENDE, 2010), Boni, atualmente ex-diretor da Globo, acreditava, quando ainda trabalhava na emissora, que os apresentadores dos telejornais precisavam ser competentes, ter uma boa voz, um bom timbre e uma boa aparência para conquistar a audiência do público, bem como para ganhar credibilidade.

Considerando as reflexões acerca dos investimentos técnicos e tecnológicos da Rede Globo, veremos a seguir como se instituiu o “Padrão Globo de Qualidade”.

4.3 PADRÃO GLOBO DE QUALIDADE

Mattos (2010) explica que no início da década de 1970, a Globo começa a se preocupar com a qualidade técnica de seus programas. Inicia aí a criação do chamado “Padrão Globo de Qualidade”.

Além da questão técnica, os produtores, editores e diretores da Central Globo de Jornalismo (CGJ) se preocuparam em sistematizar o texto escrito e o modo como ele era lido pelo jornalista. Assim,

Em 1975, Armando Nogueira e Alice-Maria²² resolveram sistematizar algumas normas básicas de redação num pequeno manual. Eram seis páginas mimeografadas, que traziam algumas regras sobre como escrever para televisão. O texto ali era considerado um elemento fundamental para a compreensão dos fatos, desempenhando papel que não era secundário. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 47)

Além do cuidado com a escrita para a televisão, Alice-Maria também se preocupava com a fala dos repórteres. Num relato sobre a história da fonoaudiologia no telejornalismo (in: FEIJÓ; KYRILLOS, 2004), a ex-diretora executiva da Globo explica que, no início da década de 1970, a emissora sentiu a necessidade de mudar o modo de se falar na televisão.

Relembrando, no início do telejornalismo, os locutores apenas liam as notícias e usavam imagens e mapas apenas para ilustrar as informações verbais. Rezende (2010) comenta que essa postura gerou críticas aos noticiários da época. “Ler um papel frente às câmeras não é informar. Mostrar uma foto que todo mundo já viu também não. Jornalismo de televisão tem de ser muito mais” (LOBO, 1969 apud REZENDE 2010, p. 58).

A partir da década de 1970, depois do surgimento do Jornal Nacional e com o crescimento da emissora a nível nacional, a Globo percebeu a necessidade de mudar o jeito de se fazer telejornalismo. Assim, investiu na contratação de fonoaudiólogos para ajudar seus repórteres e apresentadores a “naturalizar” a fala e sair do modo engessado que se tinha antes, além de “suavizar” os sotaques regionais para que estes não sobressaíssem às notícias (REINIGER, 2004) e interferissem na compreensão de quem escuta (BONORA, 2004).

Deste modo, aos poucos, a Rede Globo construiu e solidificou o chamado “Padrão Globo de Qualidade” que, de acordo com o documento Princípios e Valores da TV Globo no vídeo (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2009),

Integra o patrimônio da TV Globo e foi desenvolvido graças à competência de seus profissionais. Todas as áreas, notadamente as responsáveis pela produção de conteúdo, programação e exibição, estão comprometidas em garantir que tudo que for exibido se apresente em conformidade com os mais elevados padrões técnicos e de qualidade artística (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2009, p. 24).

²² 1973-82 Armando Nogueira (diretor-geral), Alice-Maria (diretora de Teles) / 1983-90 Armando Nogueira (diretor-geral), Alice-Maria (diretora executiva)

Este mesmo documento ainda afirma que a “qualidade em tudo o que faz deve ser elemento indissociável da identidade corporativa da TV Globo. Tal diferencial favorece o pronto reconhecimento dos conteúdos por ela exibidos” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2009, p. 12). E complementa que “a TV Globo acredita que a preferência e a confiança do telespectador dependem, fundamentalmente, da adequação e qualidade dos conteúdos, e estes do talento e do trabalho das equipes” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2009, p. 12).

Embora as primeiras diretrizes tenham sido formuladas na década de 1970, ainda hoje, percebemos que há um cuidado especial (tanto no sentido técnico, de aparelhagem, tecnologia, quanto no sentido visual, figurino, maquiagem, modo de se portar diante da câmera, modo de falar...) que consolidou a Globo como a emissora aberta mais vista pelos brasileiros, de acordo com as pesquisas realizadas pela empresa Meta Pesquisa de Opinião, em 2010. Entendemos ainda que o “padrão Globo de qualidade” passou por diversos afinamentos, acompanhando o avanço tecnológico sobretudo no campo audiovisual, de modo que o padrão da década de 1970 difere-se do padrão da década de 2010. Sob essa perspectiva, este trabalho se concentra nos aspectos mais recentes desse padrão.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

“A journey of a thousand miles begins with a single step”.

(Lao-Tsu, 604 a.C. – 531 a.C.)

Para dar conta das questões deste trabalho, a lembrar, avaliar acusticamente as características prosódicas dos telejornalistas da Rede Globo, optamos por avaliar contrastivamente o padrão prosódico utilizado pelos jornalistas da Rede Globo, com o padrão prosódico de jornalistas das outras duas emissoras mais vistas no canal aberto, além de avaliar o padrão prosódico entre os jornalistas da própria emissora Globo. Assim, tivemos dois tipos de análises:

- 1º) entre as três emissoras, para a base comparativa; e
- 2º) intraemissora, com o propósito de verificar a variação prosódica da fala dos jornalistas da Rede Globo e se há algum padrão nessa variação que contribua com o “Padrão Globo de Qualidade”.

Depois de selecionar os telejornais que comporiam o estudo, esta pesquisa se organizou em três etapas principais:

- 1ª) Preparação e aplicação do teste de percepção;
- 2ª) Seleção de oitiva dos grupos tonais (GTs);
- 3ª) Análise acústica dos parâmetros de F_0 e tessitura.

Neste capítulo, trataremos de explicar quais medidas tomamos para chegarmos aos resultados desta pesquisa.

5.1 PREPARAÇÃO E APLICAÇÃO DO TESTE DE PERCEPÇÃO

Para aplicarmos o teste de percepção, seguimos os seguintes passos:

- 1º) Seleção dos telejornais que compuseram a pesquisa;
- 2º) Seleção das matérias e anos que compuseram a pesquisa;
- 3º) Seleção dos sujeitos da pesquisa;
- 4º) Preparação do questionário da pesquisa;
- 5º) Aplicação do teste de percepção;
- 6º) Tabulação dos dados;
- 7º) Análise estatística descritiva dos dados.

Selecionamos, para compor esta pesquisa, vídeos de telejornais das emissoras Rede Globo, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e Rede Record que seguissem o mesmo formato editorial, que foram apresentados na mesma faixa de horário²³ e na mesma época, de modo a garantir uma base comparativa equivalente.

Por nossa pesquisa ter como foco os telejornais da Rede Globo e considerando o trabalho de Azeredo, Pacheco e Oliveira (2018), que confirma, a partir de pesquisa de campo, que dentre os telejornais exibidos em canais abertos, os da Rede Globo são os mais assistidos, e dentre eles, o Jornal Nacional foi o mais visto pelo público alvo daquela pesquisa, optamos por selecionar o JN como um dos jornais exibidos no teste de percepção e, a partir dele, selecionamos os outros telejornais.

A escolha das emissoras SBT e Rede Record se deu por um motivo simples: audiência. A Rede Globo, entre os canais abertos, é líder de audiência na grande maioria da sua programação, apresentando queda do índice audiência, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), em alguns poucos programas ora para o SBT, ora para a Rede Record.

A princípio, para uma análise entre as emissoras, escolhemos trabalhar com os jornais diurnos e com os jornais noturnos das três emissoras²⁴. No entanto, os telejornais *Primeiro Impacto*, do SBT, e *Balanço Geral*, da Rede Record, além de não seguirem o estilo tradicional dos jornais da Rede Globo, e sim uma linha mais sensacionalista, também apresentavam um BG²⁵ que impossibilitava a análise acústica da F₀ da voz dos jornalistas. Assim, optamos por excluir esses jornais e trabalhar comparativamente apenas com os jornais noturnos.

Escolhidos os jornais da pesquisa, de acordo com o quadro 1, passamos para a escolha das datas de pesquisa. Como trabalharíamos, a princípio, com os jornais matutinos e noturnos, escolhemos uma data que tivéssemos vídeos dos jornais das três emissoras disponíveis em algum portal online (*youtube*, ou no próprio site do telejornal). Assim, escolhemos os anos de

²³ O horário de apresentação dos telejornais comumente dita o formato de apresentação destes. O jornal matutino carrega um tom mais leve e traz assuntos gerais sobre o que aconteceu no dia anterior, quais são os principais destaques do dia, como está o trânsito, e o que aconteceu na madrugada. O jornal de meio-dia, também carrega um estilo mais leve trazendo os acontecimentos da manhã. O jornal da noite traz os principais acontecimentos do dia de modo mais denso que os outros dois e o jornal da madrugada (00:00) faz uma análise do que aconteceu durante o dia e traz informações do que acontecerá no dia seguinte.

²⁴ Não pudemos incluir na pesquisa o turno vespertino porque o SBT não possui telejornais neste período.

²⁵ BG ou *Background* é o som do ambiente ou música de fundo que acompanha a fala do apresentador ou do repórter na passagem (momento em que o repórter aparece na matéria) ou no *off* (fala gravada do repórter).

2016 e de 2017, isso porque o jornal *1º Impacto*, exibido pela emissora SBT e escolhido para esta pesquisa (*a priori*), estreou em 2016. No entanto, com a retirada dos jornais diurnos da pesquisa, continuamos com estas datas por considerar que este recorte nos dava uma boa amostra da fala “atual²⁶” dos jornalistas.

Assim, formamos o seguinte quadro de telejornais entre emissoras:

Quadro 1 – Seleção dos telejornais por emissora

Emissoras	Jornais	Horário
Rede Globo	<i>Jornal Nacional</i>	20h15m
SBT	<i>Jornal SBT Brasil</i>	19h45m
Rede Record	<i>Jornal da Record</i>	21h40m

Fonte: Elaboração própria

Para o ano de 2017, selecionamos vídeos que foram ao ar no dia 18 de maio, que diziam respeito à delação premiada que o dono do frigorífico JBS fez do então presidente Michel Temer. Todas as matérias levantaram a mesma questão a respeito da delação e sua repercussão imediata. Esta matéria foi escolhida por questão de relevância e impacto nacional no ano em questão.

Já para o ano de 2016, pretendíamos selecionar a primeira matéria exibida pelos telejornais também do dia 18 de maio. Optamos por pegar sempre a primeira matéria, para não correremos o risco de favoritismo para com uma ou outra emissora, contudo, o SBT não possui um banco de dados de vídeos jornalísticos organizado nem no site oficial da emissora, nem em seu *vlog*²⁷ no *youtube*. Por conta dessa dificuldade em encontrar os vídeos da emissora na data escolhida, optamos por selecionar vídeos de datas próximas do mesmo mês. Deste modo, se tornou complicado controlar qual matéria escolher e o quesito de escolha da primeira matéria da edição do dia foi comprometido por esse problema.

Outro fator que não pudemos controlar foi o tema tratado em cada matéria no ano de 2016. As matérias reportaram várias editorias: do Policial, à Política. Vejamos no quadro 2:

²⁶ Este estudo se iniciou no ano de 2017, dessa forma, esse “atual” se refere a data de realização desta pesquisa. Sabemos que o jornalismo de forma geral, está sempre sofrendo modificações tanto no formato de texto, quanto no modo de apresentação. Dessa forma, compreendemos que o “atual” de 2017 poderá ser retrógrado muito brevemente.

²⁷ Vlog é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. Fonte: <<https://www.significados.com.br/vlog/>>.

Quadro 2 – Seleção dos telejornais das emissoras Globo, SBT e Record e suas respectivas editorias nos anos de 2016 e 2017

Telejornais da Rede Globo	Anos e editorias		Total de matérias
	2016	2017	
<i>Hora 1</i>	Policial	Política	2 matérias
<i>Bom Dia Brasil</i>	Saúde	Política	2 matérias
<i>Jornal Hoje</i>	Economia	Política	2 matérias
<i>Jornal Nacional</i>	Política	Política	2 matérias
<i>Jornal da Globo</i>	Política	Política	2 matérias
			10 matérias
Telejornal da SBT	Anos e editorias		Total de matérias
	2016	2017	
<i>SBT Brasil</i>	Saúde	Política	2 matérias
Telejornal da Rede Record	Anos e editorias		Total de matérias
	2016	2017	
<i>Jornal da Record</i>	Policial	Política	2 matérias

Fonte: Elaboração própria.

Nas edições selecionadas dos jornais noturnos, temos a seguinte composição de apresentadores e repórteres:

- *Jornal Nacional:*
 - âncoras: William Bonner e Renata Vasconcellos;
 - repórteres: Delis Ortiz (2016) e José Roberto Burnier (2017).
- *Jornal SBT Brasil:*
 - âncoras: Carlos Nascimento e Raquel Sheherazade;
 - repórteres: Solange Boulos (2016) e Daniel Adjuto (2017).
- *Jornal da Record:*
 - âncoras: Celso Freitas e Adriana Araújo;
 - repórteres: Emerson Ramos (2016) e Cleisla Garcia (2017).

Após a escolha dos telejornais e das edições, começamos a selecionar os sujeitos que participariam do teste de percepção. No entanto, antes de descrevermos como foi a escolha, primeiro se faz necessário explicar, ao menos sucintamente, sobre os telejornais que compõem este estudo.

5.1.1 Os jornais da pesquisa

Como explicitado anteriormente, trabalharemos com os cinco principais telejornais da Rede Globo de televisão para a análise intraemissora e um noticiário do SBT e um da Record para a análise entre emissoras.

A seguir, apresentaremos os telejornais selecionados das emissoras pesquisadas.

5.1.1.1 Jornais da Rede Globo de televisão

O Jornal *Hora Um da Notícia*, ou simplesmente *Hora 1*, é o mais novo telejornal produzido pela Rede Globo e sua estreia foi em dezembro de 2014 às 5 horas da manhã (MEMÓRIA GLOBO, 2014). Apesar de trazer na sua formatação o estilo tradicional, este telejornal traz a inovação de ser mais leve, apresentando certo nível de coloquialidade apresentado pela âncora Monalisa Perrone.

O *Bom Dia Brasil*, inicialmente, era apresentado em Brasília e seu foco estava em notícias de cunho econômico e político (G1. BOM DIA BRASIL, 2010). Atualmente, o jornal é apresentado por Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo e exibe um formato mais próximo de revista e ganhou outras editorias²⁸ além das já apresentadas. Esse novo formato possibilitou um maior dinamismo e coloquialidade nas apresentações das notícias.

O *Jornal Hoje (JH)* é um dos jornais mais antigos da Rede Globo, com data de estreia em 1971 (G1. JORNAL HOJE, 2010). O jornal nasceu com o formato de revista diária com editorias de cultura, moda, arte, entrevistas... Inicialmente, era restrito apenas ao estado do Rio de Janeiro. Em 1974, de acordo com o histórico do telejornal²⁹, o jornal passou a ser exibido em todo o país. Atualmente, o *JH* está com uma linguagem diferente que transita entre a “seriedade” do jornalismo e a dinâmica da revista.

Se por um lado temos o “caçula” dos telejornais, o *Hora 1*, por outro, temos o veterano da Rede Globo, o *Jornal Nacional (JN)*, que é produzido e exibido pela Rede Globo de segunda a sábado no horário noturno, às 20h30m. Desde a sua estreia, em setembro de 1969, sob o comando de Hilton Gomes e Cid Moreira, o jornal passou por diversas evoluções, mas sempre manteve sua marca: o estilo tradicional de apresentação e da construção do material noticiado, formato (dois âncoras) e vinheta (G1. JORNAL NACIONAL, 2010). Esse estilo do *JN* se

²⁸ Blocos temáticos dos telejornais, como política, economia, moda, segurança, etc...

²⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/historia-do-jornal-hoje.html>>.

tornou um referencial a ser seguido pelos outros telejornais que também seguem por uma linha mais tradicional. Atualmente, o *JN* é apresentado por William Bonner e Renata Vasconcelos.

Por fim, temos o *Jornal da Globo*, o último telejornal da Rede Globo, que é apresentado de segunda a sexta em horário não fixo, iniciando entre 23:30 e 00:30. O telejornal é exibido pela Rede Globo desde 1979 e desde sua estreia tem como foco uma análise mais aprofundada das principais notícias do dia (G1. JORNAL DA GLOBO, 2010). Vários jornalistas já passaram pela bancada que atualmente é assumida pela jornalista Renata Lo Prete³⁰.

Além desses telejornais, ainda existem outros que fazem parte da grade da Rede Globo, como o Globo Rural, o Globo Esporte, Brasil TV, sem contar com os regionais e as afiliadas.

5.1.1.2 *Jornal do Sistema Brasileiro de Televisão - SBT*

O jornal *SBT Brasil* é um telejornal noturno, produzido e exibido pelo SBT, que vai ao ar de segunda a sábado, no horário de 19h45. Ele segue uma linha mais tradicional do jornalismo. Assim, o conteúdo, o formato e o modo como os âncoras se comportam e apresentam as notícias segue um tom mais sério, sem muito espaço para gracejos ou brincadeiras. O telejornal teve sua estreia em agosto de 2005 sob o comando de Ana Paula Padrão. Atualmente, é apresentado por Carlos Nascimento e Rachel Sheherazade.

5.1.1.3 *Jornal da Rede Record*

O *Jornal da Record*, produzido e exibido pela Rede Record, de segunda a sexta às 20h40 e sábado, às 19h45, estreou em 1972 e atualmente é apresentado por Celso Freitas e Adriana Araújo (WIKIPEDIA, 2017). O *JR*, assim como o *SBT Brasil*, também é influenciado pelo *JN* em seu modo de organizar a produção de conteúdo, o estilo e a apresentação das notícias.

³⁰ A edição escolhida para esta pesquisa é referente ao mês de maio, data esta, em que o âncora do telejornal ainda era o jornalista William Waack. Só no mês de dezembro, (mais precisamente, dia 27 de dezembro de 2017) que a jornalista Renata Lo Prete assumiu a bancada do jornal.

5.1.2 Seleção dos sujeitos para o teste de percepção

Para juízes dos testes de percepção, escolhemos graduandos das quatro grandes áreas do conhecimento: Naturais e da Terra, Exatas, Humanas e Saúde, e obtivemos 48 juízes: 24 homens e 24 mulheres com idades entre 18 e 33 anos, moradores do estado da Bahia. Nenhum participante relatou problemas de audição e/ou visão.

Depois de selecionados, definimos 4 estudantes de cada área para cada um dos três grupos controle:

- Grupo 1: os juízes assistiam às matérias dos telejornais já sabendo a qual telejornal cada notícia pertencia;
- Grupo 2: os juízes ouviam as matérias dos telejornais sem ver as imagens. A esse grupo foi informado sobre a origem de cada matéria;
- Grupo 3: os juízes ouviam as matérias dos telejornais sem ver as imagens e sem informação prévia sobre a qual telejornal pertenciam.

Tabela 1 – Sujeitos selecionados para o teste de percepção

Estudantes:	Grupo 1 (Sujeitos)	Grupo 2 (Sujeitos)	Grupo 3 (Sujeitos)
Humanas	4	4	4
Naturais e da Terra	4	4	4
Saúde	4	4	4
Exata	4	4	4
Total de sujeitos	16	16	16

Fonte: Elaboração própria.

5.1.3 Preparação do questionário

O questionário foi desenvolvido com o propósito de verificar se as matérias e as vozes dos jornalistas da Rede Globo seriam melhor avaliados que os demais, considerando a máxima de “padrão de qualidade” pregado pela emissora. Para avaliar a recepção dos telejornais pelo público, utilizamos na construção do questionário a escala de diferencial semântico, que possibilitava o juiz escolher dentre as opções aquela que mais se aproximava da sua impressão auditiva.

Sampieri, Collado e Lucio (1998, p. 266) explicam que a escala de diferencial semântico foi criado originalmente por Osgood, Suci y Tannenbaum (1957) para “explorar las

dimensiones del significado”.³¹ Então a escala de diferencial semântico é utilizado para “calificar al objeto de actitud en un conjunto de adjetivos bipolares, entre cada par de adjetivos se presentan varias opciones y el sujeto selecciona aquella que refleje su actitud en mayor medida³²” (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 1998, p.266). Em outras palavras, utilizamos do diferencial semântico para medir o grau de importância de determinado assunto para cada indivíduo. Sousa (2006) também explica que nela podemos utilizar de uma escala de 5 ou 7 pontos que comumente são adjetivos opostos. No nosso caso, por exemplo, pedimos para as pessoas avaliarem o grau de altura da voz dos jornalistas utilizando no questionário a seguinte escala: Muito aguda – Aguda – Mediana – Grave – Muito grave. Assim pudemos verificar o quão aguda ou grave é a voz de cada jornalista para os juízes.

O questionário foi composto por 14 perguntas³³. As questões tinham por objetivo saber como os juízes avaliavam a confiabilidade e a qualidade do som da matéria, a limpeza, a beleza, a altura e o volume da voz dos apresentadores e dos repórteres.

Cada pergunta foi pensada com um objetivo específico e explicamos a cada um dos juízes o que queríamos saber com tais questões.

A que se relacionava com a limpeza da voz, tinha por intuito saber como o juiz avaliava da clareza da voz daquele jornalista e o quanto era clara. E por clareza, esclarecemos que era uma fala com boa dicção, sem rouquidão ou nasalação.

A questão sobre a beleza da voz intencionava saber como o participante avaliava a agradabilidade da voz dos telejornalistas.

Outra pergunta que estava no questionário foi em relação à altura da voz. Nesta questão em específico, além de saber sobre como o juiz do teste percebia o tom da voz, grave ou agudo, buscávamos por algum padrão de tom para os jornalistas para tentar correlacionar com outros fatores, como por exemplo a beleza da voz (talvez uma voz bonita estivesse relacionada ao tom mais grave ou mais agudo).

Buscamos, também, saber como o volume das matérias era percebido. Mesmo sabendo que não poderíamos analisar a intensidade da voz dos jornalistas, pois não controlamos o modo como a captação do som foi feita pelas emissoras, fizemos a pergunta com o intuito de saber como o som é percebido pelos ouvintes e se, para eles, haveria alguma variação entre o som apresentados pelas diferentes emissoras.

³¹ Tradução nossa: “explorar as dimensões do significado”.

³² Tradução nossa: Classificar ao objeto de atitude em um conjunto de adjetivos bipolares, entre cada par de adjetivos se apresenta várias opções e o sujeito escolhe aquela que reflete sua atitude em maior medida.

³³ Ver apêndice A.

Além da questão da voz, também procuramos saber se os juízes consideravam as matérias confiáveis e qual o grau de confiabilidade passada por elas. Essa pergunta tinha a intenção de saber se o público ainda confia no que a mídia mostra e qual o grau dessa confiança, além de poder comparar qual emissora transmite mais confiança para o público.

Por fim, buscamos saber também sobre a qualidade do som. Se havia ruídos, chiado, ecos, reverberações ou outras distorções no som e o quanto isso influenciava na percepção da qualidade do mesmo. Apesar de termos extraído os vídeos das plataformas virtuais de cada emissora, tivemos o cuidado de baixar os arquivos com o máximo de qualidade de som e de imagem.

Essas questões visavam entender tanto como a voz de cada jornalista foi avaliada, quanto entender como a matéria foi analisada. Assim, pudemos comparar as duas questões entre as emissoras e ter um quadro geral sobre a preferência dos juízes por um ou outro jornal e sua possível relação com as vozes dos jornalistas.

5.1.4 Aplicação do teste de percepção

Após escolher quais edições de telejornais seriam foco de análise desta pesquisa e quais matérias iriam compor nosso quadro, iniciamos a organização das matérias para exibir para os sujeitos que fariam o teste de percepção.

Como exposto anteriormente, escolhemos trabalhar com três diferentes grupos de juízes. Esta metodologia foi adotada pensando em atenuar outros fatores que não estivessem ligados estritamente a interpretação auditiva, como questões ideológicas, de gosto e afins. Os juízes foram orientados a observarem apenas as vozes e o conteúdo das notícias, deixando de lado as outras questões que não se relacionassem com os nossos estudos.

Para a aplicação do teste de percepção, utilizamos o laboratório de Pesquisa em Fonética e Fonologia (Lapeff), situado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Buscando garantir o máximo de silêncio possível, aplicamos os testes em dias em que não havia aula no prédio, ou encontro de pesquisa nos laboratórios vizinhos.

Todas as notícias foram exibidas no programa *Windows Media Player*, de maneira aleatória, a fim de não correremos o risco de parcialidade ou tendenciosidade na ordem de exibição das matérias. Os juízes assistiram/ouviram as matérias ou individualmente, ou em grupos de até 4 pessoas. Quando em grupo, os avaliadores se sentavam lado a lado em frente à mesa onde estava o *notebook* e ouviam/assistiam as matérias.

Cada juiz assistiu/ouviu as matérias, num total de 6 vídeos (2 da Rede Globo, 2 do SBT e 2 da Rede Record). Esses vídeos variavam de 1 a 5 minutos e juntos somavam 21 minutos e 22 segundos.

Para cada vídeo a que o juiz assistiu, ele respondeu ao questionário constituído de 10 ou de 14 perguntas, conforme disposto no apêndice A. O questionário que continha apenas 10 questões se referia a matéria que havia apenas um âncora e um repórter. Já os questionários que continham 14 perguntas se referiam ao vídeo/áudio que apresentava dois âncoras e um repórter. Assim, 1 questionário tinha 10 questões e 5 apresentaram 14 questões (14 questões multiplicado por 5 questionário é igual a 70 questões). Dessa forma, cada juiz respondeu a seis questionário que, somados, totalizaram 80 perguntas. Assim, somando todas as respostas de todos os juízes temos um total de 3.840 respostas, sendo 1280 respostas para cada grupo.

5.1.5 Tabulação dos dados do teste de percepção

Depois da aplicação do teste de percepção, começamos a tabulação dos dados.

Para efetuarmos a tabulação dos dados obtidos a partir do teste de percepção, utilizamos o *Google Formulários*, uma ferramenta gratuita que o *Google* oferece para seus usuários, que possibilita a criação de formulários digitais *online* e mantém uma quantidade de mecanismos que facilitam a análise de dados como, por exemplo, perguntas de múltiplas escolha, listas suspensas, envio de arquivos, gráficos em tempo real e acesso às respostas agrupadas ou individualizadas.

Figura 1 – Modelo do questionário do Google Formulário

3. A voz do apresentador do Jornal Hora 1 é: *

☐ Nada Limpa

☐ Pouco Limpa

☐ Moderadamente Limpa

☐ Limpa

☐ Muito Limpa

4. A voz do repórter do Jornal Hora 1 é: *

☐ Nada Limpa

☐ Pouco Limpa

☐ Moderadamente Limpa

☐ Limpa

☐ Muito Limpa

5. A voz do apresentador do Jornal Hora 1 é: *

☐ Nada Bonita

☐ Pouco Bonita

☐ Moderadamente Bonita

☐ Bonita

☐ Muito Bonita

6. A voz do repórter do Jornal Hora 1 é: *

☐ Nada Bonita

☐ Pouco Bonita

☐ Moderadamente Bonita

☐ Bonita

Fonte: Elaboração própria.

Com esta ferramenta, criamos um formulário com as mesmas perguntas dos questionários aplicados, obedecendo os critérios das questões utilizadas no formulário original, como o tipo da resposta. Em seguida, preenchemos o formulário digital utilizando as respostas dos questionários impressos aplicados e, ao final, exportamos os dados agrupados em formato .xlsx, compatível com várias aplicações de edição de planilhas. Devido a familiaridade com a

interface e considerando a quantidade de tutoriais e videoaulas disponíveis na internet, escolhemos o *Excel 2016*, da suíte *Office da Microsoft*, para organizarmos os dados.

Para automatizar o trabalho, utilizamos da fórmula: =CONT.SE('intervalo'; "critérios") para somar as variáveis. Essa fórmula conta quais das células selecionadas atendem a um critério especificado. Por exemplo: utilizamos a função =CONT.SE('Jornais Noturnos de 2017!C3:C18;"nenhuma") quando queríamos contar quantas vezes a variável “nenhuma” aparecia entre as células C3 e C18³⁴ da planilha “Jornais Noturnos de 2017”. Com isso, obtivemos os valores com precisão.

5.1.6 Análise estatística descritiva dos dados

Pelo fato de os telejornais apresentarem grande variabilidade em seu formato, apresentando ora um âncora, ora dois, optamos por fazer uma análise estatística descritiva dos dados obtidos no teste de percepção.

Com isso, analisamos questão por questão apresentada e julgada pelos juízes que participaram do teste de percepção, observando a diferença ou semelhança entre limpeza, beleza, altura e volume da voz dos âncoras das três emissoras nos jornais noturnos. Além disso, também analisamos as questões sobre confiabilidade da matéria e qualidade do som das matérias de todos os telejornais. Com esta análise descritiva, conseguimos ter uma boa visualização de como os sujeitos avaliaram cada questão.

5.2 ANÁLISE DE OITIVA DOS GRUPOS TONAIIS

Após a aplicação do teste de percepção e a análise dos dados, iniciamos a segunda etapa da pesquisa: separação de oitiva dos grupos tonais e análise acústica das falas dos telejornalistas.

Por termos uma grande variedade de áudio, tanto em tamanho, quanto em qualidade, tivemos que adotar alguns procedimentos com o objetivo de padronizar a pesquisa e não correr o risco de tender para um ou para outro telejornal/emissora.

³⁴ Este intervalo de células continha as respostas de um dos grupos de sujeito a uma questão do questionário referente a um dos telejornais. Por exemplo, o intervalo entre as células C3 e C18 continham as respostas à questão de número 5, referentes à limpeza da voz do repórter do Jornal Nacional de 2017. A fórmula era repetida pra cada questão de cada grupo, de cada telejornal, de cada turno, de cada ano.

Assim, antes de iniciarmos a separação dos GTs e a análise acústica dos dados, optamos por:

- Avaliar por inteiro os áudios de até 3 minutos e fazer um recorte nos áudios com mais de 3 minutos, considerando apenas o minuto inicial, o minuto medial e o minuto final (tanto para a separação dos GTs, quanto para a análise acústica); e
- Avaliar a frequência fundamental balanceada, por conta da provável diferença entre os aparelhos de captação de som (na análise acústica) e para verificarmos a variação da frequência fundamental num GT.

Para realizarmos a análise de oitiva, que possibilitaria as mensurações das variáveis pesquisadas neste estudo, convertemos, previamente, os vídeos selecionados em áudios no formato .wav com o auxílio do software *Format Factory 3.2.0*, depois recortamos os áudios nos trechos da chamada do âncora, e na narração do repórter, com o programa *Audacity 2.0.5*, para retirar do áudio as possíveis entrevistas.

Ouvimos todas as matérias de todos os telejornais (Globo, SBT e Record) e separamos, de oitiva, com a ajuda do software *Praat 6.0.37*, os grupos tonais de cada jornalista, somando 638 Gts para os jornalistas da Rede Globo, 68 Gts para os jornalistas do SBT e 134 Gts para os jornalistas da Rede Record.

Após separar os grupos tonais, demos início à análise acústica das variáveis pesquisadas.

5.3 ANÁLISE ACÚSTICA

Com os GTs já separados, iniciamos a análise acústica que contou com a mensuração das variáveis da frequência fundamental e da tessitura.

5.3.1 Frequência fundamental (F_0)

Por conta dos diferentes aparelhos de recepção e reprodução de voz utilizados pelas emissoras, optamos por mensurar a F_0 balanceada (relativa) das vozes dos jornalistas, calculando a F_0 inicial, a F_0 medial e a F_0 final de cada trecho. Esse método nos possibilitou saber o quanto a frequência fundamental de um jornalista sobe e/ou desce em um GT.

Para calcular a variação percentual da F_0 relativa de dado intervalo, adotamos a fórmula $=((x2/x1)-1)$ no Excel, na qual $x1$ corresponde a F_0 inicial e $x2$ corresponde a F_0 final. O cálculo é feito em duas etapas. Na primeira etapa, dividimos $x2$ por $x1$ ($x2/x1$) para encontrar o valor

percentual de x_2 em função de x_1 . Na segunda etapa, subtraímos 1 do valor encontrado para alcançarmos o valor percentual referente a variação entre x_1 e x_2 . Feito isto, alteramos o tipo da célula no *Excel* para porcentagem e obtivemos o valor formatado com duas casas decimais. Por exemplo, se temos na célula inicial o valor de 200 Hz e na medial o valor de 180 Hz, ao aplicarmos a fórmula obtemos a seguinte equação:

$$\begin{aligned} &= ((180/200)-1) \\ &= ((0,9)-1) \\ &= (0,9-1) \\ &= -0,1 \end{aligned}$$

Com a alteração do tipo da célula para porcentagem, seguida do aumento do número de casas decimais para dois dígitos, ficamos com o valor de -10% , representando uma queda de 10% da F_0 inicial para a F_0 medial. Em seguida, o cálculo se repete para o intervalo seguinte, considerando o valor da célula medial como x_1 (no exemplo dado, 180 Hz), e da célula final como x_2 .

5.3.2 Tessitura

Para obtermos os valores da tessitura, selecionamos o GT analisado e retiramos o valor da F_0 máxima e o valor da F_0 mínima, para assim calcularmos o delta (diferença entre as duas variáveis) e obtermos o valor da tessitura do jornalista naquele GT. Com o valor do delta, pudemos realizar o teste estatístico Kruskal-Wallis, com o propósito de comparar se haveria diferença significativa entre a tessitura dos jornalistas (âncoras e repórteres) da mesma emissora e entre emissoras.

5.4 TESTES ESTATÍSTICOS

Nesta pesquisa, utilizamos dos testes de variância de Regressão Linear Simples e de não variância de ANOVA de Kruskal-Wallis.

O teste de variância de Regressão Linear Simples tem por objetivo nos informar se existe relação significativa entre uma variável, considerada como dependente, e outra variável, chamada de independente, e o quanto estas variáveis estão correlacionadas.

Nesta pesquisa, utilizamos o teste de Regressão Linear Simples com o propósito de verificar se havia relação de dependência entre a frequência fundamental inicial para a medial (F_0 i-m) e a frequência fundamental medial para a final (F_0 m-f). Ao aplicarmos o teste, colocamos em posição de variável independente, a F_0 i-m e na posição de variável dependente a F_0 m-f.

Nossas hipóteses para este teste foram:

H_0 : A F_0 m-f não está correlacionada com a F_0 i-m.

H_1 : A F_0 m-f está correlacionada com a F_0 i-m.

Foi considerada diferença significativa $p \leq 0,05$ para $\alpha = 0,05$.

O segundo teste que aplicamos nas mesmas variáveis foi o ANOVA de Kruskal-Wallis. De acordo com Marôco (2018, p. 316) este teste estatístico não linear visa identificar se “duas ou mais amostras provém de uma mesma população ou se de populações diferentes, ou se, de igual modo, as amostras provém de populações com a mesma distribuição”.

Para esta pesquisa, utilizamos do teste para identificar se existe diferença significativa entre as variáveis F_0 i-m e F_0 m-f, assim como as variáveis de tessitura. Dessa forma, nossas hipóteses para este teste foram:

H_0 : Não há diferença significativa entre a F_0 i-m e a F_0 m-f.

H_1 : Há diferença significativa entre a F_0 i-m e a F_0 m-f.

H_0 : Não há diferença significativa entre as tessituras (dos jornalistas da Rede Globo e entre os jornalistas da Rede Globo e os das outras emissoras).

H_1 : Há diferença significativa entre as tessituras (dos jornalistas da Rede Globo e entre os jornalistas da Rede Globo e os das outras emissoras).

Foi considerada diferença significativa $p \leq 0,05$ para $\alpha = 0,05$.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Quando se procura geralmente se encontra alguma coisa, sem dúvida, mas nem sempre o que estávamos procurando.”

(TOLKIEN, 1998, p. 58)

Após feito todo procedimento metodológico e seguido o passo-a-passo dos dois processos que compõem este estudo, finalmente chegamos aos resultados.

Este capítulo se subdivide em duas partes principais:

- 1ª) Descrição e análise dos resultados da aplicação do teste de percepção;
- 2ª) Descrição e análise dos resultados da análise acústica.

6.1 TESTE DE PERCEPÇÃO

Um dos pontos cruciais para esta pesquisa é investigar qual a percepção do público em relação às características vocais dos telejornalistas das emissoras selecionadas e, com isso, verificar se há, de acordo com essa percepção, algo que diferencie a voz dos jornalistas da Rede Globo em relação às outras emissoras. Outro ponto investigado foi a questão do grau de confiabilidade passado pela notícia e a qualidade do áudio das matérias. Estas perguntas foram pensadas com o propósito de investigarmos se, além da questão vocal, haveria alguma questão técnica que pudesse influenciar no chamado “padrão Globo de qualidade”.

Com isso, obtivemos os seguintes resultados que apresentamos a partir de agora.

6.1.1 Âncoras dos telejornais

As questões relacionadas às características da voz dos jornalistas avaliadas no teste de percepção foram:

- a) limpeza da voz: entenda-se uma voz clara, com boa dicção, sem rouquidão ou nasalação;
- b) beleza da voz: entenda-se qualidade de voz, impostação, se a voz era agradável ou não;
- c) altura da voz: relacionada a uma voz mais grave ou mais aguda; e
- d) volume da voz: relacionado com forte ou fraco, alto ou baixo.

Nas próximas tabelas observaremos as respostas dos 16 juízes de cada grupo para os seis vídeos/áudios apresentados a eles.

A primeira questão analisada foi referente à limpeza da voz dos âncoras. Na tabela 2, verificamos que, de modo geral, as vozes dos jornalistas foram bem avaliadas pelos juízes da pesquisa. Mais de 50% dos juízes acharam as vozes dos âncoras *“limpas”*. Poucas exceções acharam as vozes *“nada limpa”* (2% total dos juízes acreditam que a voz de Bonner, Nascimento e Araújo não são *“limpas”*) ou *“pouco limpa”* (1% - Bonner, 10% - Nascimento, 4% - Araújo e 5% - Freitas).

Se somarmos as porcentagens das respostas gerais dadas para as opções de *“limpa”* e *“muito limpa”*, verificamos que a voz de Vasconcellos foi a mais bem avaliada, seguida pela de Bonner e depois pelas vozes de Sheherazade (do SBT Brasil) e Araújo (do Jornal da Record). Mas, se observarmos as respostas separadamente, notamos que 72% dos sujeitos dos três grupos avaliaram a voz de Sheherazade como *“limpa”*, seguida por Adriana Araújo (com 66%), Vasconcellos (64%), Bonner (61%) e Nascimento e Freitas (com 56% cada um).

Ao observarmos separadamente as respostas dos três grupos sobre a limpeza da voz de Renata Vasconcellos, notamos que o grupo 2, grupo que ouviu as matérias sabendo de qual jornal se tratava, foi o que mais houve divergência entre as respostas. 13% dos sujeitos avaliaram a voz da jornalista como *“moderadamente limpa”*, 66% acharam a voz limpa e para 22% dos sujeitos, a voz da âncora era *“muito limpa”*. Nos outros dois grupos, apesar de existir um desacordo entre as respostas, a maioria dos juízes variaram entre classificar a voz como *“limpa”* (63% do grupo 1 e 63% do grupo 3) ou *“muito limpa”* (34% do grupo 1 e 31% do grupo 3). Apenas 3% dos sujeitos do grupo 1 e 6% do grupo 3 acharam a voz da apresentadora *“moderadamente limpa”*.

Ainda observando as respostas dos três grupos separadamente, mas agora voltando nosso olhar para o segundo âncora do Jornal Nacional, William Bonner, percebemos, que dos três grupos, o que melhor avaliou a sua voz foi o grupo 1.

O Grupo 1, grupo que assistiu as matérias, avaliou a voz de Bonner variando do *“moderadamente limpa”* até o *“muito limpa”*. Nenhum juiz classificou a voz do âncora como *“nada limpa”* ou *“pouco limpa”*. No grupo 2, enquanto 63% juízes concordavam que a voz do apresentador era *“limpa”* e 25% acharam que a voz era *“muito limpa”*, a impressão que os outros tiveram da voz do jornalista foi de uma voz *“moderadamente limpa”* (9%), ou ainda, *“pouco limpa”* (3%). No grupo 3, 6% dos sujeitos avaliaram a voz de Bonner como *“nada limpa”*, 3% acharam a voz *“moderadamente limpa”*, 63% consideraram a voz como *“limpa”* e 28% como *“muito limpa”*.

Observando as respostas dos juízes para a voz de Rachel Sheherazade, notamos que nenhum juiz achou a voz da jornalista “*pouco*” ou “*nada limpa*”. Para 75% dos integrantes do grupo 1, a voz da jornalista pareceu ser “*limpa*”, enquanto para 9% a voz era “*muito limpa*” e apenas para 16% a voz pareceu ser “*moderadamente limpa*”. No grupo 2, 72% dos sujeitos avaliaram a voz como “*limpa*” e 28% como “*moderadamente limpa*”. Por fim, no grupo 3, 69% dos avaliadores acharam a voz da âncora “*limpa*”, 13% acharam a voz “*muito limpa*” e 19% acreditaram que a voz era “*moderadamente limpa*”. Os números apontam que o grupo que assistiu a matéria foi o que avaliou mais positivamente a “limpeza da voz” da jornalista.

Comparando com as respostas da jornalista do JN, é possível notar que enquanto a maioria das respostas dadas para a voz de Vasconcellos tende entre as opções de “*limpa*” e “*muito limpa*” em todos os grupos, as respostas dadas à voz de Sheherazade tendem mais ao “*moderadamente limpa*” e “*limpa*”.

Já em relação a voz de Carlos Nascimento, apesar de mais de 50% dos sujeitos participantes, dos três grupos, acharem a voz do jornalista limpa, houve uma maior oscilação entre as respostas, que variaram desde o “*nada limpa*” (6% dos sujeitos do grupo 3) até “*muito limpa*” (6% dos sujeitos do grupo 2 e 19% do grupo 3).

Ao compararmos as respostas dadas para a voz de Nascimento, com as respostas dadas para a voz de Bonner, do JN, notamos que, enquanto o primeiro tem sua voz julgada como “*moderadamente limpa*” e “*limpa*” pela maioria dos juízes, o segundo apresenta resultados maiores nas opções de “*limpa*” e “*muito limpa*”.

Por fim, temos Adriana Araújo e Celso Freitas. Assim como no caso dos jornalistas anteriores, as vozes dos dois âncoras do JR foram avaliadas por mais de 50% dos juízes como “*limpa*”. Contudo, diferentemente das colegas das outras emissoras, a voz de Araújo também foi percebida como “*nada limpa*” (6% dos juízes do grupo 3) e “*pouco limpa*” (3% do grupo 1 e 9% do grupo 2).

Ainda comparando a voz de Araújo com as das outras âncoras, notamos que, assim como no caso das duas outras jornalistas, a maior porcentagem das respostas se concentrou na opção “*limpa*”, mas variou equilibradamente entre as opções de “*moderadamente limpa*” e “*muito limpa*”. Observemos na tabela que no grupo 2, 13% dos sujeitos acharam que a voz de Araújo era “*moderadamente limpa*” e 13% acharam que era “*muito limpa*”. No grupo 3, 16% avaliaram a voz como “*moderadamente limpa*” e 13% como “*muito limpa*”.

Já em relação a voz de Celso Freitas, no grupo 1, 41% dos juízes consideraram a voz do jornalista “*moderadamente limpa*”, 53% acharam a voz “*limpa*” e 6% acharam a voz “*muito limpa*”. Algo parecido acontece no grupo 2, onde 38% dos sujeitos acharam a voz

“*moderadamente limpa*”, 56% avaliaram como “*limpa*” e 6% acreditaram que a voz era “*muito limpa*”. Apenas no grupo 3, 16% dos juízes avaliaram a voz de Freitas como sendo “*pouco limpa*”, 13% como “*moderadamente limpa*”, e 13% como “*muito limpa*”.

Então, percebemos que, assim como nas outras vozes, a de Freitas também é bem avaliada pela maioria dos juízes. Contudo, assim como acontece com as avaliações sobre a voz de Nascimento e diferente do que ocorre com a voz de Bonner, a maior incidência das respostas sobre a voz de Freitas está nas opções de “*moderadamente limpa*” e “*limpa*”.

A partir dos dados apresentados, percebemos que os três grupos (tanto o que assistiu, quanto os que ouviram - sabendo ou não da origem da notícia) concordam, em sua maioria, que a voz dos âncoras são limpas. Entendemos assim que os jornalistas das três emissoras tem um cuidado vocal ao apresentarem as notícias. No entanto, vimos que os jornalistas da Globo tiveram melhor avaliação neste quesito que os colegas das outras emissoras. Acreditamos que estes resultados estejam relacionados com o fato de a Globo ter sido pioneira na contratação de fonoaudiólogos para acompanharem e orientarem seus jornalistas tanto em questões de comunicação verbal, como com questões relacionadas a expressividade (KYRILLOS, 2012).

Tabela 2 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a limpeza da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 2- 3 do questionário), para os três grupos avaliados

Âncoras/ Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ³⁵
Renata Vasconcellos - JN, Rede Globo	Opções dadas	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouco limpa	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Moderada. Limpa	1/32	3%	4/32	13%	2/32	6%	7
	Limpa	20/32	63%	21/32	66%	20/32	63%	64
	Muito limpa	11/32	34%	7/32	22%	10/32	31%	29
William Bonner - JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/32	0%	0/32	0%	2/32	6%	2
	Pouco limpa	0/32	0%	1/32	3%	0/32	0%	1
	Moderada. Limpa	2/32	6%	3/32	9%	1/32	3%	6
	Limpa	19/32	59%	20/32	63%	20/32	63%	61
	Muito limpa	11/32	34%	8/32	25%	9/32	28%	29
Rachel Sheherazade – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouco limpa	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Moderada. Limpa	5/32	16%	9/32	28%	6/32	19%	21
	Limpa	24/32	75%	23/32	72%	22/32	69%	72
	Muito limpa	3/32	9%	0/32	0%	4/32	13%	7
Carlos Nascimento ³⁶ – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
	Pouco limpa	1/16	6%	2/16	13%	2/16	12,5%	10

³⁵ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 99% para as vozes dos jornalistas William Bonner do JN, Carlos Nascimento do Sbt Brasil e Celso Freitas do JR. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais. O 1% faltante está distribuído na soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos. Também encontramos valores totais somados em 101% na voz da jornalista Adriana Araújo do JR. O 1% excedente é a soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

³⁶ Foi apresentado um único vídeo que continha o apresentador Carlos Nascimento.

	Moderada. Limpa	5/16	31%	4/16	25%	2/16	12,5%	23
	Limpa	10/16	63%	9/16	56%	8/16	50%	56
	Muito limpa	0/16	0%	1/16	6%	3/16	19%	8
Adriana Araújo – JR, Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/32	0%	0/32	0%	2/32	6%	2
	Pouco limpa	1/32	3%	3/32	9%	0/32	0%	4
	Moderada. limpa	6/32	19%	4/32	13%	5/32	16%	16
	Limpa	21/32	66%	21/32	66%	21/32	66%	66
	Muito limpa	4/32	13%	4/32	13%	4/32	13%	13
Celso Freitas – JR, Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouco limpa	0/32	0%	0/32	0%	5/32	16%	5
	Moderada. limpa	13/32	41%	12/32	38%	4/32	13%	30
	Limpa	17/32	53%	18/32	56%	19/32	59%	56
	Muito limpa	2/32	6%	2/32	6%	4/32	13%	8

Fonte: elaboração própria.

A segunda questão tratava da beleza da voz. Nesta questão tínhamos como objetivo verificar a agradabilidade, a qualidade de voz dos jornalistas. As respostas da tabela 3 nos mostra que dentre as vozes, a de Renata Vasconcellos se sobressai e é a considerada como mais bonita por 70% dos juízes. Em seguida vem a de Rachel Sheherazade com 57% das avaliações. A voz considerada menos bonita pelos juízes foi a de Carlos Nascimento, com 40% dos votos dos participantes. Isso nos informa que, dentre as vozes, a mais agradável (de acordo com os juízes desta pesquisa) é a de Vasconcellos, do JN, e a menos agradável é a de Nascimento, do SBTB.

Observando as respostas por grupo, notamos que para o grupo 1, grupo que assistiu as matérias, dentre os âncoras, os do JN apresentavam as vozes mais bonitas. Se compararmos as respostas dadas às opções de *“pouco bonita”* até *“muito bonita”*, percebemos que apenas 6% acharam a voz *“moderadamente bonita”*, 78% dos juízes avaliaram a voz de Vasconcellos como *“bonita”* e 16% como *“muito bonita”*. A voz de Bonner foi avaliada como *“pouco bonita”* por 3%, como *“moderadamente bonita”* por 25% dos juízes, como *“bonita”* por 44% dos sujeitos, enquanto 28% acharam a voz *“muito bonita”*.

Já para as vozes de Rachel Sheherazade e Carlos Nascimento, os juízes avaliaram inversamente, em outras palavras, enquanto a maioria dos juízes avaliaram as vozes dos jornalistas do JN variando positivamente da opção *“bonita”* e *“muito bonita”*, para os âncoras do SBTB, aconteceu o contrário. Verificamos no grupo 1, por exemplo, que 53% dos juízes consideraram a voz de Sheherazade *“bonita”*, mas 38% avaliaram a voz da apresentadora como *“moderadamente bonita”* e 3% como *“pouco bonita”*, enquanto apenas 6% acharam a voz *“muito bonita”*. No grupo 2, a porcentagem de juízes que avaliaram a voz da apresentadora como *“bonita”* cai para 44% e o número daqueles que acharam a voz *“pouco bonita”* ou *“moderadamente bonita”* aumenta para 9% e 47% respectivamente. Apenas o grupo 3 avalia positivamente a voz da jornalista como *“bonita”* (75%). Contudo, 26% dos juízes se dividiram igualmente entre achar a voz *“moderadamente bonita”* e *“muito bonita”*. Já em relação a Nascimento, podemos verificar que no grupo 1, 44% dos sujeitos acharam a voz do apresentador *“moderadamente bonita”*, enquanto 37% avaliaram como *“bonita”* e 19% como *“muito bonita”*. Nos grupos 2 e 3 temos uma maior variação entre as respostas dos juízes, que vão desde o *“nada bonita”* até o *“muito bonita”*. No entanto, a porcentagem daqueles que consideraram a voz de Nascimento como *“nada bonita”* é maior do que a porcentagem daqueles que avaliaram a voz como *“muito bonita”*.

Com as vozes dos jornalistas do JR, aconteceu o mesmo que nos casos anteriores. A maior incidência dos votos está na opção de *“bonita”*, entretanto, percebemos que os juízes

tenderam mais em considerar as vozes dos âncoras do JR como “*moderadamente bonita*” e “*pouco bonita*”, que como “*muito bonita*”.

Percebemos, por exemplo, que 6% dos sujeitos do grupo 1 avaliaram a voz de Adriana Araújo como “*pouco bonita*”, 34% acharam a voz da apresentadora “*moderadamente bonita*”, 50% avaliaram a voz como “*bonita*” e apenas 9% acharam a voz “*muito bonita*”. Já no grupo 2, 3% dos juízes avaliaram a voz da jornalista como “*nada bonita*”, 9% acharam a voz “*pouco bonita*”, 28% consideraram a voz “*moderadamente bonita*”, 56% avaliaram como “*bonita*” e 3% como “*muito bonita*”. Algo semelhante acontece com o grupo 3. 6% dos juízes avaliaram a voz da jornalista como “*nada bonita*”, 6% consideraram a voz “*pouco bonita*”, 16 acharam a voz “*moderadamente bonita*” e apenas 9% acharam a voz “*muito bonita*”.

Do mesmo modo, a voz de Celso Freitas foi avaliada por 13% dos juízes do grupo 1 como “*pouco bonita*”, por 38% como “*moderadamente bonita*”, 34% dos sujeitos consideraram a voz como “*bonita*” e 16% acharam a voz “*muito bonita*”. Nos grupos 2 e 3, notamos que a porcentagem daqueles que avaliaram a voz do jornalista como “*bonita*” aumentou em comparação com grupo 1. No entanto, a porcentagem daqueles que consideraram a voz do âncora como “*muito bonita*” caiu, sendo distribuída entre as outras opções de “*pouco bonita*”, “*moderadamente bonita*” e “*bonita*”.

Antes de passarmos para as próximas análises é necessário salientar, que tanto a questão sobre limpeza da voz, quanto a questão sobre a beleza da voz, são questões de cunho subjetivo e por mais que tentemos controlar (orientando e explicando aos juízes o que queríamos saber com tais questões) para que dentro da subjetividade as respostas fossem o mais objetivo possível (por isso utilizamos dos 3 grupos controle), sabemos que as questões de gostos e afins, estão muito envolto e influenciam na resposta final.

Tabela 3 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a beleza da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 5-6 do questionário), para os três grupos avaliados

Âncoras/ Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ³⁷
Renata Vasconcellos - JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouco bonita	0/32	0%	4/32	13%	0/32	0%	4
	Moderada. Bonita	2/32	6%	3/32	9%	3/32	9%	8
	Bonita	25/32	78%	21/32	66%	21/32	66%	70
	Muito bonita	5/32	16%	4	13%	8/32	25%	18
William Bonner - JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/32	0%	0/32	0%	2/32	6%	2
	Pouco bonita	1/32	3%	0/32	0%	0/32	0%	1
	Moderada. Bonita	8/32	25%	5/32	16%	1/32	3%	15
	Bonita	14/32	44%	18/32	56%	19/32	59%	53
	Muito bonita	9/32	28%	9/32	28%	10/32	31%	29
Rachel Sheherazade – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouco bonita	1/32	3%	3/32	9%	0/32	0%	4
	Moderada. Bonita	12/32	38%	15/32	47%	4/32	13%	32
	Bonita	17/32	53%	14/32	44%	24/32	75%	57
	Muito bonita	2/32	6%	0/32	0%	4/32	13%	6
Carlos Nascimento ³⁸ – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/16	0%	2/16	13%	2/16	13%	8
	Pouco bonita	0/16	0%	3/16	19%	3/16	19%	13
	Moderada. Bonita	7/16	44%	4/16	25%	3/16	19%	29

³⁷ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 99% para a voz das jornalistas Rachel Sheherazade, do SBTB e Adriana Araújo do JR e 101% para os jornalistas Carlos Nascimento, do SBTB e Celso Freitas do JR. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais.

³⁸ Foi apresentado um único vídeo que continha o apresentador Carlos Nascimento.

	Bonita	6/16	37%	6/16	38%	7/16	44%	40
	Muito bonita	3/16	19%	1/16	6%	1/16	6%	10
Adriana Araújo – JR, Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/32	0%	1/32	3%	2/32	6%	3
	Pouco bonita	2/32	6%	3/32	9%	2/32	6%	7
	Moderada. Bonita	11/32	34%	9/32	28%	5/32	16%	26
	Bonita	16/32	50%	18/32	56%	20/32	63%	56
	Muito bonita	3/32	9%	1/32	3%	3/32	9%	7
	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
Celso Freitas – JR, JR Record	Nada bonita	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouco bonita	4/32	13%	5/32	16%	4/32	13%	14
	Moderada. Bonita	12/32	38%	7/32	22%	8/32	25%	28
	Bonita	11/32	34%	16/32	50%	19/32	59%	48
	Muito bonita	5/32	16%	4/32	13%	1/32	3%	10

Fonte: elaboração própria.

A terceira questão apresentada aos juízes foi referente altura da voz.

É importante lembrar que a altura da voz é um parâmetro comparativo. Uma voz pode ser mais grave ou mais aguda comparativamente a outra. Como já afirmou Pacheco em seus estudos, os homens, na fala diária, possuem uma variação da frequência fundamental típica que gira em torno de 80 e 200 Hz; as mulheres entre 180 e 400 Hz (PACHECO, 2006, p. 51). Isto significa que comumente a fala masculina é mais grave que a fala feminina.

Dessa forma, ao informar que a voz de uma jornalista é grave, o juiz está informando que aquela voz é mais grave que o “padrão” esperado para uma voz feminina. Da mesma forma, ao classificar a voz do jornalista como aguda, ele informa que aquela voz é menos grave que o esperado para uma voz masculina.

Conforme observamos as vozes dos jornalistas das três emissoras na tabela 4, notamos as seguintes informações: as vozes de Bonner, Nascimento e Freitas foram percebidas respectivamente, de modo geral, como “ *muito grave* ” por 13%, 8% e 13% dos juízes e como “ *grave* ” por 52%, 38% e 47% (também respectivamente) pelos juízes. Ainda houve juízes que consideraram as vozes dos jornalistas como “ *aguda* ” e “ *muito aguda* ”. Ainda respectivamente temos 8%, 19% e 9% e 1%, 2% e 1% para as vozes de Bonner, Nascimento e Freitas, nesta ordem. Dessa forma, comparativamente, das três vozes, o público considerou a voz de Carlos Nascimento como a menos grave das três, enquanto a de Bonner foi considerada como a mais grave dentre as três.

Já para as jornalistas, o quadro fica da seguinte forma: 11% dos entrevistados, de modo geral, acharam a voz de Renata Vasconcellos e de Adriana Araújo “ *grave* ”, enquanto apenas 5% dos juízes consideraram a voz de Sheherazade “ *grave* ”. 66%, 57% e 51% perceberam a voz de Vasconcellos, Araújo e Sheherazade, nesta ordem, “ *mediana* ” e 44%, 26% e 23%, acharam as vozes das apresentadoras Sheherazade, Araújo e Vasconcellos, respectivamente, “ *aguda* ”.

A partir desses números, entendemos que a maior parte dos juízes perceberam as vozes das jornalistas como “ *mediana* ”. E apesar da oscilação entre o “ *grave* ” e o “ *agudo* ”, notamos que a porcentagem daqueles que entenderam as vozes como “ *aguda* ” é bem maior que a daqueles que perceberam as vozes como “ *grave* ”.

Se observarmos as respostas grupo a grupo sobre a voz de cada telejornalista, temos o seguinte quadro: Mais de 50% dos juízes dos três grupos avaliaram a voz de Renata Vasconcellos como “ *mediana* ” havendo variação entre as opções de “ *grave* ” e “ *aguda* ”. Contudo, mesmo nessa oscilação, a maioria tendeu mais para o “ *agudo* ”. Nenhum juiz percebeu a voz da apresentadora como “ *muito grave* ” ou “ *muito aguda* ”.

Já em relação a voz de William Bonner houve uma maior discrepância entre as respostas. Mais de 50% dos juízes dos três grupos avaliaram a voz do jornalista como *“grave”*. Contudo, enquanto 31% dos juízes do grupo 3 acharam que a voz do âncora era *“muito grave”*, apenas 3% dos juízes dos grupos 1 e 2 tiveram a mesma impressão. Para 31% e 34% dos juízes desses grupos, respectivamente, a voz de Bonner era *“mediana”*. Já no grupo 3, apenas 13% tiveram a mesma opinião. Houve ainda aqueles que entenderam a voz do jornalista como *“aguda”* (9% dos juízes do grupo 1, 13% do grupo 2 e 3% do grupo 3) ou *“muito aguda”* (3% dos juízes do grupo 1).

Quanto as vozes dos jornalistas do SBTB, identificamos que 53% dos juízes do grupo 1 e 50% dos juízes dos grupos 2 e 3 consideraram a voz de Rachel Sheherazade como *“mediana”*. Outros juízes (47% do grupo 1, 41% do grupo 2 e 44% do grupo 3) acharam a voz da jornalista *“aguda”*. Houve ainda aqueles que perceberam a voz da âncora como *“grave”* (9% do grupo 2 e 6% do grupo 3).

Já em relação a voz de Carlos Nascimento, notamos que os juízes do grupo 1 divergiram entre as opções. 6% dos juízes avaliaram a voz do jornalista como *“muito grave”*, 38% acharam a voz *“grave”*, outros 38% acharam a voz *“mediana”* e 19% avaliaram a voz do apresentador como *“aguda”*. No grupo 2, reparamos que 6% dos juízes avaliaram a voz de Nascimento como *“muito grave”* (mesma porcentagem que no grupo 1), 44% acharam a voz *“grave”*, 25% entenderam a voz como *“mediana”*, enquanto para outros 25% dos juízes a voz era *“aguda”*. As respostas do grupo 3 foram as que mais oscilaram. Houve juízes que perceberam a voz do jornalista como *“muito grave”* (13%), outros que acharam que a voz era *“grave”* (31%), outros ainda avaliaram a voz como *“mediana”* (38%), e ainda houve aqueles que entenderam a voz de Nascimento como *“aguda”* (13%) e *“muito aguda”* (6%).

Por fim, temos as vozes dos jornalistas do JR. Mais uma vez, mais de 50% dos juízes avaliaram a voz feminina como *“mediana”*, havendo divergência entre alguns juízes entre as escolhas de *“grave”*, *“muito grave”* e *“agudo”*. Observemos que 3% dos juízes do grupo 1 avaliaram a voz de Adriana Araújo como *“muito grave”*, a mesma porcentagem de juízes do grupo 2 também avaliou a voz da jornalista como *“muito grave”*. Já o grupo no 3, 9% dos juízes tiveram a mesma impressão de gravidade da voz. 6% dos juízes do grupo 1, 13% do grupo 2 e 16% do grupo 3 acharam a voz de Araújo *“grave”* e ainda houve aqueles que acharam a voz da jornalista *“aguda”* (28% dos juízes do grupo 1, 25% do grupo 2 e 25% do grupo 3). Nenhum juiz percebeu a voz de Araújo como *“muito aguda”*.

Enfim, ao observarmos as respostas dadas a voz de Celso Freitas, verificamos que para 59% dos juízes do grupo 1, a voz de Freitas é *“grave”*, impressão essa que se estabelece para

apenas 38% dos juízes do grupo 2 e para 44% dos juízes do grupo 3. Para 25% dos juízes do grupo 1, para 47% do grupo 2 e para 19% do grupo 3, a voz do âncora é “*mediana*”. Ainda houve aqueles que interpretaram a voz de Freitas como “ *muito grave*” (9% dos sujeitos do grupo 1, 9% do grupo 2 e 19% dos juízes do grupo 3), ou como “*aguda*” (6% do grupo 1, 6% do grupo 2 e 16% do grupo 3) ou ainda como “*muito aguda*” (3% dos juízes do grupo 3).

Ainda baseados nas respostas dos juízes, podemos entender que a voz das jornalistas, ao serem apontadas como “*medianas*” estão dentro do esperado do espectro. Não sendo vozes nem agudas, nem graves. No entanto, é mais uma vez válido lembrar que a altura não é uma variável fixa. Estamos sempre comparando uma voz a outra para medir o quão grave ou aguda ela é, e recordando, as matérias foram exibidas de maneira aleatória, e isso pode ter influenciado para esta variação de classificação. De modo geral, o que podemos constatar é que apesar da discrepância de algumas respostas, as vozes dos âncoras seguiram a tendência esperada de “*mediana*” a “*grave*” para os homens e de “*mediana*” a “*aguda*” para as mulheres.

Tabela 4 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a altura da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 9-10 do questionário), para os três grupos avaliados

Âncoras/Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ³⁹
Renata Vasconcellos - JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Grave	3/32	9%	7/32	22%	1/32	3%	11
	Mediana	24/32	75%	17/32	53%	22/32	69%	66
	Aguda	5/32	16%	8/32	25%	9/32	28%	23
	Muito aguda	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
William Bonner - JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	1/32	3%	1/32	3%	10/32	31%	13
	Grave	17/32	53%	16/32	50%	17/32	53%	52
	Mediana	10/32	31%	11/32	34%	4/32	13%	26
	Aguda	3/32	9%	4/32	13%	1/32	3%	8
	Muito aguda	1/32	3%	0/32	0%	0/32	0%	1
Rachel Sheherazade – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Grave	0/32	0%	3/32	9%	2/32	6%	5
	Mediana	17/32	53%	16/32	50%	16/32	50%	51
	Aguda	15/32	47%	13/32	41%	14/32	44%	44
	Muito aguda	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
Carlos Nascimento ⁴⁰ – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	1/16	6%	1/16	6%	2/16	13%	8
	Grave	6/16	38%	7/16	44%	5/16	31%	38
	Mediana	6/16	38%	4/16	25%	6/16	38%	33
	Aguda	3/16	19%	4/16	25%	2/16	13%	19
	Muito aguda	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2

³⁹ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 99% para a voz da jornalista Adriana Araújo do JR. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais.

⁴⁰ Foi apresentado um único vídeo que continha o apresentador Carlos Nascimento.

Adriana Araújo – JR, Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	1/32	3%	1/32	3%	3/32	9%	5
	Grave	2/32	6%	4/32	13%	5/32	16%	11
	Mediana	20/32	63%	19/32	59%	16/32	50%	57
	Aguda	9/32	28%	8/32	25%	8/32	25%	26
	Muito aguda	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
Celso Freitas – JR, Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	3/32	9%	3/32	9%	6/32	19%	13
	Grave	19/32	59%	12/32	38%	14/32	44%	47
	Mediana	8/32	25%	15/32	47%	6/32	19%	30
	Aguda	2/32	6%	2/32	6%	5/32	16%	9
	Muito aguda	0/32	0%	0/32	0%	1/32	3%	1

Fonte: elaboração própria.

Por fim, o último dado de fala avaliado pelos juízes de nossa pesquisa se referia ao volume da voz. “Por volume, queremos dizer a variação de intensidade acústica que faz com que um som seja mais forte ou mais fraco” CAGLRIARI, (2007, p. 127). Ou perceptualmente, se o som é mais alto ou mais baixo.

Ao observarmos a tabela 5, notamos que, de modo geral, 63% e 73% dos juízes avaliaram o volume da voz de Renata Vasconcellos e de William Bonner, respectivamente, como “*normal*”, enquanto 7% (para Vasconcellos) e 2% (para Bonner) acharam o volume “*baixo*” e 29% (para Vasconcellos) e 25% (para Bonner) avaliaram o volume das vozes dos jornalistas como “*alto*”. 1% dos juízes ainda acharam o volume da voz de Vasconcellos “*muito alto*”.

Observando os grupos separadamente, percebemos que para grande parte dos juízes, tanto em se tratando da voz de Vasconcellos, quanto a de Bonner, entenderam o volume de “*normal*” a “*alto*”. Olhemos mais de perto as respostas do grupo 1 para a voz de Renata Vasconcellos: 59% dos juízes perceberam o volume da fala da jornalista como “*normal*”, já para 41% o volume estava “*alto*”. Já no grupo 2, além daqueles que acharam o volume “*normal*” (63%), ou “*alto*” (25%), houveram aqueles que acharam o volume “*baixo*” (13%). Os juízes do grupo 3 perceberam o volume “*baixo*” (9%), “*normal*” (66%), “*alto*” (22%) e “*muito alto*” (3%). Apesar da variação entre as opções de “*baixo*” e “*muito alto*”, notamos que os valores para a opção “*normal*” são maiores nos três grupos, representando 63% do total.

Já em relação ao volume da voz de Bonner, os juízes do grupo 1 se dividiram entre as opções “*normal*” (66%) e “*alto*” (34%). Os juízes do grupo 2 acharam o volume da voz do apresentador “*baixo*” (6%), “*normal*” (75%) e “*alto*” (19%) e os juízes do grupo 3, se dividiram entre as opções de “*normal*” (78%) e “*alto*” (22%). Aqui, mais uma vez, percebemos que apesar da variação entre as respostas, o que predomina são os valores para a opção de “*normal*”.

Se formos considerar o valor da porcentagem tanto individual de cada grupo, quanto a final, podemos afirmar que o volume da voz dos âncoras do JN estava “*normal*”.

Já em relação ao volume da voz dos jornalistas do SBT, houve uma variação das respostas de “*baixo*” para “*muito alto*”, contudo, mais de 50% dos juízes perceberam o volume, tanto da voz de Rachel Sheherazade, quanto da voz de Carlos Nascimento, como “*normal*”.

Observemos que os juízes do grupo 1 avaliaram o volume da voz de Sheherazade como “*normal*” (63%), “*alto*” (34%) e “*muito alto*” (3%). Já no grupo 2, 6% dos juízes acharam o volume “*baixo*”, 56% perceberam o volume “*normal*” e para 38% o volume era “*alto*”. No grupo 3, os juízes se dividiram entre as opções de “*normal*” (63%) e “*alto*” (38%).

Já em relação a voz de Carlos Nascimento, no grupo 1, 75% dos juízes acharam o volume “normal” e 25% perceberam o volume “alto”. No grupo 2 houve um equilíbrio das respostas entre as opções “normal” (44%) e “alto” (44%). Apenas 12% dos juízes acharam o volume “muito alto”. O grupo 3 foi o que mais teve discrepância entre as respostas. Notemos que 6% dos juízes avaliaram o volume como “baixo”, 31% acharam o volume “normal”, 38% perceberam como “alto” e para 25% o volume estava “muito alto”.

Apesar das diferenças entre as respostas, ainda é visível que a maioria dos juízes entenderam o volume da voz dos jornalistas do SBTB como “normal”.

No caso dos jornalistas da Rede Record, a variação foi ainda maior. Ainda observando a tabela 5, percebemos que houve juiz que considerou o volume “muito baixo”, enquanto outros acharam o volume “muito alto”. Analisemos grupo a grupo.

Quando questionados sobre o volume da voz de Adriana Araújo, 66% dos juízes do grupo 1 afirmaram que o volume era “normal”, 34% dos juízes acharam o volume “alto”. No grupo 2 houve uma maior divergência entre as opiniões. Para 3% dos juízes o volume estava “baixo”, enquanto para 69% o volume estava “normal”, 22% dos juízes entenderam o volume como “alto” e para 6% o volume estava “muito alto”. Para 3% dos juízes do grupo 3, o volume como “muito baixo”, para 6% o volume estava “baixo”, 56% dos juízes acharam o volume “normal”, 31% perceberam o volume como “alto” e 3% como “muito alto”.

No tocante a voz de Celso Freitas, os juízes de todos os grupos avaliaram o volume de “baixo” a “muito alto”. Contudo a concentração das respostas estava na opção de “normal” (59% dos juízes do grupo 1, 50% do grupo 2 e 41% do grupo 3).

Aqui, mais uma vez, percebemos que existe divergências entre as escolhas dos juízes, mas a maior parte deles concordaram que o volume da voz dos jornalistas estava “normal”. E isso perceptível nos telejornais das três emissoras.

Tabela 5 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a volume da voz dos âncoras dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 12-13 do questionário), para os três grupos avaliados

Âncoras/Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ⁴¹
Renata Vasconcellos - JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Baixo	0/32	0%	4/32	13%	3/32	9%	7
	Normal	19/32	59%	20/32	63%	21/32	66%	63
	Alto	13/32	41%	8/32	25%	7/32	22%	29
	Muito alto	0/32	0%	0/32	0%	1/32	3%	1
William Bonner - JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Baixo	0/32	0%	2/32	6%	0/32	0%	2
	Normal	21/32	66%	24/32	75%	25/32	78%	73
	Alto	11/32	34%	6/32	19%	7/32	22%	25
	Muito alto	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
Rachel Sheherazade – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Baixo	0/32	0%	2/32	6%	0/32	0%	2
	Normal	20/32	63%	18/32	56%	20/32	63%	60
	Alto	11/32	34%	12/32	38%	12/32	38%	36
	Muito alto	1/32	3%	0/32	0%	0/32	0%	1
Carlos Nascimento ⁴² – SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Baixo	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
	Normal	12/16	75%	7/16	44%	5/16	31%	50
	Alto	4/16	25%	7/16	44%	6/16	38%	35

⁴¹ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 99% para a voz dos jornalistas Rachel Sheherazade, do SBT Brasil e Celso Freitas do JR. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais. O 1% faltante está distribuído na soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

⁴² Foi apresentado um único vídeo que continha o apresentador Carlos Nascimento.

	Muito alto	0/16	0%	2/16	12%	4/16	25%	13
Adriana Araújo – JR, Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/32	0%	0/32	0%	1/32	3%	1
	Baixo	0/32	0%	1/32	3%	2/32	6%	3
	Normal	21/32	66%	22/32	69%	18/32	56%	64
	Alto	11/32	34%	7/32	22%	10/32	31%	29
	Muito alto	0/32	0%	2/32	6%	1/32	3%	3
Celso Freitas – JR, Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Baixo	2/32	6%	4/32	13%	5/32	16%	11
	Normal	19/32	59%	16/32	50%	13/32	41%	50
	Alto	10/32	31%	11/32	34%	11/32	34%	33
	Muito alto	1/32	3%	1/32	3%	3/32	9%	5

Fonte: elaboração própria.

A intensidade é um parâmetro acústico importante de se mensurar, já que ela é a responsável por nos informar a força com que um som é produzido e, consequentemente como o volume é percebido. No entanto, ainda que tenhamos tomado todo o cuidado metodológico para com a aplicação do teste de percepção, acreditamos que o modo como o som foi captado pelo microfone ainda no estúdio de gravação, de certo modo, interferiu no real valor da intensidade e isso pode ter acarretado na grande variação entre as respostas.

6.1.2 Repórteres dos telejornais

Além de questionar sobre a limpeza, a beleza, a altura e o volume da voz dos âncoras, o teste também visava saber como os juízes percebiam essas mesmas qualidades nas vozes dos repórteres. Assim, os juízes dos três grupos controle responderam às mesmas perguntas que fizemos sobre a voz do âncoras, mas agora voltadas para a voz dos repórteres.

Em números gerais, a tabela 6 nos mostra que mais de 50% dos juízes classificaram as vozes dos repórteres como *“limpa”*, sendo, portanto, claras, sem nasalidade, sem rouquidão.

Ainda observando as respostas num quadro geral, percebemos que, de todas as vozes dos repórteres, a que melhor foi classificada pelos juízes como *“limpa”* foi a voz de José Roberto Bunier, do JN, com 71%, seguido das vozes de Daniel Adjuto do SBTB e Emerson Ramos do JR com 67% cada, Cleisla Garcia do JR com 60%, Solange Boulos do SBTB com 58% e por último, Delis Ortiz do JN com 54%.

Avaliando as respostas grupo a grupo, o que notamos é que a maior concentração das respostas dos participantes está na opção *“limpa”*. Há uma pequena variação entre as outras opções e, dentre elas, a mais escolhida pelos juízes foi a *“moderadamente limpa”*, conforme consta na tabela 6.

No grupo 1, 56% dos juízes avaliaram a voz da repórter Delis Ortiz como *“limpa”* e 38% acharam que a voz da jornalista era *“moderadamente limpa”*. Apenas 6% consideraram a voz com *“muito limpa”*. Já no grupo 2, 6% dos juízes julgaram a voz de Ortiz como *“pouco limpa”*, 50% deles classificaram como *“moderadamente limpa”*, 38% avaliaram a voz como *“limpa”* e 6% acharam a voz *“muito limpa”*. Ou seja, para os juízes do grupo 2, a voz de Ortiz não era tão limpa quanto para os juízes do grupo 1. No grupo 3, houve juiz que considerou a voz da jornalista como *“nada limpa”* (6%), 19% dos juízes acharam a voz *“moderadamente limpa”*, enquanto a maioria, 69%, avaliaram a voz como *“limpa”* e 6% julgaram a voz da repórter como *“muito limpa”*.

Esse padrão que observamos nas respostas para a voz de Ortiz, se repete entre os outros jornalistas. Ainda observando a tabela 6, notamos que a maioria dos juízes dos três grupos consideram as vozes dos repórteres “*limpas*”, mas havendo alguns poucos que avaliam ou para mais, ou para menos.

Nesta questão, assim como ocorreu com os âncoras, mais uma vez notamos o quão pessoais são as respostas. A mesma voz que agrada um, desagrade outro. Contudo, se observarmos o que diz a maioria, todos os repórteres apresentam vozes limpas.

Ao lermos nos manuais de telejornalismo ou radiojornalismo que os jornalistas precisam saber falar e falar bem, entendemos que o autor está dizendo, justamente, que o jornalista precisa ter uma voz limpa, compreensível, com boa dicção para se narrar uma notícia. Curado (2002, p. 65) lembra que “a boa emissão depende da boa dicção [...] todos os sons das sílabas devem ser ditos, assim como todas as palavras da frase claramente faladas”. Quanto mais clara a voz, quanto mais compreensível, quanto melhor a dicção, mais fácil o espectador entenderá a notícia que está sendo mostrada.

Ao questionamos sobre a limpeza de voz dos jornalistas, nosso intuito era saber como o público percebia a clareza da voz dos jornalistas, como era a dicção desses jornalistas, se a fala era compreensível ou não e apesar de termos obtidos respostas que variaram desde o “*nada limpa*” ou, em outras palavras, com uma dicção ruim, que não era clara, podendo ser rouca ou anasalada, até o “*muito limpa*” (ou muito clara, compreensível, sem rouquidão...), a maioria dos juízes ainda perceberam as vozes dos jornalistas como limpas, com boa dicção, claras, sem rouquidão ou nasalidade. Isso nos indica que existe um certo cuidado com a impostação da voz por parte dos jornalistas e isso é percebido por parte dos telespectadores/ouvintes.

Tabela 6 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a limpeza da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 4 do questionário), para os três grupos avaliados

Repórteres/Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ⁴³
Delis Ortiz – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
	Pouco limpa	0/16	0%	1/16	6%	0/16	0%	2
	Moderada. limpa	6/16	38%	8/16	50%	3/16	19%	35
	Limpa	9/16	56%	6/16	38%	11/16	69%	54
	Muito limpa	1/16	6%	1/16	6%	1/16	6%	6
José Roberto Burnier – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco limpa	0/16	0%	1/16	6%	0/16	0%	2
	Moderada. Limpa	1/16	6%	2/16	13%	4/16	25%	15
	Limpa	14/16	88%	12/16	75%	8/16	50%	71
	Muito limpa	1/16	6%	1/16	6%	4/16	25%	13
Solange Boulos - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco limpa	0/16	0%	2/16	12,5%	1/16	6%	6
	Moderada. Limpa	4/16	25%	3/16	19%	4/16	25%	23
	Limpa	10/16	62%	9/16	56%	9/16	56%	58
	Muito limpa	2/16	13%	2/16	12,5%	2/16	13%	13
Daniel Adjuto - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco limpa	0/16	0%	3/16	19%	1/16	6%	8

⁴³ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 99% para a voz das jornalistas Delis Ortiz do JN e Cleila Garcia do JR. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais. O 1% faltante está distribuído na soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos. Também encontramos valores totais somados em 101% na voz dos repórteres José Roberto Burnier do JN e Emerson Ramos do JR. O 1% excedente é a soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

	Moderada. limpa	3/16	19%	5/16	31%	2/16	12%	21
	Limpa	12/16	75%	8/16	50%	12/16	75%	67
	Muito limpa	1/16	6%	0/16	0%	1/16	6%	4
Emerson Ramos – JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco limpa	0/16	0%	1/16	6%	0/16	0%	2
	Moderada. limpa	2/16	12,5%	3/16	19%	3/16	19%	17
	Limpa	12/16	75%	10/16	62%	10/16	62%	67
	Muito limpa	2/16	12,5%	2/16	13%	3/16	19%	15
Cleisla Garcia - JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada limpa	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco limpa	0/16	0%	1/16	6%	1/16	6%	4
	Moderada. limpa	5/16	31%	5/16	31%	3/16	19%	27
	Limpa	11/16	69%	7/16	44%	11/16	69%	60
	Muito limpa	0/16	0%	3/16	19%	1/16	6%	8

Fonte: elaboração própria.

No caso da “beleza” da voz, analisamos como a agradabilidade da voz foi percebida pelos juízes.

De acordo com a tabela 7, se observamos as respostas gerais, apenas a voz de Cleisla Garcia do JR foi considerada por 50% dos juízes como “*bonita*”, os outros repórteres, José Roberto Burnier, Daniel Adjuto e Delis Ortiz, Solange Boulos e Emerson Ramos não chegaram a esse percentual.

Ao comparamos as respostas dos grupos, percebemos que os juízes que desconhecem os repórteres, o grupo 3, tendem a dar uma classificação melhor às vozes. Examinando as respostas dos juízes desse grupo, notamos que, com exceção de José Roberto Burnier, os outros repórteres tiveram suas vozes bem avaliadas por esses juízes. Estes, consideraram as vozes mais como “*bonitas*”, do que como “*moderadamente bonita*” ou “*pouco bonita*”.

Mais de 50% dos juízes do grupo 1, grupo que assistiu as matérias, avaliaram as vozes dos jornalistas como “*moderadamente bonita*” (com exceção de Cleisla Garcia, do JR, em que 44% dos juízes consideraram a voz como “*moderadamente bonita*”), sendo 56% e 50% para as vozes dos repórteres do JN (Delis Ortiz e José Roberto Burnier, respectivamente), 50% e 56% para os do SBT Brasil (Solange Boulos e Daniel Adjuto, respectivamente) e 56% para Emerson Ramos do JR.

No grupo 2, os juízes se dividiram entre as opções “*pouco bonita*”, “*moderadamente bonita*” e “*bonita*”. Enquanto 31% dos sujeitos, por exemplo, avaliaram a voz de Ortiz do JN, como “*pouco bonita*”, 25% consideraram sua voz “*moderadamente bonita*”, 38% perceberam a voz da repórter como “*bonita*” e apenas 6% avaliaram como “*muito bonita*”. Quanto à voz de José Roberto Burnier, 6% dos juízes do grupo 2 avaliaram-na como “*pouco bonita*”, 44% como “*moderadamente bonita*” e 50% como “*bonita*”.

Para 25% dos participantes do grupo 2, tanto a voz de Boulos quanto a de Adjuto, ambos do SBT Brasil, são “*pouco bonita*”. Enquanto para 38% dos juízes a voz de Boulos é “*moderadamente bonita*” e para 31% a voz é “*bonita*”, ainda há 6% que consideraram a voz da jornalista como “*muito bonita*”. Já para a voz de Adjuto, 44% avaliaram como “*moderadamente bonita*” e 31% consideraram “*bonita*”.

O mesmo ocorre com as vozes dos repórteres do JR. 19% dos participantes do grupo 2 avaliaram tanto a voz de Emerson Ramos, quanto a voz de Cleisla Garcia como “*pouco bonita*”. Já para 44% dos juízes do mesmo grupo, a voz de Ramos pareceu ser “*moderadamente bonita*”, enquanto para 37% a voz era “*bonita*”. Já em relação a voz de Garcia, enquanto 31% a consideraram “*moderadamente bonita*”, 44% avaliaram sua voz como “*bonita*” e ainda 6% acharam a voz “*muito bonita*”.

Assim, entendemos com essas respostas que, para o público, as vozes dos jornalistas não são muito agradáveis de se ouvir, mas também não desagradam. Apesar de haver um desbalanceamento entre as respostas, elas tendem mais do “*moderado*” ao “*bonito*”. Aqui, mais uma vez lidamos, com a questão da subjetividade, do gosto pessoal, do que o sujeito considera uma voz bela, agradável ou não e isso se aplica tanto para o grupo que assistiu a matéria, quanto para os grupos que apenas ouviram as vozes dos jornalistas.

Tabela 7 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a beleza da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 7 do questionário), para os três grupos avaliados

Repórter/Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ⁴⁴
Delis Ortiz – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Repostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	1/16	6%	0/16	0%	1/16	6%	4
	Pouco bonita	2/16	13%	5/16	31%	0/16	0%	15
	Moderada. bonita	9/16	56%	4/16	25%	6/16	38%	40
	Bonita	4/16	25%	6/16	38%	9/16	56%	40
	Muito bonita	0/16	0%	1/16	6%	0/16	0%	2
José Roberto Burnier – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Repostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	1/16	6%	0/16	0%	0/16	0%	2
	Pouco bonita	0/16	0%	1/16	6%	2/16	12%	6
	Moderada. Bonita	8/16	50%	7/16	44%	7/16	44%	46
	Bonita	7/16	44%	8/16	50%	6/16	38%	44
	Muito bonita	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
Solange Boulos - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Repostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco bonita	1/16	6%	4/16	25%	1/16	6%	13
	Moderada. bonita	8/16	50%	6/16	38%	4/16	25%	38
	Bonita	6/16	38%	5/16	31%	10/16	63%	44
	Muito bonita	1/16	6%	1/16	6%	1/16	6%	6
Daniel Adjuto - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Repostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco bonita	2/16	13%	4/16	25%	2/16	12%	17
	Moderada. bonita	9/16	56%	7/16	44%	7/16	44%	48
	Bonita	4/16	25%	5/16	31%	7/16	44%	33

⁴⁴ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 101% na voz dos repórteres Delis Ortiz do JN e Emerson Ramos do JR. O 1% excedente é a soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

	Muito bonita	1/16	6%	0/16	0%	0/16	0%	2
Emerson Ramos – JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Repostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco bonita	1/16	6%	3/16	19%	2/16	12,5%	13
	Moderada. bonita	9/16	56%	7/16	44%	4/16	25%	42
	Bonita	6/16	38%	6/16	37%	8/16	50%	42
	Muito bonita	0/16	0%	0/16	0%	2/16	12,5%	4
Cleisla Garcia - JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Repostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nada bonita	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Pouco bonita	1/16	6%	3/16	19%	2/16	13%	13
	Moderada. bonita	7/16	44%	5/16	31%	4/16	25%	33
	Bonita	8/16	50%	7/16	44%	9/16	56%	50
	Muito bonita	0/16	0%	1/16	6%	1/16	6%	4

Fonte: elaboração própria.

A terceira característica da voz dos repórteres avaliada pelos juízes foi a altura da voz.

Se observarmos a tabela 8, notamos que todas as vozes foram consideradas “*mediana*” por mais de 50% dos juízes. Isso significa que as vozes não estão num tom que possam ser consideradas agudas, mas também não podem ser consideradas graves. E como nesta questão, como já foi dito, trabalhamos com comparação, as vozes dos jornalistas muito provavelmente foram comparadas as outras vozes que apareceram no vídeo/áudio.

Ainda analisando as respostas em geral, observamos que dentre as vozes femininas, a voz da jornalista do JN é a avaliada como a mais grave das três.

A tabela 8 nos mostra que 17% dos juízes, de modo geral, consideraram a voz de Delis Ortiz como “*grave*”, para 58% dos juízes a voz da jornalista era “*mediana*” e para 25% a voz pareceu ser “*aguda*”.

Se observamos grupo a grupo, notamos que há uma divergência entre as respostas dos juízes. No grupo 1, por exemplo, a maioria dos juízes escolheram entre as opções de “*mediana*” (56%) e “*aguda*” (31%). Apenas 13% dos juízes avaliaram a voz de Ortiz como “*grave*”. No entanto, no grupo 2, as respostas se inverteram e 25% dos juízes avaliam a voz da repórter como “*grave*”, enquanto apenas 6% consideram como “*aguda*”. 69% perceberam a voz de Ortiz como “*mediana*”. O grupo 3 seguiu a mesma tendência do grupo 1. 12% dos juízes acharam a voz da jornalista “*grave*”, 50% consideraram “*mediana*” e 38% avaliaram como “*aguda*”.

A voz de Solange Boulos, do SBTB, foi a que mais houve variação entre as respostas, indo desde o “*muito grave*” até o “*muito aguda*”. Apesar da oscilação, de modo geral, notamos que para 71% dos juízes, a voz da repórter é mediana. Entanto 4% se dividem entre o “*grave*” e “*muito grave*” e o restante entre o “*aguda*” (23%) e o “*muito aguda*” (2%). Olhando as respostas dos grupos individualmente, notamos que apesar de existirem uns poucos que consideraram a voz da jornalista como “*grave*” ou “*muito grave*”, houve maior inclinação dos juízes em considerarem a voz com “*mediana*” a “*aguda*”.

Já a voz de Cleisla Garcia, pareceu ser “*grave*” para 10% dos juízes, no entanto, 65% acharam a voz da jornalista “*mediana*”, enquanto 25% consideram como “*aguda*”. Ao olharmos para as respostas dos grupos, notamos que assim como ocorreu com a repórter do SBTB, houve uma maior inclinação dos juízes em avaliar a voz de “*mediana*” a “*aguda*”.

Mesmo havendo uma concentração maior na opção de “voz mediana”, essa variabilidade entre as respostas tendendo mais para o “agudo” do que para o “grave”, nos indica

que, mesmo com a tentativa por parte das jornalistas de “agravarem” a voz⁴⁵, para os juízes, as vozes femininas ainda são mais “agudas” que “graves”.

Ainda na tabela 8, podemos observar como as vozes dos repórteres foram avaliadas. Assim como no caso das vozes femininas, os juízes também variaram muito nas análises das vozes masculinas. Observemos, a seguir, caso a caso.

A voz de Burnier, do JN, foi percebida pelos juízes, de modo geral, desde “*muito grave*” (4%) até “*muito aguda*” (2%). No entanto a maioria dos juízes ficaram divididos entre considerar a voz “*aguda*” (17%), “*mediana*” (50%) e “*grave*” (27%). Notamos que, apesar da divergência, os resultados tendem mais para o “*grave*” que para o “*agudo*”.

Já em relação à voz de Adjuto, do SBT Brasil, os juízes divergiram menos que com a voz de Burnier. Percebemos que houve uma maior aglomeração das respostas na opção de voz “*mediana*” (75%), no entanto, ainda houveram aqueles que entenderam a voz do jornalista como “*aguda*” (4%), como “*grave*” (19%) e como “*muito grave*” (2%). Aqui, assim como aconteceu com Burnier, houve uma maior tendência entre os juízes em considerar a voz mais como grave, que como aguda.

Por fim, para a voz de Emerson Ramos, do JR, também houve discrepâncias entre as respostas. Mas, notemos, neste caso, que a maioria dos juízes (65%) acharam a voz do repórter “*mediana*”, mas 17% dos juízes acharam a voz do repórter “*grave*” e 17% acharam “*aguda*” e só 2% acharam “*muito grave*”. Ou seja, os juízes se dividiram entre considerar a voz “*grave*” ou “*aguda*”. O que nos sugere, que a voz do jornalista seja mesmo “*mediana*” e não se enquadre exatamente nem num tom mais grave, nem num tom mais agudo.

No caso dos jornalistas homens, o que observamos é justamente o contrário do que acontece com as jornalistas. Enquanto as vozes delas são percebidas mais como agudas do que como graves, no que diz respeito às vozes deles, as respostas tendem ao contrário, mesmo tendo aqueles que consideraram a voz masculina como aguda (e, daí, entendemos como mais aguda do que o comumente esperado para uma voz masculina). Lembrando que Pacheco (2006) explica que os homens possuem uma variação da frequência fundamental mais baixa que as das mulheres.

Aqui, novamente, cabe ressaltar que a altura é um parâmetro comparativo. A voz é tida como mais grave ou mais aguda em relação a outra voz. Também se faz necessário lembrar que

⁴⁵ O senso comum aponta para uma ideia geral de que para se falar bem, ser agradável, passar confiabilidade e credibilidade nas produções jornalísticas de telejornais tradicionais é preciso impostar a voz num tom grave. Talvez esta ideia advenha dos primeiros anos do telejornalismo, em que, conforme explica Reiniger (2004), a narração, inspirada no rádio e no jornal impresso, adotou um estilo de voz impostada e dura.

esse parâmetro acústico está envolto por uma percepção pessoal do que é grave ou agudo e, por isso mesmo, houveram tantas divergências entre as respostas dos grupos. Neste sentido, apesar de considerar todas as respostas, sempre nos baseamos na avaliação da maioria.

Tabela 8 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a altura da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 11 do questionário), para os três grupos avaliados

Repórteres/Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ⁴⁶
Delis Ortiz – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Grave	2/16	13%	4/16	25%	2/16	12%	17
	Mediana	9/16	56%	11/16	69%	8/16	50%	58
	Aguda	5/16	31%	1/16	6%	6/16	38%	25
	Muito aguda	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
José Roberto Burnier – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/16	0%	2/16	12%	0/16	0%	4
	Grave	3/16	19%	6/16	38%	4/16	25%	27
	Mediana	10/16	62%	7/16	44%	7/16	44%	50
	Aguda	3/16	19%	1/16	6%	4/16	25%	17
	Muito aguda	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
Solange Boulos - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
	Grave	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
	Mediana	11/16	69%	12/16	75%	11/16	69%	71
	Aguda	4/16	25%	4/16	25%	3/16	19%	23
	Muito aguda	1/16	6%	0/16	0%	0/16	0%	2
Daniel Adjuto - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/16	0%	1/16	6%	0/16	0%	2
	Grave	3/16	19%	3/16	19%	3/16	19%	19
	Mediana	12/16	75%	12/16	75%	12/16	75%	75
	Aguda	1/16	6%	0/16	0%	1/16	6%	4

⁴⁶ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 101% na voz da repórter Emerson Ramos do JR. O 1% excedente é a soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

	Muito aguda	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
Emerson Ramos – JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/16	0%	1/16	6%	0/16	0%	2
	Grave	0/16	0%	5/16	31%	3/16	19%	17
	Mediana	13/16	81%	7/16	44%	11/16	69%	65
	Aguda	3/16	19%	3/16	19%	2/16	12%	17
	Muito aguda	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
Cleisla Garcia - JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito grave	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Grave	1/16	6%	2/16	12.5%	2/16	13%	10
	Mediana	10/16	63%	12/16	75%	9/16	56%	65
	Aguda	5/16	31%	2/16	12.5%	5/16	31%	25
	Muito aguda	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0

Fonte: elaboração própria.

Por fim, a última característica analisada relacionada a voz dos repórteres foi o volume. Na tabela 9, percebemos que a concentração das respostas está nas opções de “*normal*” e “*alto*”. Poucos juízes acharam que o volume das matérias dos jornais estava “ *muito baixo*”, “*baixo*” ou “*muito alto*”.

Ao observarmos as respostas dos juízes para a voz da repórter Delis Ortiz, veremos que mais de 50% dos juízes dos 3 grupos avaliaram o volume da voz como “*normal*”. Outros (44% do grupo 1, 31% do grupo 2 e 38% do grupo 3) acharam o volume “*alto*”. Ainda houveram aqueles que perceberam o volume como “*muito baixo*” (6.5% dos juízes do grupo 2), “*baixo*” (6% dos juízes do grupo 1) e “*muito alto*” (6.5% dos juízes do grupo 2).

Diferente do que esperávamos, considerando as respostas dos juízes para os outros jornalistas do JN, as respostas sobre o volume da voz do repórter José Roberto Burnier seguiram um caminho diferente. Enquanto as vozes dos outros jornalistas (os âncoras e a repórter Delis Ortiz) foram avaliadas, em sua maioria, como “*normal*”, o volume da voz de Burnier foi percebida como “*alto*” por 60% dos juízes dos três grupos.

Observemos, com mais atenção, as respostas dos três grupos sobre o volume da voz de Burnier: no grupo 1, 44% dos juízes acharam o volume de sua voz “*normal*”, 50% perceberam o som como “*alto*” e para 6% dos juízes o volume estava “*muito alto*”. No grupo 2, 6.5% dos juízes avaliaram o volume como “*baixo*”, 31% dos juízes acharam o volume “*normal*”, para 56% o volume estava “*alto*” e 6.5% acharam o volume “*muito alto*”. Já para o grupo 3, 12.5% dos juízes perceberam que o volume estava “*normal*”, 75% dos juízes acharam o volume “*alto*” e 12.5% perceberam o volume como “*muito alto*”.

Dessa forma, ao considerarmos as respostas dos juízes da pesquisa, entendemos que o volume da voz do repórter José Roberto Burnier é “*alto*”, o que o diferencia dos outros jornalistas do Jornal Nacional que tiveram suas vozes avaliadas com o volume “*normal*” pelos mesmos juízes.

Ao observarmos as respostas referentes ao volume das vozes dos repórteres do SBTB, percebemos que os dois jornalistas são avaliados como tendo um volume de voz “*normal*” pela maioria dos juízes (65% dos juízes acharam a voz de Solange Boulos “*normal*” e 54% acharam o mesmo da voz de Daniel Adjuto). Houveram, também, aqueles que acharam o volume das vozes “*alto*” (29% sobre a voz de Boulos e 38% sobre a voz de Adjuto), ou que acharam o volume “*baixo*” (2% dos juízes acharam o volume da voz de Boulos e de Adjuto “*baixo*”), ou, ainda, “*muito alto*” (4% dos juízes acharam o volume da voz de Boulos “*muito alto*”).

Por fim, sobre o volume das vozes dos repórteres do Jornal da Record, percebemos que assim como com ocorreu com os repórteres do SBTB, mais de 50% dos juízes avaliaram tanto

o volume da voz de Emerson Ramos, quanto o volume da voz de Cleisla Garcia como “*normal*” (54% e 65%, respectivamente). 35% dos juízes e 33% avaliara a voz de Emerson Ramos e Cleisla Garcia, nesta ordem, como “*alto*”. Ainda houveram juízes que avaliaram o volume das vozes como “*baixo*” (10% para o volume da voz de Ramos e 2% para a voz de Garcia).

Tabela 9 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre o volume da voz dos repórteres dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 14 do questionário), para os três grupos avaliados

Repórteres/Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ⁴⁷
Delis Ortiz – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/16	0%	1/16	6,5%	0/16	0%	2
	Baixo	1/16	6%	0/16	0%	0/16	0%	2
	Normal	8/16	50%	9/16	56%	10/16	62%	56
	Alto	7/16	44%	5/16	31%	6/16	38%	38
	Muito alto	0/16	0%	1/16	6,5%	0/16	0%	2
José Roberto Burnier – JN, Rede Globo	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Baixo	0/16	0%	1/16	6,5%	0/16	0%	2
	Normal	7/16	44%	5/16	31%	2/16	12,5%	29
	Alto	8/16	50%	9/16	56%	12/16	75%	60
	Muito alto	1/16	6%	1/16	6,5%	2/16	12,5%	8
Solange Boulos - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Baixo	0/16	0%	1/16	6%	0/16	0%	2
	Normal	12/16	75%	8/16	50%	11/16	69%	65
	Alto	4/16	25%	6/16	38%	4/16	25%	29
	Muito alto	0/16	0%	1/16	6%	1/16	6%	4
Daniel Adjuto - SBT Brasil, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Baixo	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
	Normal	11/16	69%	10/16	62%	8/16	50%	60
	Alto	5/16	31%	6/16	38%	7/16	44%	38

⁴⁷ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 99% para a voz dos jornalistas José Roberto Burnier do JN e Emerson Ramos do JR. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais. O 1% faltante está distribuído na soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

	Muito alto	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
Emerson Ramos – JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Baixo	2/16	12%	2/16	12%	1/16	6%	10
	Normal	10/16	63%	7/16	44%	9/16	56%	54
	Alto	4/16	25%	7/16	44%	6/16	38%	35
	Muito alto	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
Cleisla Garcia - JR, Rede Record	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Muito baixo	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0
	Baixo	0/16	0%	0/16	0%	1/16	6%	2
	Normal	11/16	69%	10/16	62%	10/16	63%	65
	Alto	5/16	31%	6/16	38%	5/16	31%	33
	Muito alto	0/16	0%	0/16	0%	0/16	0%	0

Fonte: elaboração própria.

Resumidamente, podemos dividir as respostas dos juízes em quatro categorias distintas:

1ª) quanto à limpeza: Suscintamente, as respostas nos afirmam que, apesar das divergências, a maioria dos juízes perceberam as vozes dos jornalistas (âncoras e repórteres) das três emissoras como limpas.

2ª) quanto à beleza da voz: Os âncoras obtiveram melhor avaliação neste quesito que os repórteres. Os repórteres (tanto os homens quanto as mulheres) não agradaram, nem desagradaram.

3ª) quanto à altura da voz: De acordo com o esperado, comparativamente, as vozes masculinas foram percebidas variando mais de médias para graves, e as femininas variando mais de médias para agudas.

4ª) quanto ao volume: Para as vozes dos âncoras, apesar da variação das respostas, o que prevaleceu foi o volume “*normal*”. Já as vozes dos repórteres, com exceção do jornalista José Roberto Burnier, do Jornal Nacional, foram avaliadas como “*normal*”.

Queríamos, com este teste, investigar qual a percepção do público em relação as características vocais dos telejornalistas das três emissoras e, a partir das respostas dadas, verificar se haveria algo que diferenciasse a voz dos jornalistas da Rede Globo, dos jornalistas das outras emissoras, contribuindo, assim, na construção do chamado “padrão Globo de Qualidade”. No entanto, a partir dos resultados obtidos, notamos que os juízes não perceberam muita diferença entre as vozes dos jornalistas da Rede Globo e os das outras emissoras.

Então, *a priori*, apenas com as respostas do teste de percepção, não foi possível identificar elementos que delimitem o “padrão Globo de qualidade”, já que em relação às características vocais investigadas neste teste, não foi percebida muita diferença entre os jornalistas da Globo e os das outras emissoras.

6.1.3 Confiabilidade da matéria e qualidade do som

Além de buscarmos compreender qual a opinião dos juízes para com as características vocais dos jornalistas, também nos interessamos em entender como eles analisavam a confiabilidade das matérias e a qualidade do som delas. A orientação que demos para os ouvintes dos grupos foi o de avaliar as questões de confiabilidade analisando a questão textual. Se havia lógica, coerência, comprovações, testemunhas que validassem o fato e que deixassem de lado, tanto quanto fosse possível, questões políticas e ideológicas.

A tabela 10 nos mostra que, nesta questão, as matérias que mais passaram confiança para os grupos, num total de 61% foram as matérias do *Jornal da Record*. As matérias do *Jornal*

Nacional ficaram em segundo lugar com a aprovação de 56% dos sujeitos e as matérias do *SBT Brasil* obtiveram 47%.

Para 3% dos juízes, as matérias exibidas pelo JN não passavam “*nenhuma*” confiança. Se observarmos com atenção, percebemos que os juízes que fizeram essa avaliação estavam justamente nos grupos que sabiam que as matérias pertenciam ao telejornal (grupos 1 e 2), bem como os juízes que apontaram que as matérias passavam “*pouca*” confiança. O grupo 3, grupo que não sabia de que jornal se tratava, avaliou a matéria positivamente, variando entre “*moderada*”, “*boa*” e “*ótima*” confiabilidade.

Em relação às outras matérias, para 14% dos juízes as notícias exibidas pelo *SBT Brasil* passaram “*pouca*” confiança, assim como para 6% as matérias do *Jornal da Record* também passaram “*pouca*” confiança.

Tabela 10 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a confiabilidade dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 1 do questionário), para os três grupos avaliados

Jornais/Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ⁴⁸
JORNAL NACIONAL, REDE GLOBO	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nenhuma	1/32	3%	2/32	6%	0/32	0%	3
	Pouca	3/32	9%	3/32	9%	0/32	0%	6
	Moderada	6/32	19%	4/32	13%	9/32	28%	20
	Boa	19/32	59%	18/32	56%	17/32	53%	56
	Ótima	3/32	9%	5/32	16%	6/32	19%	15
JORNAL SBT BRASIL, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nenhuma	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouca	4/32	13%	4/32	13%	5/32	16%	14
	Moderada	4/32	13%	13/32	41%	9/32	28%	27
	Boa	19/32	59%	11/32	34%	15/32	47%	47
	Ótima	5/32	16%	4/32	13%	3/32	9%	13
JORNAL DA RECORD, REDE RECORD	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nenhuma	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouca	2/32	6%	0/32	0%	4/32	13%	6
	Moderada	4/32	13%	9/32	28%	4/32	13%	18
	Boa	18/32	56%	18/32	56%	23/32	72%	61
	Ótima	8/32	25%	5/32	16%	1/32	3%	15

Fonte: elaboração própria.

⁴⁸ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 101% para a confiabilidade da matéria do SBT Brasil. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais. O 1% excedente é a soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

Por mais objetivos que tentemos ser acerca desta variável, entendemos que ela está envolta por diversas camadas de subjetividade, mesmo para o grupo cujos juízes não identificaram os jornais e emissoras nos quais aquelas matérias foram veiculadas.

De acordo com Bertolini (2016), existe uma espécie de “contrato social”, e por contrato entenda-se consenso ou acordo implícito, entre os jornalistas e o público que diz que o jornalista fala por eles, sobre eles, para eles e eles devam acreditar. “Nós, a audiência, concordamos em consumir as notícias e respeitar a figura da imprensa; em troca queremos conteúdo de qualidade, verdadeiro e socialmente relevante” (BERTOLINI, 2016, p. 2).

As pessoas creem que o que se mostra no noticiário é verídico, que o jornalista é um observador imparcial que descreverá o acontecido tal qual, e esquecem-se que o jornalismo (seja ele, televisivo, de rádio, impresso, ou virtual) não é um espelho da realidade e que o jornalista, ao escolher uma ou outra palavra para compor seu texto, está colocando sua opinião nele. De modo que a notícia que nos chega, apesar de “verdadeira”, passou por vários “filtros” de opiniões. Logo, ela não é um “espelho” do fato. Neste sentido, acreditamos que todo acontecimento tem pelo menos três lados: o de quem viveu, o de quem viu e o de quem escreveu sobre. Assim, ao nos depararmos com uma notícia, é importante que olhemos para ela com um olhar crítico e que busquemos outras fontes para ratificar o ocorrido.

Contudo, a existência desse “contrato social”, que sugere justamente essa troca de confiança entre jornalistas e público, faz com que o público não se preocupe com essas questões e, talvez, isso possa ter corroborado para esses resultados primeiros.

Por fim, a última pergunta sobre as notícias dos três telejornais pesquisados foi em relação a qualidade do som das matérias. Aqui, o que queríamos analisar era se os sujeitos percebiam algum tipo de ruído, chiado, ecos, reverberações ou outras distorções no som e o quanto isso influenciava na qualidade do mesmo.

Na tabela 11, verificamos que, de modo geral, os juízes avaliaram bem a qualidade sonora das matérias. Poucos juízes acharam o som de “pouca” qualidade. A maioria das respostas se concentraram na opção “boa” qualidade e, se observarmos a tabela, notamos que o som do Jornal Nacional foi o que mais agradou os juízes. Para 66% deles, as matérias do jornal apresentaram “boa” qualidade de som e para 24% dos juízes o som das matérias apresentaram “ótima” qualidade. Apenas 10% acharam o som com qualidade “moderada”. Os outros jornais também tiveram boa avaliação, 56% dos juízes acharam o som das matérias do SBTB de “boa” qualidade e para 5% deles, o som das matérias foi de “ótima” qualidade. 57% dos juízes avaliaram o som das matérias do JR de “boa” qualidade, enquanto para 5% o som das matérias

do JR como de ótima qualidade. Houveram outros juízes que avaliaram o som de “pouca” (2%) ou “moderada” (31%) qualidade para os dois jornais.

Tabela 11 – Resultados referentes às respostas dadas à pergunta sobre a qualidade do som das matérias dos jornais da Rede Globo, SBT e Record (pergunta nº 8 do questionário), para os três grupos avaliados

Jornais/ Emissoras		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total ⁴⁹
JORNAL NACIONAL, REDE GLOBO	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nenhuma	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouca	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Moderada	3/32	9%	4/32	13%	3/32	9%	10
	Boa	20/32	63%	23/32	72%	20/32	63%	66
	Ótima	9/32	28%	5/32	16%	9/32	28%	24
JORNAL SBT BRASIL, SBT	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nenhuma	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouca	1/32	3%	4/32	13%	6/32	19%	11
	Moderada	5/32	16%	15/32	47%	6/32	19%	27
	Boa	23/32	72%	13/32	41%	18/32	56%	56
	Ótima	3/32	9%	0/32	0%	2/32	6%	5
JORNAL DA RECORD, REDE RECORD	Opções	Respostas dadas		Respostas dadas		Respostas dadas		(%)
	Nenhuma	0/32	0%	0/32	0%	0/32	0%	0
	Pouca	1/32	3%	1/32	3%	0/32	0%	2
	Moderada	7/32	22%	12/32	38%	11/32	34%	31
	Boa	20/32	63%	17/32	53%	18/32	56%	57
	Ótima	4/32	13%	2/32	6%	3/32	9%	9

Fonte: elaboração própria.

A questão sobre a qualidade do som, apesar de técnica, também perpassa pelo campo da subjetividade, sobretudo para aqueles que não estão acostumados a refletir a respeito.

As respostas sobre qualidade de som nos indicam que, para a maioria dos juízes, o som de todas as emissoras é percebido como “bom”, apesar de preferirem a qualidade do som da Rede Globo.

Pelas respostas que obtivemos até este ponto da pesquisa, percebemos que uma boa porcentagem do público tende a confiar no que os telejornalistas transmitem. Associando isto

⁴⁹ Nesta tabela encontramos valores totais somados em 99% para a confiabilidade da matéria do SBT Brasil e do Jornal da Record. Isso ocorre porque o Excel arredonda os valores para cima ou para baixo dependendo da quantidade de casas decimais. O 1% faltante está distribuído na soma dos valores decimais arredondados e visualmente suprimidos.

aos resultados acerca de limpeza, beleza, altura e volume das vozes de âncoras e repórteres, entendemos que essas pequenas questões nos apontam que essas características influenciam no gosto do público e em sua interpretação do que é e do que não é de qualidade. No entanto, as respostas obtidas neste teste foram insuficientes para nos indicar o que diferencia as vozes dos telejornalistas da Rede Globo das vozes dos profissionais de outras emissoras e se esta diferença concorre para a construção do chamado “padrão Globo de qualidade”. Assim, o “padrão Globo de qualidade” pode ser apenas um conjunto de regras institucionais que abrange somente técnica e produção de conteúdo.

Dessa forma, fomos impulsionados a ir mais fundo nesta questão e investigar se o que o público percebe, de oitiva, na voz dos jornalistas, condiz com o que realmente acontece acusticamente. Na próxima seção, aprofundaremos as discussões sobre os resultados obtidos das análises dos parâmetros prosódicos investigados nesta pesquisa.

6.2 ANÁLISE ACÚSTICA DOS GRUPOS TONAIIS DOS JORNALISTAS DA REDE GLOBO

Na primeira etapa desta pesquisa, investigamos a percepção do público acerca de algumas características de determinadas matérias de telejornais das emissoras Globo, SBT e Record. Na análise perceptual, verificamos que para a maioria dos juízes as vozes dos jornalistas (apresentadores e repórteres) das três emissoras não apresentaram muitas diferenças nas características analisadas. Assim, buscando compreender se o que o público percebeu de oitiva condizia com o que ocorre acusticamente, nos questionamos o que, em termos acústicos, diferencia a fala dos jornalistas da Globo da fala dos jornalistas das outras emissoras.

Buscando responder a esta questão, analisamos acusticamente a voz dos jornalistas da Rede Globo com o intuito de investigar se existe algum padrão prosódico entre seus profissionais. Depois, comparamos a fala destes telejornalistas com a dos telejornalistas das emissoras SBT e Rede Record para, assim, compreender se existe diferença prosódica entre a fala dos jornalistas das três emissoras.

6.2.1 Análise da F_0 relativa dos âncoras da Rede Globo

Nesta parte da pesquisa, trabalhamos com os cinco telejornais da Rede Globo: 3 diurnos e 2 noturnos. Selecionamos duas matérias de cada telejornal e analisamos a F_0 relativa e a tessitura de cada grupo tonal de cada jornalista (âncora e repórter) de cada telejornal. Neste

primeiro momento, analisamos os GTs sem separar as matérias por editorias, com o intuito de verificar o que ocorre de modo geral com a fala dos jornalistas.

Quadro 3 – Relação dos telejornais da Rede Globo selecionados para a pesquisa com seus respectivos âncoras e repórteres

Telejornais	Âncoras	Repórteres
Hora 1 (Diurno)	Monalisa Perrone	Fernanda Graell Michelle Barros
BDB (Diurno)	Ana Paula Araújo Chico Pinheiro Rodrigo Bocardi Fábio William	Renato Biazzi Geiza Duarte
JH (Diurno)	Sandra Annenberg Evaristo Costa	Elaine Bastes Roberto Paiva
JN (Noturno)	Renata Vasconcellos William Bonner	Delis Ortiz José Roberto Burnier
JG (Noturno)	William Waack	Giovana Telles Marcos Losekann

Fonte: elaboração própria.

A princípio, buscamos por algum padrão na curva de F_0 dos GTs extraídos das falas dos jornalistas. Na tabela 12, observamos o número de subidas e quedas da F_0 dentro de um GT em duas partes: primeiro da frequência inicial para a medial (F_0 i-m) e em seguida da F_0 medial para a final (F_0 m-f).

Ilustrativamente, notamos, nesta tabela, que dos 65 GTs extraídos da fala da apresentadora do *H1*, Monalisa Perrone, em 28 ela começou com o tom baixo da F_0 inicial para a medial e subiu e nos outros 37 GTs ela já começou com um tom alto e então abaixou o tom. Da F_0 medial para a final, a apresentadora subiu o tom em 23 GTs e em 42 ela finalizou com quedas. Do mesmo modo, se observamos os GTs das falas dos outros apresentadores, com exceção dos jornalistas Rodrigo Bocardi do *BDB* e William Waack do *JG*, notamos a mesma preferência pelas quedas em relação as subidas da F_0 inicial para a medial. Da F_0 medial para a final há uma maior tendência entre todos os jornalistas em finalizar com quedas.

Nossa hipótese para esses resultados é de que talvez essa tendência em finalizar os GTs com quedas esteja relacionada ao padrão entoacional do português brasileiro. Apesar de relevantes, essas questões, por não comporem o escopo deste trabalho, não serão aprofundadas neste estudo.

Tabela 12 – Número de subidas e quedas da F0i-m e da F0m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo

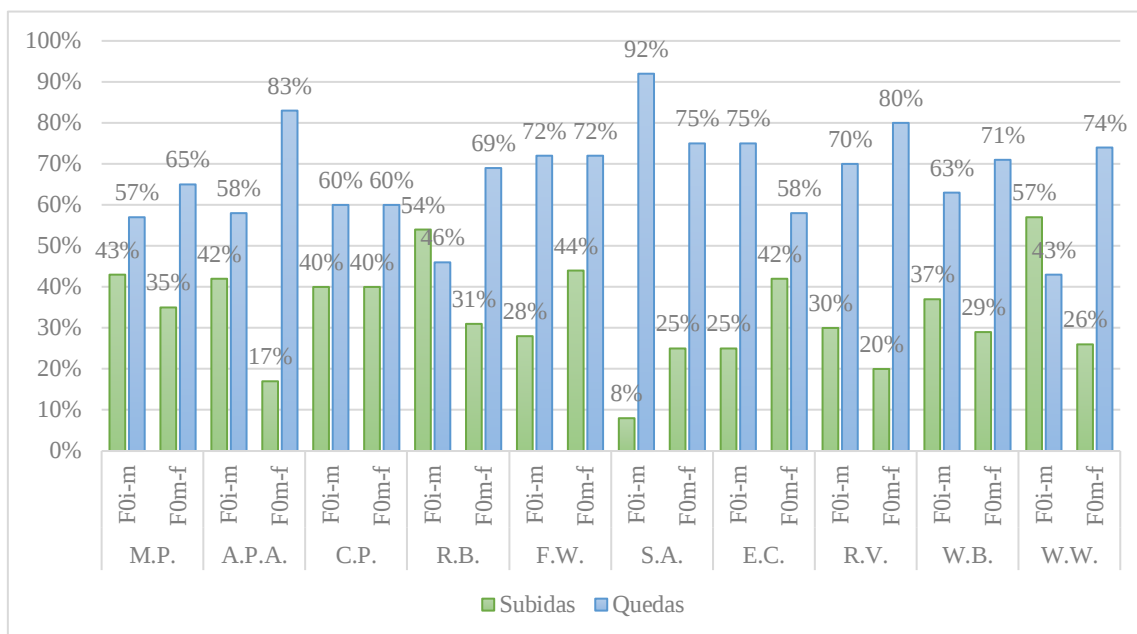
Telejornais/Âncoras		F ₀ inicial para a medial		F ₀ medial para a final		Total de GTs
		Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
H1	Monalisa Perrone	28 (43%)	37 (57%)	23 (35%)	42 (65%)	65 (100%)
BDB	Ana Paula Araújo	5 (42%)	7 (58%)	2 (17%)	10 (83%)	12 (100%)
	Chico Pinheiro	4 (40%)	6 (60%)	4 (40%)	6 (60%)	10 (100%)
	Rodrigo Bocardi	7 (54%)	6 (46%)	4 (31%)	9 (69%)	13 (100%)
	Fábio William	5 (28%)	13 (72%)	8 (44%)	10 (56%)	18 (100%)
JH	Sandra Annenberg	1 (8%)	11 (92%)	3 (25%)	9 (75%)	12 (100%)
	Evaristo Costa	3 (25%)	9 (75%)	5 (42%)	7 (58%)	12 (100%)
JN	Renata Vasconcellos	3 (30%)	7 (70%)	2 (20%)	8 (80%)	10 (100%)
	William Bonner	9 (37%)	15 (63%)	7 (29%)	17 (71%)	24 (100%)
JG	William Waack	13 (57%)	10 (43%)	6 (26%)	17 (74%)	23 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Uma outra questão observada nos dados dos âncoras do telejornalismo da Rede Globo, que os diferenciam dos âncoras das outras emissoras, é a quantidade de GTs produzidos. Os âncoras da Rede Globo, mais do que simplesmente narrar o *lead*, o jornalista comenta sobre a notícia e faz uma rápida introdução da matéria que será apresentada pelo repórter. Além disso, há aqueles que interagem com os colegas comentando sobre a matéria, seja antes da apresentação do repórter, ou depois como uma espécie de nota comentada. Ao observarmos os dados dos âncoras das outras emissoras, percebemos que não há essa interação por parte dos jornalistas. Eles apresentam a notícia e o repórter entra com a matéria. Por isso mesmo, notaremos mais adiante quando analisarmos os GTs dos âncoras das emissoras SBT e Rede Record, que a quantidade de GTs destes jornalistas são menores que os apresentados pelos âncoras da Globo.

Os dados do gráfico 1 nos mostram as subidas e quedas das F₀ nas porções inicial para a medial e medial para a final na fala dos âncoras analisados. O gráfico ilustra que o número de quedas é maior que o números de subidas tanto da F₀ i-m, quanto para a F₀ m-f. Esses valores nos apontam que, apesar da variação entre subidas e quedas, ao que parece, há uma certa relação na fala dos jornalistas, uma vez que existe uma tendência entre eles em fazer mais o tom descendente.

Gráfico 1 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo



Obs.: As siglas da esquerda para a direita significam: Monalisa Perrone, Ana Paula Araújo, Chico Pinheiro, Rodrigo Bocardi, Fábio William, Sandra Annenberg, Evaristo Costa, Renata Vasconcellos, William Bonner, William Waack.

Fonte: Elaboração própria.

Enquanto na tabela 12, observamos o número de subidas e quedas da F_0 dentro de um GT em duas partes (primeiro da frequência inicial para a medial e em seguida da frequência medial para a final), na tabela 13, o que analisamos é a relação entre subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs.

A princípio, notamos que nenhum jornalista segue um padrão de variação. Por vezes, eles iniciam alguns GTs com subidas, enquanto em outros, já começam alto e descem o tom. Voltemos ao exemplo passado: foram extraídos 65 grupos tonais da fala da âncora do H1, Monalisa Perrone. Nesses 65 GTs ela sobe a frequência 28 vezes e desce 37 vezes da F_0 inicial para a medial e sobe a frequência 23 vezes e desce 42 vezes da F_0 medial para a final.

Dentre as subidas e quedas, conforme consta na tabela 13, a jornalista sobe o tom da F_0 inicial para a medial para depois descer da F_0 medial para a final 22 vezes (que representa 34% dos GTs). Por 6 vezes (9%), ela começa baixo, sobe o tom e finaliza com outra subida. Em 17 GTs (26%), ela começa com o tom alto, desce o tom para depois subir de novo e em outros 20 GTs (31%), ela começa num tom alto, desce o tom e finaliza com outra queda. Ou seja, de todas as variações possíveis de subidas e quedas, a que a apresentadora mais faz é a subida (F_0 i-m)

seguida por uma queda (F_0 m-f) e a variação que menos realiza é a subida (F_0 i-m) seguida por outra subida (F_0 m-f).

Observemos, agora, o caso da apresentadora do BDB, Ana Paula Araújo. Na tabela 12, vimos que ela apresentou 12 GTs. Da F_0 inicial para a F_0 medial, ela sobe o tom em 5 GTs e em 7 GTs a jornalista desce o tom. Da F_0 medial para a final, Araújo sobe o tom em 2 GTs e desce o tom em 10 GTs.

Aqui na tabela 13, observamos que Araújo inicia 3 GTs (o que representa 25% dos GTs) com o tom baixo, sobe para depois descer. Em 2 GTs (17%), ela inicia com o tom baixo, sobe e termina com outra subida e em 7 GTs (58%), ela faz o contrário: inicia com o tom alto, abaixa o tom para, em seguida, terminar com outra queda. Em nenhum GT a apresentadora faz uma queda seguida por uma subida de tom.

Se analisarmos a variação tonal de todos os jornalistas aqui apresentados, notaremos que eles não seguem um padrão pré-estabelecido. Contudo, ao analisarmos os dados mais profundamente, notamos que, apesar da variação entre as quedas e subidas de tons, existe uma certa relação de proporcionalidade entre essas variações. É possível notar, por exemplo, que dentre os quatro tipos de variações, a que eles menos fazem é a subida seguida por outra subida e a que eles mais produzem é a variação de queda seguida por queda.

Tabela 13 – Variação tonal da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo

Telejornais/Âncoras		F_0 i-m para a F_0 m-f	F_0 i-m para a F_0 m-f	F_0 i-m para a F_0 m-f	F_0 i-m para a F_0 m-f
		Subidas e Quedas	Subida e Subida	Quedas e Subidas	Quedas e Quedas
H1	Monalisa Perrone	22 vezes (34%)	6 vezes (9%)	17 vezes (26%)	20 vezes (31%)
BDB	Ana Paula Araújo	3 vezes (25%)	2 vezes (17%)	0 vezes (0%)	7 vezes (58%)
	Chico Pinheiro	3 vezes (30%)	1 vez (10%)	3 vezes (30%)	3 vezes (30%)
	Rodrigo Bocardí	5 vezes (38%)	2 vezes (15%)	2 vezes (15%)	4 vezes (31%)
	Fábio William	3 vezes (17%)	2 vezes (11%)	6 vezes (33%)	7 vezes (39%)
JH	Sandra Annenberg	1 vez (8%)	0 vezes (0%)	3 vezes (25%)	8 vezes (67%)
	Evaristo Costa	2 vezes (17%)	1 vez (8%)	4 vezes (33%)	5 vezes (42%)
JN	Renata Vasconcellos	3 vezes (30%)	0 vezes (0%)	2 vezes (20%)	5 vezes (50%)
	William Bonner	8 vezes (33%)	1 vez (4%)	6 vezes (25%)	9 vezes (38%)

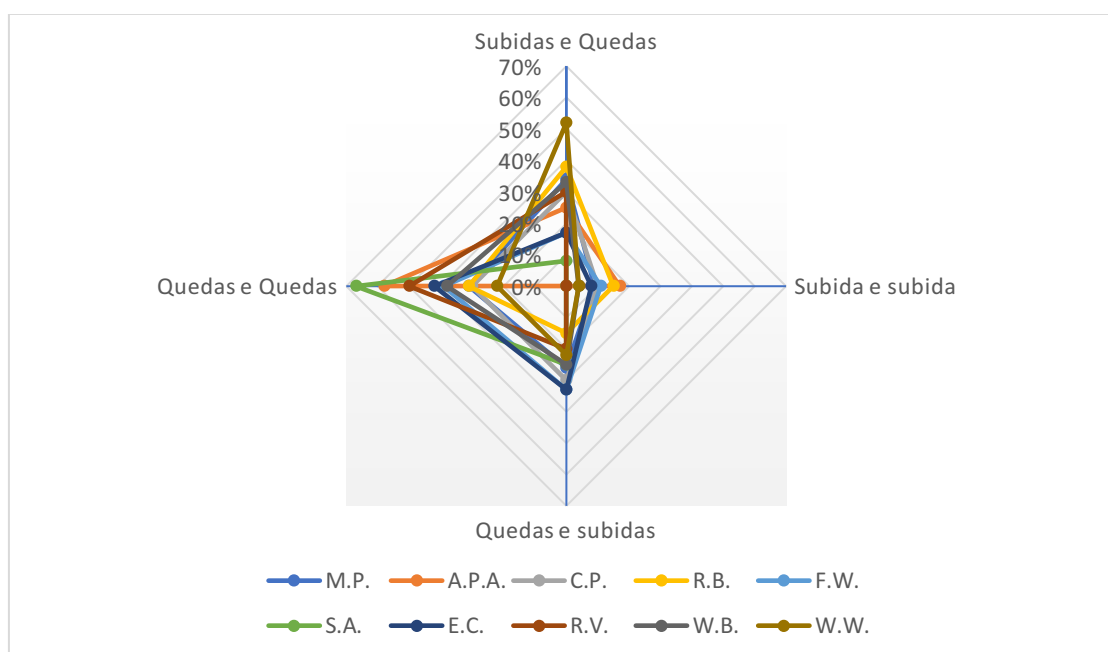
JG	William Waack	12 vezes (52%)	1 vez (4%)	5 vezes (22%)	5 vezes (22%)
-----------	----------------------	-------------------	------------	---------------	---------------

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 13 e do gráfico 2 mostram que, dentre as variações de subidas e quedas, os apresentadores dos jornais da Rede Globo parecem preferir as quedas seguidas de quedas. Em média 41% dos GTs de todos os jornalistas analisados foram de tons descendentes. E a variação que eles menos fazem é a subida seguida de outra subida. Em média, apenas 8% dos GTs de todos os âncoras apresentaram sequências de tons ascendentes. Em média 28% e 23% dos casos, os GTs apresentaram as variações de ascendência e descendência e descendência e ascendência, respectivamente.

Em outras palavras, notamos que, apesar da variação, existe uma tendência entre os jornalistas em produzir as quedas em relação as subidas tanto da F_0 inicial para a medial, quanto da F_0 medial para a final. Não existe um padrão intrínseco e bem estabelecido, mas essa tendência ao mesmo tipo de variação tonal nos indica que pode haver um cuidado com o modo de noticiar.

Gráfico 2 –Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo



Fonte: Elaboração própria.

Além da busca pela identificação de um padrão na variação das F_0 dos telejornalistas, que nos levou a descobrir que não há um padrão sólido estabelecido, tendo em vista que os

jornalistas não seguem a mesma variação tonal, mas apresentam uma realização comum entre as variações, também procuramos verificar se havia algum tipo de relação de dependência significativa entre a F_0 inicial-medial e a F_0 medial-final. Para isso, aplicamos o teste estatístico de Regressão Linear Simples.

Os resultados da tabela 14 nos mostram que apenas os jornalistas Chico Pinheiro e Rodrigo Bocardi do *Bom Dia Brasil*, William Bonner do *Jornal Nacional* e William Waack do *Jornal da Globo* apresentam casos de relação de dependência significativa entre a F_0 i-m e F_0 m-f. Esses resultados indicam que, no caso desses jornalistas, estatisticamente, a F_0 medial-final é dependente da F_0 inicial-medial. Em outras palavras, a F_0 m-f vai tender a queda ou subida dependendo de como for a F_0 i-m. Ainda de acordo com os dados da tabela, o modelo consegue explicar em 38% a relação entre a F_0 i-m e a F_0 m-f nos valores calculados da fala de Chico Pinheiro, em 31% os valores de Rodrigo Bocardi, em 42% os de William Bonner e em 46% os de William Waack. Ou seja, apesar de haver uma relação de dependência entre as F_0 , há outros fatores aleatórios que também influenciam a F_0 m-f além da F_0 i-m.

Tabela 14 – Regressão Linear Simples entre as F_0 relativas médias i-m e m-f dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p e R^2

Telejornais/Âncoras		F_0 relativa: média i-m (%)	F_0 relativa: média m-f (%)	Valor de p	Valor de R^2 (ajustado)
H1	Monalisa Perrone	3.55%	-6.97%	p = 0.0771 ^{ns}	0.0325 ^{ns}
BDB	Ana Paula Araújo	-0.19%	-20.42%	p = 0.5295 ^{ns}	-0.0540 ^{ns}
	Chico Pinheiro	7.54%	-4.33%	p = 0.0315^s	0.3856^s
	Rodrigo Bocardi	2.86%	-7.93%	p = 0.0265^s	0.3115^s
	Fábio William	-9.86%	7.29%	p = 0.6330 ^{ns}	-0.0076 ^{ns}
	Sandra Annenberg	-23.42%	-21.89%	p = 0.2864 ^{ns}	0.0238 ^{ns}
JH	Evaristo Costa	-5.48%	-3.92%	p = 0.0596 ^{ns}	0.2372 ^{ns}
JN	Renata Vasconcellos	0.43%	-15.58%	p = 0.0971 ^{ns}	0.2155 ^{ns}
	William Bonner	-3.11%	-6.45%	p = 0.0006^s	0.4240^s
JG	William Waack	7.46%	-13.05%	p = 0.0004^s	0.4696^s

Obs: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Para investigar a existência de diferença significativa entre as variações das F_0 dos jornalistas, rodamos o teste *ANOVA de Kruskal-Wallis*. Os resultados apresentados na tabela 15 nos indicam que há diferença significativa entre as variações das frequências nos casos da âncora do telejornal BDB, Ana Paula Araújo, e do âncora do JG, William Waack. Ou seja, nos casos desses jornalistas, a diferença entre a variação da F_0 inicial-medial e da F_0 medial-final é

prosodicamente significativa. Os outros âncoras não apresentaram diferença significativa entre as variáveis. Em outras palavras, há outros fatores que influenciam na variação da curva da frequência.

Tabela 15 – Kruskal-Wallis da fala dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p

	Âncoras	Valor F ₀ i-m (média)	Valor F ₀ m-f (média)	Valor de p
H1	Monalisa Perrone	3.55%	-6.97%	p = 0.0557 ^{ns}
BDB	Ana Paula Araújo	-0.19%	-20.42%	p = 0.0153^s
	Chico Pinheiro	7.54%	-4.33%	p = 0.6501 ^{ns}
	Rodrigo Bocardi	2.86%	-7.93%	p = 0.2090 ^{ns}
	Fábio William	-9.86%	7.29%	p = 0.5478 ^{ns}
JH	Sandra Annenberg	-23.42%	-21.89%	p = 0.9540 ^{ns}
	Evaristo Costa	-5.48%	-3.92%	p = 0.9081 ^{ns}
JN	Renata Vasconcellos	0.43%	-15.58%	p = 0.1509 ^{ns}
	William Bonner	-3.11%	-6.45%	p = 0.4333 ^{ns}
JG	William Waack	7.46%	-13.05%	p = 0.0258^s

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

6.2.2 Análise da Tessitura dos âncoras da Rede Globo

O segundo parâmetro que observamos nesta pesquisa foi a tessitura dos jornalistas, analisando-as e comparando-as entre si. Contudo, salientamos que, neste momento, apenas observamos o que ocorre com a tessitura dos âncoras, analisando o valor médio do delta, sem levar em consideração a editoria das matérias que os GTs fazem parte. Posteriormente, analisaremos a tessitura fazendo essa separação de editorias.

Relembrando, a tessitura envolve a diferença entre a frequência mais alta e a frequência mais baixa e está relacionada com a intenção discursiva de um falante. Então, ao observarmos nos dados da tabela que há diferença significativa entre a tessitura de um jornalista em relação ao outro, o que isso indica é que existe uma diferença na escala melódica desses jornalistas. Um jornalista A pode estar variando mais os graves e agudos em prol de enfatizar mais ou menos uma informação que um jornalista B, ou pode manter uma tessitura mais baixa como demonstração de “neutralidade”.

Ao observarmos a tabela 16, verificamos que a média do delta, que é a diferença entre a F₀ máxima e a F₀ mínima, dos jornalistas variam muito. O menor delta dentre as

apresentadoras é o de Monalisa Perrone com 120.3 Hz. Os deltas das outras apresentadoras estão acima de 140 Hz.

Se observarmos os deltas dos apresentadores, notamos que a diferença média entre o pitch mínimo e o pitch máximo dos homens é menor que a das mulheres. Enquanto a menor variação das apresentadoras está em volta de 120 Hz, (Monalisa Perrone) e a maior é de 176.6 Hz (Sandra Annenberg), a menor variação masculina é de 65.4 Hz (William Bonner) e a maior é de 115.2 Hz (Evaristo Costa).

Tabela 16 – Média do Delta da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo

Telejornais	Âncoras	Média da F ₀ máxima (Hz)	Média da F ₀ mínima (Hz)	Média do Delta (Hz)
H1	Monalisa Perrone	237.1	116.8	120.3
BDB	Ana Paula Araújo	303.0	136.5	166.5
	Chico Pinheiro	195.1	80.2	115.0
	Rodrigo Bocardi	190.8	87.0	103.7
	Fábio William	173.5	84.7	88.8
	Sandra Annenberg	293.4	116.8	176.6
JH	Evaristo Costa	213.6	98.4	115.2
	Renata Vasconcellos	271.5	122.3	149.2
JN	William Bonner	143.3	77.9	65.4
	William Waack	181.8	89.5	92.4

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 17 nos mostra os resultados do teste Kruskal-Wallis e indica que no caso da jornalista Monalisa Perrone (M.P.) existe diferença significativa entre a sua tessitura e a das colegas Ana Paula Araújo (A.P.A.) e Sandra Annenberg (S.A.) e entre a tessituras dos jornalistas Fábio William (F.W.), William Bonner (W.B.) e William Waack (W.W.).

Em contrapartida, não existe diferença significativa entre a tessitura da âncora do H1 e da apresentadora do JN, Renata Vasconcellos (R.V.), nem com a tessitura dos apresentadores Chico Pinheiro (C.P.), Rodrigo Bocardi (R.B.) e Evaristo Costa (E.C.). Ou seja, não houve diferença significativa entre as tessituras dos jornalistas cujos valores dos deltas estão próximos ao delta da apresentadora. Isso indica que a extensão vocal dos jornalistas é parecida, assim como indica que há uma certa semelhança entre o modo de falar desses jornalistas.

No caso da jornalista Ana Paula Araújo, não há diferença significativa entre a tessitura dela e das apresentadoras Sandra Annenberg e Renata Vasconcellos. Percebemos que no caso de Araújo, houve diferença significativa entre a tessitura dela e de todos os outros apresentadores dos telejornais analisados.

O mesmo caso ocorre com Sandra Annenberg. Existe diferença significativa entre a tessitura da apresentadora com a tessitura de todos os apresentadores da emissora, não havendo diferença entre a tessitura dela com a das âncoras Ana Paula Araújo e Renata Vasconcellos.

Em relação a tessitura de Renata Vasconcellos, os resultados da análise apontam que não há diferença significativa entre a tessitura da apresentadora com a das outras jornalistas, Monalisa Perrone, Ana Paula Araújo e Sandra Annenberg, nem com a de Chico Pinheiro e Evaristo Costa.

Em relação a tessitura da voz dos âncoras, temos os seguintes resultados:

De acordo com o teste estatístico, a tessitura de Chico Pinheiro apresentou diferença significativa em relação as vozes de Ana Paula Araújo, Sandra Annenberg e William Bonner.

Rodrigo Bocardi apresentou diferença significativa de tessitura com Ana Paula Araújo, Sandra Annenberg, Renata Vasconcellos e William Bonner.

Já a tessitura de Fábio William teve diferença significativa com a tessitura de todas as apresentadoras e com a de Bonner.

A tessitura de Evaristo Costa apresentou diferença significativa em relação as vozes de Ana Paula Araújo, Sandra Annenberg e William Bonner (o mesmo padrão de diferença apresentado por Chico Pinheiro).

Já William Bonner apresentou diferença significativa com a tessitura de todos os jornalistas, com exceção da voz de William Waack.

E por fim, a tessitura de William Waack apresentou diferença significativa apenas em relação as vozes das apresentadoras.

De acordo com os resultados, notamos que as vozes cujos valores de delta eram muito divergentes apresentaram diferença significativa e as vozes cujos valores de delta estavam mais próximos não apresentaram diferenças significativas. Esses resultados nos indicam que os jornalistas que apresentaram o delta mais próximo, tem uma extensão vocal parecida, do mesmo modo que eles podem apresentar uma certa semelhança entre o modo de falar, aumentando a tessitura ao enfatizar uma informação em relação a outra. Já os jornalistas que apresentaram diferença significativa entre os deltas, possuem uma extensão vocal muito díspar, bem como o modo de enfatizar as informações são diferentes.

Em tempo, é importante lembrar que esses resultados foram obtidos considerando os GTs de modo geral e não considerando o tipo de informação em que os GTs estão inseridos. Mais adiante analisaremos como é a tessitura dos jornalistas de acordo com as editorias das notícias.

Tabela 17 – Kruskal-Wallis da tessitura da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p

	M.P. - H1	A.P.A. – BDB	C.P. -BDB	R.B. - BDB	F.W. - BDB	S.A. - JH	E.C. - JH	R.V. - JN	W.B. - JN	W.W. – JG
M.P.- H1		p = 0.0014^s	p = 0.6968 _{ns}	p = 0.6582 _{ns}	p = 0.0443^s	p = 0.0004^s	p = 0.6230 _{ns}	p = 0.0514 _{ns}	p = 0.0001^s	p = 0.0451^s
A.P.A. - BDB	p = 0.0014^s		p = 0.0122^s	p = 0.0006^s	p = 0.0001	p = 0.6861 _{ns}	p = 0.0111^s	p = 0.3226 _{ns}	p = 0.0001^s	p = 0.0002^s
C.P.-BDB	p = 0.6968 _{ns}	p = 0.0122^s		p = 0.5092 _{ns}	p = 0.0980 _{ns}	p = 0.0083^s	p = 0.8431 _{ns}	p = 0.2567 _{ns}	p = 0.0028^s	p = 0.2100 _{ns}
R.B.- BDB	p = 0.6582 _{ns}	p = 0.0006^s	p = 0.5092 _{ns}		p = 0.1386 _{ns}	p = 0.0003^s	p = 0.4627 _{ns}	p = 0.0350^s	p = 0.0007^s	p = 0.2559 _{ns}
F.W.- BDB	p = 0.0443^s	p = 0.0001^s	p = 0.0980 _{ns}	p = 0.1386 _{ns}		p = 0.0001^s	p = 0.1384 _{ns}	p = 0.0030^s	p = 0.0214^s	p = 0.8955 _{ns}
S.A.- JH	p = 0.0004^s	p = 0.6861 _{ns}	p = 0.0083^s	p = 0.0003^s	p = 0.0001^s		p = 0.0067^s	p = 0.1872 _{ns}	p = 0.0001^s	p = 0.0001^s
E.C.- JH	p = 0.6230 _{ns}	p = 0.0111^s	p = 0.8431 _{ns}	p = 0.4627 _{ns}	p = 0.1384 _{ns}	p = 0.0067^s		p = 0.2914 _{ns}	p = 0.0157^s	p = 0.4042 _{ns}
R.V.- JN	p = 0.0514 _{ns}	p = 0.3226 _{ns}	p = 0.2567 _{ns}	p = 0.0350^s	p = 0.0030	p = 0.1872 _{ns}	p = 0.2914 _{ns}		p = 0.0001^s	p = 0.0077^s
W.B.- JN	p = 0.0001^s	p = 0.0001^s	p = 0.0028^s	p = 0.0007^s	p = 0.0214	p = 0.0001^s	p = 0.0157^s	p = 0.0001^s		p = 0.0641 _{ns}
W.W.- JG	p = 0.0451^s	p = 0.0002^s	p = 0.2100 _{ns}	p = 0.2559 _{ns}	p = 0.8955 _{ns}	p = 0.0001^s	p = 0.4042 _{ns}	p = 0.0077^s	p = 0.0641 _{ns}	

Obs: s = significativo para $p \leq 0,05$ Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

6.2.3 Análise da F_0 relativa dos repórteres da Rede Globo

Após analisarmos a fala dos âncoras dos telejornais da Rede Globo, iniciamos a análise prosódica da fala dos repórteres da emissora. Por desempenharem funções diferentes dentro do telejornal – o âncora além de apresentar o programa, muitas vezes acumula outras funções, como editor, editor-chefe, chefe de redação..., já o repórter, rotineiramente é responsável apenas pela construção da matéria –, optamos por analisar separadamente os dois tipos de profissionais.

Assim como no caso dos âncoras, a princípio buscamos por algum padrão na curva de F_0 dos GTs extraídos das falas dos repórteres. Ao observarmos a tabela 19, percebemos o número de subidas e quedas da F_0 dentro de um GT em duas partes: primeiro da frequência inicial para a medial (F_0 i-m) e em seguida da frequência medial para a final (F_0 m-f).

Vimos, anteriormente, que os âncoras fazem mais quedas da F_0 inicial para a medial do que subidas, bem como fazem mais quedas da F_0 medial para a final. No caso dos repórteres, o que percebemos na tabela 18 é que há uma oscilação maior entre a produção das quedas e subidas na frequência inicial para medial. Observamos que sete repórteres fazem mais quedas da F_0 i-m, enquanto três deles iniciam os GTs com mais subidas. Da F_0 m-f, há uma maior tendência entre os repórteres em finalizar os GTs com quedas. Estes dados, mais uma vez, contribuem com a nossa hipótese de que essa tendência em finalizar os GTs com quedas, podem estar relacionados ao padrão tonal do português brasileiro. Contudo, para ratificarmos essa hipótese, teríamos que analisar o contexto sintático e semântico de cada GT, para assim verificar se de fato as quedas condizem com o final de declarativas, por exemplo. Esta análise poderá ser realizada em trabalhos futuros.

Tabela 18 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo

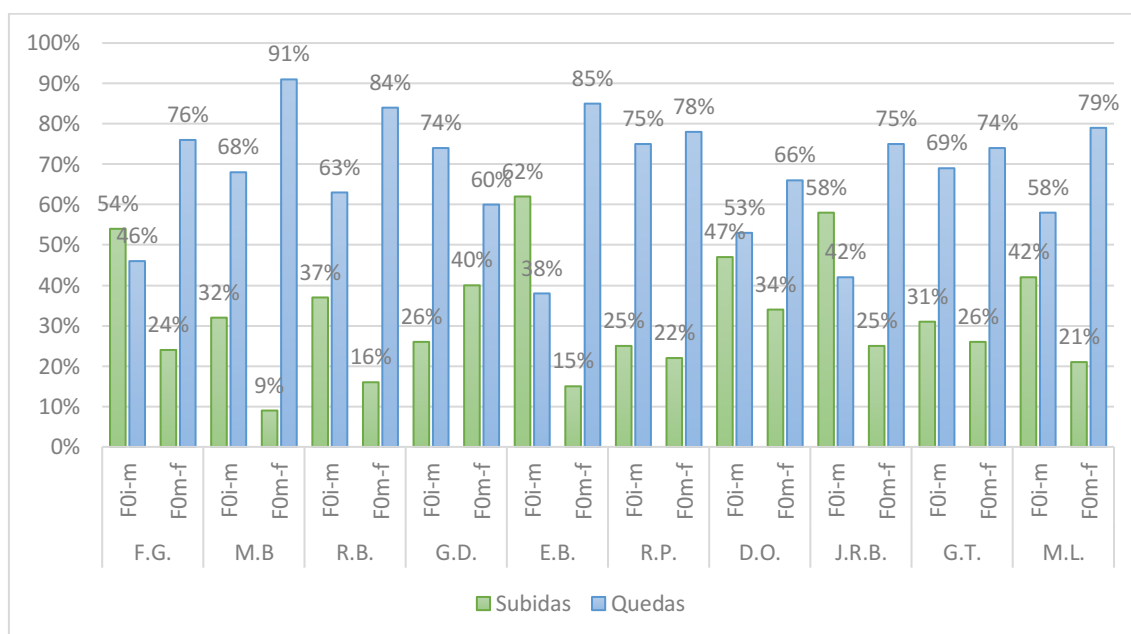
Telejornais/Repórteres		F ₀ inicial para a medial		F ₀ medial para a final		Total de GTs
		Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
H1	Fernanda Graell	22 (54%)	19 (46%)	10 (24%)	31 (76%)	41 (100%)
	Michelle Barros	7 (32%)	15 (68%)	2 (9%)	20 (91%)	22 (100%)
BDB	Renato Biazzi	16 (37%)	27 (63%)	7 (16%)	36 (84%)	43 (100%)
	Geiza Duarte	9 (26%)	26 (74%)	14 (40%)	21 (60%)	35 (100%)
JH	Elaine Bast	24 (62%)	15 (38%)	6 (15%)	33 (85%)	39 (100%)

	Roberto Paiva	13 (25%)	38 (75%)	11 (22%)	40 (78%)	51 (100%)
JN	Delis Ortiz	25 (47%)	28 (53%)	18 (34%)	35 (66%)	53 (100%)
	José Roberto Burnier	37 (58%)	27 (42%)	16 (25%)	48 (75%)	64 (100%)
JG	Giovana Telles	11 (31%)	24 (69%)	9 (26%)	26 (74%)	35 (100%)
	Marcos Losekann	24 (42%)	33 (58%)	12 (21%)	45 (79%)	57 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 3 ilustra a variação entre as subidas e quedas das F_0 nas porções inicial para a medial e da medial para a final de todos os repórteres analisados. Nele, percebemos que o número de quedas é maior que o número de subidas na F_0 m-f. Já na F_0 i-m, apesar de haver aqueles que iniciam o GT com mais subidas, a maior parte inicia com mais quedas. Notamos que, apesar de existirem variações entre subidas e quedas, há uma relação proporcional entre elas na fala dos repórteres.

Gráfico 3 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo



Obs.: As siglas da esquerda para a direita significam: Fernanda Graell, Michelle Barros, Renato Biazzi, Geiza Duarte, Elaine Bast, Roberto Paiva, Delis Ortiz, José Roberto Burnier, Giovana Telles, Marcos Losekann.

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 18, vimos o número de subidas e quedas que os jornalistas faziam dentro do GT observando a porção inicial para a medial e depois da medial para a final. Agora, na tabela 19, vamos analisar a relação entre subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs.

Assim como ocorre com os âncoras, à primeira vista, não notamos nenhum padrão específico na fala dos repórteres. No entanto, notamos que há uma maior tendência por parte dos jornalistas em iniciarem os GTs com subidas e finalizarem com quedas ou de iniciarem com quedas e finalizarem com outra queda. As outras duas variações possíveis (iniciar com subida e finalizar com outra subida e iniciar com quedas e finalizar com subidas) acontecem, mas o número percentual é bem baixo.

Tabela 19 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo

Telejornais/Repórteres		F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f
		Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas
H1	Fernanda Graell	18 vezes (44%)	4 vezes (10%)	6 vezes (15%)	13 vezes (32%)
	Michelle Barros	6 vezes (27%)	1 vezes (5%)	1 vezes (5%)	14 vezes (64%)
BD B	Renato Biazzzi	13 vezes (30%)	3 vezes (7%)	4 vezes (9%)	23 vezes (53%)
	Geiza Duarte	7 vezes (20%)	2 vezes (6%)	12 vezes (34%)	14 vezes (40%)
JH	Elaine Bastes	22 vezes (56%)	2 vezes (5%)	4 vezes (10%)	11 vezes (28%)
	Roberto Paiva	11 vezes (22%)	2 vezes (4%)	9 vezes (18%)	29 vezes (57%)
JN	Delis Ortiz	20 vezes (38%)	5 vezes (9%)	13 vezes (25%)	15 vezes (28%)
	José Roberto Burnier	32 vezes (50%)	5 vezes (8%)	11 vezes (17%)	16 vezes (25%)
JG	Giovana Telles	9 vezes (26%)	2 vezes (6%)	7 vezes (20%)	17 vezes (49%)
	Marcos Losekann	21 vezes (37%)	3 vezes (5%)	9 vezes (16%)	24 vezes (42%)

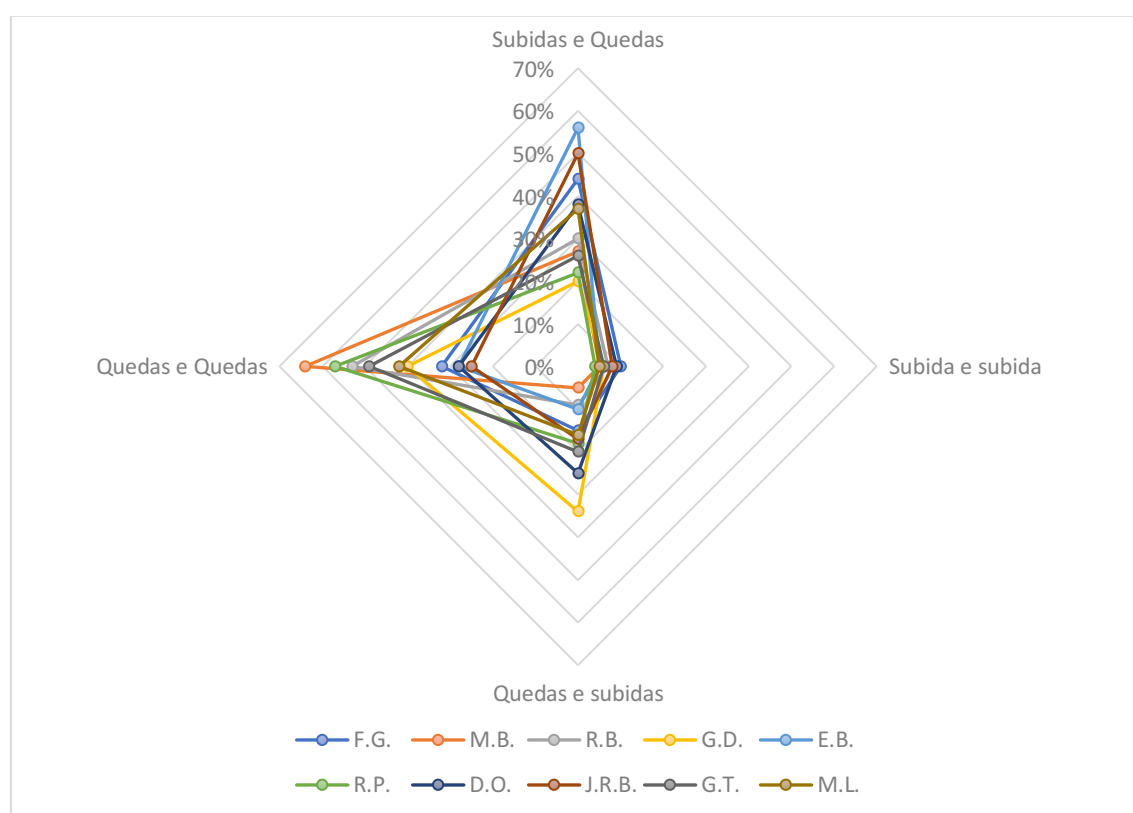
Fonte: Elaboração própria.

Visualizamos melhor essa tendência no gráfico 4. Nele, observamos que dentre as variações de subidas e quedas, os repórteres dos jornais da Rede Globo fazem mais as quedas seguidas de quedas. Em média 42% dos GTs de todos os jornalistas analisados foram de tons descendentes e a variação menos produzida é a subida seguida de outra subida. Em média, apenas 7% dos GTs de todos os repórteres apresentaram sequências de tons ascendentes.

Em 35% e 17% dos casos, os GTs apresentaram as variações de subidas e quedas e quedas e subidas, respectivamente. Estes números nos indicam que, apesar da variação, existe uma tendência entre os jornalistas da Globo em preferir as quedas em relação as subidas tanto

da F_0 inicial para a medial, quanto da F_0 medial para a final. Aqui, mais uma vez, percebemos que não existe um padrão específico na fala dos jornalistas, mas essa tendência ao mesmo tipo de variação tonal é um indicativo da possível existência de um padrão diluído. Se voltarmos no gráfico 2, referente a variação tonal dos âncoras, e compará-lo com o gráfico 4, referente a variação tonal dos repórteres, perceberemos que ambos os gráficos são muito parecidos entre si.

Gráfico 4 – Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo



Fonte: Elaboração própria.

Assim como fizemos com a fala dos âncoras, também buscamos identificar se há algum tipo de relação de dependência entre a frequência fundamental inicial-medial e a medial-final. Para isso, também utilizamos o teste estatístico de Regressão Linear Simples para interpretarmos os resultados.

Os resultados da tabela 20 nos mostram que apenas os repórteres Fernanda Graell, Michelle Barros, Renato Biazzi e Giovana Telles não apresentaram relação significativa entre as frequências inicial-medial e medial-final. Já no caso dos outros repórteres, estatisticamente, a F_0 m-f é dependente da F_0 i-m. Em outras palavras, a F_0 m-f vai tender a queda ou subida

dependendo de como for a F_0 i-m. Contudo, se observarmos o valor de R^2 percebemos que o grau da relação de dependência entre as F_0 é muito baixo. Então apesar de haver uma relação de dependência, há outros fatores que também influenciam a F_0 m-f além da F_0 i-m.

Tabela 20 – Regressão Linear Simples entre as F_0 relativas médias i-m e m-f dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p e R^2

Telejornais/Repórteres		F_0 relativa: média i-m (%)	F_0 relativa: média m-f (%)	Valor de p	Valor de R^2 (ajustado)
H1	Fernanda Graell	4.91%	-16.23%	$p = 0.7774^{ns}$	-0.0236
	Michelle Barros	-3.77%	-33.58%	$p = 0.3119^{ns}$	0.0038
BDB	Renato Biazzi	-3.54%	-21.12%	$p = 0.1893^{ns}$	0.0177
	Geiza Duarte	-10.82%	-7.17%	$p = 0.0167^s$	0.1337
JH	Elaine Bastes	9.15%	-24.97%	$p = 0.0346^s$	0.0887
	Roberto Paiva	-11.04%	-21.52%	$p = 0.0064^s$	0.1252
JN	Delis Ortiz	5.45%	-7.37%	$p = 0.0148^s$	0.0921
	José Roberto Burnier	20.98%	-17.20%	$p = 0.0109^s$	0.0846
JG	Giovana Telles	-10.80%	-3.40%	$p = 0.0977^{ns}$	0.0513
	Marcos Losekann	0.35%	-17.84%	$p = 0.0010^s$	0.1760

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = Não Significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

A partir do teste ANOVA de Kruskal-Wallis, buscamos averiguar se as variações entre as frequências inicial-medial e medial-final se diferem significativamente ou não. De acordo com os resultados apresentados na tabela 21, entendemos que apenas Geiza Duarte do *BDB*, Delis Ortiz do *JN* e Giovana Telles do *JG* não apresentaram diferença significativa entre as variações das F_0 i-m e F_0 m-f.

No caso dos outros repórteres a resultado de $p \leq 0.05$ nos indica que F_0 m-f se difere estatisticamente de F_0 i-m.

Tabela 21 – Kruskal-Wallis da fala dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p

Telejornais/Repórteres		Valor F_0 i-m (média)	Valor F_0 m-f (média)	Valor de p
H1	<i>Fernanda Graell</i>	4.91%	-16.23%	$p = 0.0058^s$
	<i>Michelle Barros</i>	-3.77%	-33.58%	$p = 0.0001^s$
BDB	<i>Renato Biazzi</i>	-3.54%	-21.12%	$p = 0.0010^s$
	<i>Geiza Duarte</i>	-10.82%	-7.17%	$p = 0.7735^{ns}$
JH	<i>Elaine Bast</i>	9.15%	-24.97%	$p = 0.0001^s$
	<i>Roberto Paiva</i>	-11.04%	-21.52%	$p = 0.0219^s$
	<i>Delis Ortiz</i>	5.45%	-7.37%	$p = 0.0532^{ns}$

JN	<i>José Roberto Burnier</i>	20.98%	-17.20%	$p = 0.0001^s$
JG	Giovana Telles	-10.80%	-3.40%	$p = 0.5849^{ns}$
	<i>Marcos Losekann</i>	0.35%	-17.84%	$p = 0.0015^s$

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

6.2.4 Análise da Tessitura dos repórteres da Rede Globo

Do mesmo modo que fizemos com os âncoras da Rede Globo, optamos por averiguar o que ocorre com a tessitura dos repórteres da emissora apenas com intuito expositivo, como meio de compreendermos o que ocorre em geral. Assim, verificamos a média do delta dos repórteres.

Os resultados da tabela 22, nos mostram que a média do delta dos jornalistas varia bastante, mas não como o que aconteceu com os âncoras, em que havia uma diferença entre a tessitura dos homens e das mulheres. No caso dos repórteres, há uma maior flutuação entre os deltas. Conforme observado na tabela 24, o menor delta dentre os homens é o do repórter Roberto Paiva do *JH* (141.7 Hz) e o maior é o de Renato Biazzi do *BDB* (183 Hz). O primeiro apresenta uma matéria sobre política e o segundo fala sobre saúde pública. Já no caso das repórteres, temos Geiza Duarte com um delta muito baixo (164.4 Hz) e Delis Ortiz com um delta muito alto (218.1 Hz). A matéria divulgada por Duarte informava sobre a delação de Joesley Batista contra Temer, enquanto Ortiz falava sobre a reforma da previdência. Pelo fato de a notícia transmitida por Ortiz ter muitos dados numéricos, ela utilizou da subida da tessitura para enfatizar e assim chamar atenção para os valores numéricos da reportagem. Já no caso de Duarte, que falava sobre a delação, o tom precisava ser mais constante.

Assim, pressupomos que o tipo de notícia (a editoria a qual a matéria pertence, se é uma notícia positiva, neutra ou negativa) influencie na variação dos deltas dos jornalistas. Voltaremos nosso olhar para essas questões mais adiante.

Tabela 22 – Média do Delta da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo

Telejornais/ Repórteres		Editorias	Média da F_0 máxima (Hz)	Média da F_0 mínima (Hz)	Média do Delta (Hz)
H1	Fernanda Graell	Policial	310.6	137.2	173.4
	Michelle Barros	Política	301.5	108.7	192.8
BDB	Renato Biazzi	Saúde	301.5	118.5	183.0
	Geiza Duarte	Política	307.4	143.0	164.4
JH	Elaine Bast	Economia	324.1	131.7	192.4
	Roberto Paiva	Política	233.5	91.9	141.7
JN	Delis Ortiz	Economia	367.6	149.5	218.1

	José Roberto Burnier	Política	267.1	97.7	169.4
JG	Giovana Telles	Política	340.8	161.1	179.7
	Marcos Losekann	Política	279.9	112.7	167.3

Fonte: Elaboração própria.

Ao compararmos os deltas dos repórteres, observamos o mesmo que ocorreu com os âncoras: os repórteres que possuíam um delta muito próximo não apresentaram diferença significativa, enquanto os repórteres que tinham deltas muito diferentes apresentaram diferença significativa, conforme consta na tabela 23.

Entendemos, a partir desses resultados, que cada jornalista, dentro de um certo limite, tem um modo particular de enfatizar as informações de uma notícia para cada tipo de editoria, ou mesmo para uma mesma editoria, como é o caso das repórteres Delis Ortiz (*JN*) e Elaine Bast (*JH*).

Observamos que Delis Ortiz (*JN*), que narrou uma matéria sobre economia, apresentou um delta estatisticamente diferente de todos os outros repórteres. No entanto, Elaine Bast (*JH*), que também tratou sobre economia, apresentou uma tessitura que se diferenciava significativamente de Geiza Duarte (BDB), Roberto Paiva (*JH*), de Delis Ortiz (*JN*), de José Roberto Burnier (*JN*) e de Marcos Losekann (*JG*), mas não apresentou diferença significativa para com o delta dos outros repórteres.

Tabela 23 – Kruskal-Wallis da tessitura da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p

	F.G. - H1	M.B. – H1	R.B. -BDB	G.D. – BDB	E.B. – JH	R.P.– JH	D.O. – JN	J.R.B. –JN	G.T.- JG	M.L. - JG
F.G. - H1		p= 0.1663 ^{ns}	p= 0.4104 ^{ns}	p= 0.4468 ^{ns}	p= 0.1201 ^{ns}	p= 0.0036^s	p= 0.0001^s	p= 0.7928 ^{ns}	p= 0.4499 ^{ns}	p= 0.6371 ^{ns}
M.B.– H1	p= 0.1663 ^{ns}		p= 0.4055 ^{ns}	p= 0.0098^s	p= 0.9760 ^{ns}	p= 0.0001^s	p= 0.0118^s	p= 0.0155^s	p= 0.4171 ^{ns}	p= 0.0529 ^{ns}
R.B. -BDB	p= 0.4104 ^{ns}	p= 0.4055 ^{ns}		p= 0.1102 ^{ns}	p= 0.4891 ^{ns}	p= 0.0001^s	p= 0.0007^s	p= 0.2347 ^{ns}	p= 0.7478 ^{ns}	p= 0.1802 ^{ns}
G.D. – BDB	p= 0.4468 ^{ns}	p= 0.0098^s	p= 0.1102 ^{ns}		p= 0.0240^s	p= 0.0067^s	p= 0.0001^s	p= 0.5730 ^{ns}	p= 0.1420 ^{ns}	p= 0.8312 ^{ns}
E.B. – JH	p= 0.1201 ^{ns}	p= 0.9760 ^{ns}	p= 0.4891 ^{ns}	p= 0.0240^s		p= 0.0001^s	p=0.0206^s	p= 0.0366^s	p= 0.4045 ^{ns}	p= 0.0388^s
R.P.– JH	p= 0.0036^s	p= 0.0001^s	p= 0.0001^s	p= 0.0067^s	p= 0.0001^s		p= 0.0001^s	p= 0.0001^s	p= 0.0002^s	p= 0.0074^s
D.O. – JN	p= 0.0001^s	p= 0.0118^s	p= 0.0007^s	p= 0.0001^s	p=0.0206^s	p= 0.0001^s		p= 0.0001^s	p= 0.0003^s	p= 0.0001^s
J.R.B. –JN	p= 0.7928 ^{ns}	p= 0.0155^s	p= 0.2347 ^{ns}	p= 0.5730 ^{ns}	p= 0.0366^s	p= 0.0001^s	p= 0.0001^s		p= 0.2230 ^{ns}	p= 0.8052 ^{ns}
G.T.- JG	p= 0.4499 ^{ns}	p= 0.4171 ^{ns}	p= 0.7478 ^{ns}	p= 0.1420 ^{ns}	p= 0.4045 ^{ns}	p= 0.0002^s	p= 0.0003^s	p= 0.2230 ^{ns}		p= 0.2568 ^{ns}
M.L. – JG	p= 0.6371 ^{ns}	p= 0.0529 ^{ns}	p= 0.1802 ^{ns}	p= 0.8312 ^{ns}	p= 0.0388^s	p= 0.0074^s	p= 0.0001^s	p= 0.8052 ^{ns}	p= 0.2568 ^{ns}	

Obs.: As siglas da esquerda para a direita significam: Fernanda Graell, Michelle Barros, Renato Biazzi, Geiza Duarte, Elaine Bast, Roberto Paiva, Delis Ortiz, José Roberto Burnier, Giovana Telles, Marcos Losekann.

Obs2: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Fazendo uma pequena retrospectiva, podemos entender que, via de regra, os jornalistas da Rede Globo (tanto os âncoras, quanto os repórteres) apresentam uma preferência de produção de tons descendentes e preterem a variação ascendente. Também notamos que não há um padrão de tessitura. Cada jornalista varia os graves e agudos conforme a sua necessidade de ênfase.

Após analisarmos estes primeiros dados dos âncoras e dos repórteres, percebemos que, apesar de não haver um padrão sólido estabelecido na fala dos jornalistas da emissora, podemos pensar num padrão diluído ou numa tentativa de padronização por parte dos jornalistas da emissora. Mais adiante, separaremos as matérias apresentadas pelos jornalistas e analisaremos se o tipo de editoria contribui para o estabelecimento de um padrão tonal.

6.3 ANÁLISE ACÚSTICA DOS GRUPOS TONAIIS DOS JORNALISTAS DO SBT

O telejornal do SBT selecionado para compor o quadro desta pesquisa foi o *SBT Brasil*. O telejornal é apresentado por Rachel Sheherazade e por Carlos Nascimento e quem apresenta as matérias selecionadas para este estudo são os repórteres Solange Boulos e Daniel Adjuto.

Quadro 4 – Âncoras e repórteres do jornal SBT Brasil

Telejornal	Âncoras	Repórteres
SBT BRASIL	Rachel Sheherazade Carlos Nascimento	Solange Boulos Daniel Adjuto

Fonte: Elaboração própria.

Conforme o percurso metodológico que utilizamos para o estudo dos dados dos telejornalistas da Rede Globo, também analisamos a variação da curva da frequência fundamental de cada grupo tonal de cada jornalista (âncora e repórter) do telejornal, bem como a tessitura produzida tanto pelos âncoras, quanto pelos repórteres.

6.3.1 Análise da F_0 relativa dos âncoras do SBT

Em se tratando dos jornalistas do telejornal *SBT Brasil*, à primeira vista não existe uma padronização na variação da frequência. Assim como acontece com jornalistas da Rede Globo, há muita variação da curva de F_0 .

Um ponto a se ressaltar, neste caso em especial, é que os dois âncoras coincidentemente possuem o mesmo número de GTs e isto nos permitiu visualizar comparativamente que não existe um padrão de fala entre eles. Enquanto Sheherazade “equilibra” o início dos GTs entre subidas e quedas, conforme a tabela 24, Nascimento, ao que parece, prefere as quedas. Já do meio para o final, Sheherazade opta mais pela queda, enquanto Nascimento prefere a subida do tom.

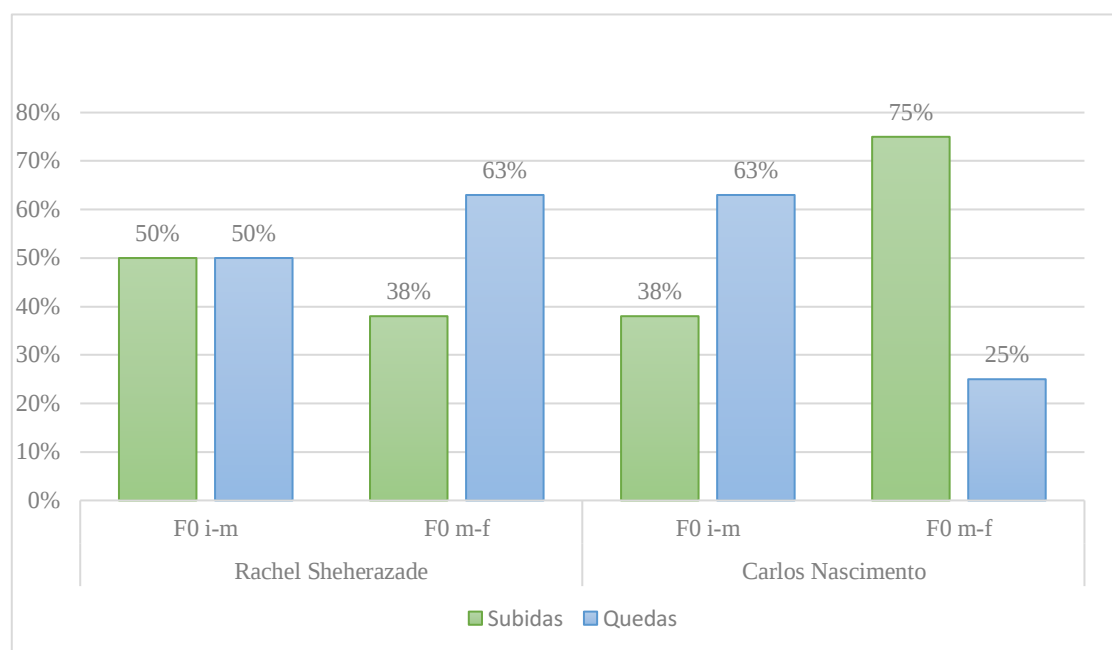
Tabela 24 – Número de subidas e quedas da F₀ i-m e da F₀ m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal SBT Brasil

Âncoras do SBTB	F ₀ inicial para a medial		F ₀ medial para a final		Total de Gts
	Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
Rachel Sheherazade	4 (50%)	4 (50%)	3 (38%)	5 (63%)	8 (100%)
Carlos Nascimento	3 (38%)	5 (63%)	6 (75%)	2 (25%)	8 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 5 ilustra a variação entre as subidas e quedas das F₀ nas porções inicial para a medial e medial para a final. Nele, percebemos que não há um padrão na fala dos dois âncoras. No caso de Sheherazade, o número de quedas é maior que o números de subidas na F₀ m-f. Já em Nascimento temos o contrário: o âncora termina os GTs com mais subidas do que com quedas. Então, percebemos que, diferente do que ocorre com os âncoras das Rede Globo que mantêm uma certa relação proporcional entre as variações da F₀, a fala dos âncoras do SBT não possuem relação visível.

Gráfico 5 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo



Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos a relação entre subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs nas falas dos jornalistas (tabela 25), notamos que Sheherazade perpassar por todas as variações, mas produz mais a variação de subidas e quedas. Já Nascimento, apresenta maior produção na variação de quedas e subidas.

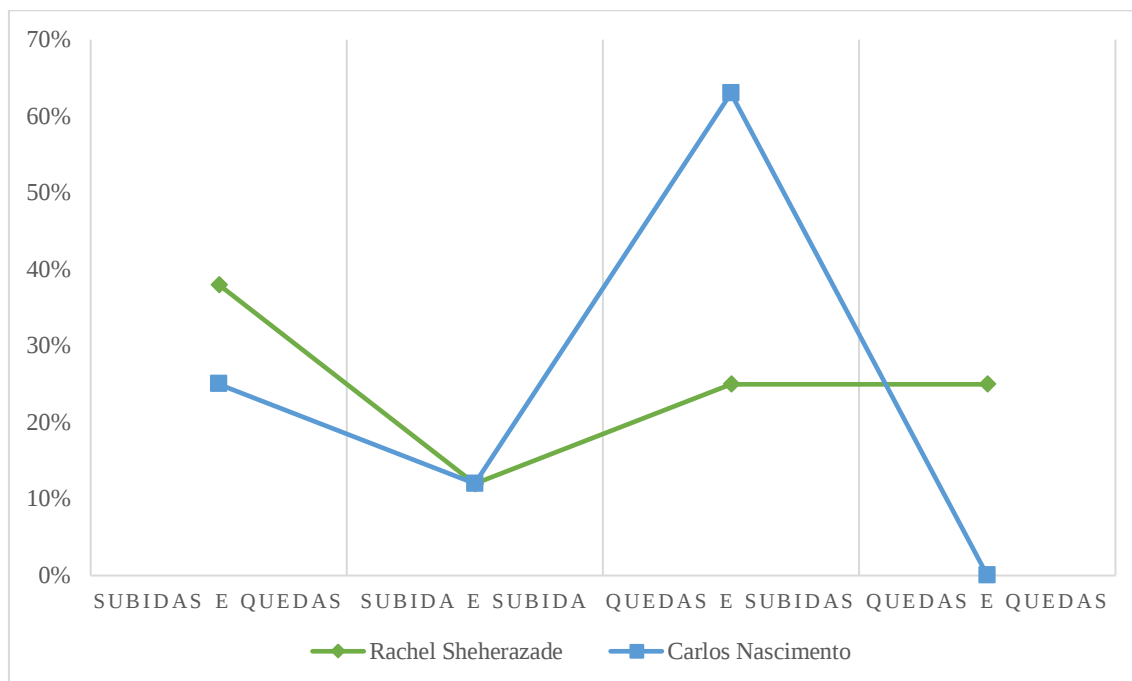
Tabela 25 – Variação de subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal SBT Brasil

Âncoras do SBTB	F0 i-m para a F0 m-f	F0 i-m para a F0 m-f	F0 i-m para a F0 m-f	F0 i-m para a F0 m-f
	Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas
Rachel Sheherazade (2016-2017)	3 vezes (38%)	1 vez (12%)	2 vezes (25%)	2 vezes (25%)
Carlos Nascimento (2017)	2 vezes (25%)	1 vez (12%)	5 vezes (63%)	0 vezes (0%)

Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 6, visualizamos o que ocorre com a variação dos dois âncoras. Nele, observamos que dentre as variações de subidas e quedas, Sheherazade balanceia mais as subidas e quedas de tom nos GTs, enquanto Nascimento faz menos variação preferindo as quedas e subidas de tom dentro dos GTs.

Gráfico 6 – Variação entre as subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal SBT Brasil



Fonte: Elaboração própria.

Então, diferente do que ocorre com os âncoras da Globo, que apresentam maior relação proporcional entre as variações, aqui, essa relação é bastante tênue.

Ao verificarmos se havia algum tipo de relação de dependência significativa entre a frequência fundamental inicial-medial e a frequência medial-final, identificamos que apenas Rachel Sheherazade apresentou relação significativa entre as frequências inicial-medial e medial-final, segundo os dados da tabela 26. Ou seja, há uma relação de dependência entre a F_0 m-f e F_0 i-m. Em outras palavras, dependendo de como a F_0 i-m for realizada, a F_0 m-f será efetuada. Percebemos ainda pelo valor de R^2 que o grau da relação de dependência entre as F_0 é de 50%. Isso indica que apesar de haver uma relação de dependência, há outros fatores que também influenciam a F_0 m-f além da F_0 i-m.

Já no caso de Carlos Nascimento, os resultados mostram que não há relação de dependência entre a F_0 i-m e a F_0 m-f.

Tabela 26 – Regressão Linear Simples entre as F₀ relativas médias i-m e m-f dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e seus respectivos valores de p e R²

Âncoras do SBTB	F ₀ relativa: média i-m (%)	F ₀ relativa: média m-f (%)	Valor de p	Valor de R ² (ajustado)
<i>Rachel Sheherazade</i>	-0.46%	-1.88%	$p = 0.0223^s$	0.5416
Carlos Nascimento	-11.87%	11.46%	$p = 0.5720^{ns}$	-0.0393

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = Não Significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Também buscamos averiguar se as variações entre a F₀ inicial-medial e a F₀ medial-final se diferem significativamente. Ou seja, se a variação entre as F₀ i-m e F₀ m-f são estatisticamente significativas. De acordo com os resultados apresentados na tabela 27, não há diferença significativa entre as variações das frequências dos âncoras do telejornal *SBT Brasil*.

Tabela 27 – Kruskal-Wallis da fala dos âncoras do SBT Brasil e seus respectivos valores de p

Âncoras do SBTB	F ₀ relativa: média i-m (%)	F ₀ relativa: média m-f (%)	Valor de p
<i>Rachel Sheherazade</i>	-0.46%	-1.88%	$p = 0.5286^{ns}$
Carlos Nascimento	-11.87%	11.46%	$p = 0.1722^{ns}$

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

6.3.2 Análise da Tessitura dos âncoras do SBT

Assim como fizemos com os jornalistas da Globo, analisamos o que acontece com a tessitura dos âncoras do SBT com o intuito de entendermos, ao menos, o que ocorre. Também verificamos se havia uma diferença significativa entre a tessitura dos dois âncoras.

Pelos resultados da tabela 28, verificamos que as médias do delta dos dois jornalistas são muito próximas e que não há diferença significativa entre a tessitura dos dois âncoras, conforme valor de p. Assim, entendemos que os dois jornalistas se assemelham prosodicamente no modo de transmitir a notícia. Os dois, de acordo com os dados da tabela, utilizam de uma variação alta de tessitura para enfatizar e chamar atenção do público para determinadas partes da notícia, destacando-as em relação a outras partes interpretadas como menos importantes.

Tabela 28 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos âncoras do telejornal SBT Brasil e seu respectivo valor de p

Âncoras do SBTB	Média da F ₀ máxima (Hz)	Média da F ₀ mínima (Hz)	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Rachel Sheherazade	308.2	145.9	162.2	p= 0.4008 ^{ns}
Carlos Nascimento	238.4	93.4	145.1	

Obs2: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados da variação da curva da F₀ e da tessitura dos âncoras, notamos que, diferente do que ocorreu com os âncoras da Globo, os da SBT não apresentam nenhuma relação tonal. Cada um varia a F₀ ao seu modo, sem nenhuma padronização. Podemos assim pensar que essa falta de relação seja um diferencial entre a fala dos jornalistas da Globo e a fala dos jornalistas do SBT.

6.3.3 Análise da F₀ relativa dos repórteres do SBT

Assim como os âncoras, os repórteres do *SBT Brasil* também apresentam uma grande variação nas curvas da frequência fundamental e essa variação também não é padronizada. Notemos a tabela 29:

Tabela 29 – Número de subidas e quedas da F₀ i-m e da F₀ m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil

Repórteres do SBTB	F ₀ inicial para a medial		F ₀ medial para a final		Total de GTS
	Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
Solange Boulos	21(70%)	9 (30%)	6 (20%)	24 (80%)	30 (100%)
Daniel Adjuto	11(50%)	11 (50%)	2 (9%)	20 (91%)	22 (100%)

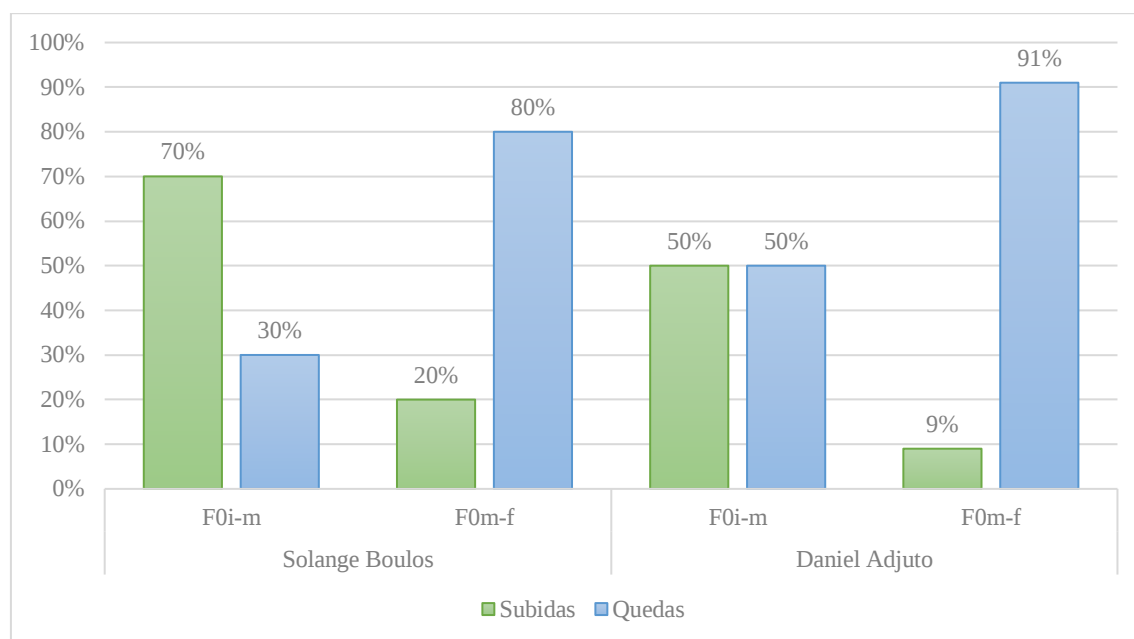
Fonte: Elaboração própria.

Nesta tabela, verificamos que Solange Boulos inicia 70% dos GTs com subidas de tom e em apenas 30% ela inicia com quedas. Já da medial para a final, ela opta mais pelas quedas de tom (em 80% dos GTs).

Já Daniel Adjuto equilibra o início dos GTs com subidas e quedas, mas os finaliza com mais quedas do que com subidas.

O gráfico 7 ilustra a variação entre as subidas e quedas das F_0 nas porções inicial para a medial e medial para a final. Nele, percebemos que apesar de os repórteres iniciarem os GTs de modo diferente, eles tendem a produzir a mesma variação para finalizar os GTs.

Gráfico 7 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico demonstra que Solange Boulos prefere iniciar os GTs com tons ascendentes e terminar com tons descendentes. Apesar de também seguir essa característica ao finalizar os GTs, Daniel Adjuto tende a balancear a fala entre ascendência e descendência de tons, quando inicia os GTs.

Já ao analisarmos a relação entre subidas e quedas da F_0 i-m para a F_0 m-f dentro dos GTs nas falas dos repórteres, conforme a tabela 30, notamos que, dentre as combinações possíveis, Solange usa subida e queda em 57% dos GTs, já Daniel faz isso em 50% dos GTs. Os dois repórteres seguem linhas bem parecidas no quadro de entoação. A principal diferença reside na escolha da variação de subida seguida por outra subida. Solange, ao longo de sua fala, faz essa escolha de variação por 4 vezes, o que equivale a 13% dos GTs, enquanto Daniel não faz essa variação em momento algum.

Tabela 30 – Variação de subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil

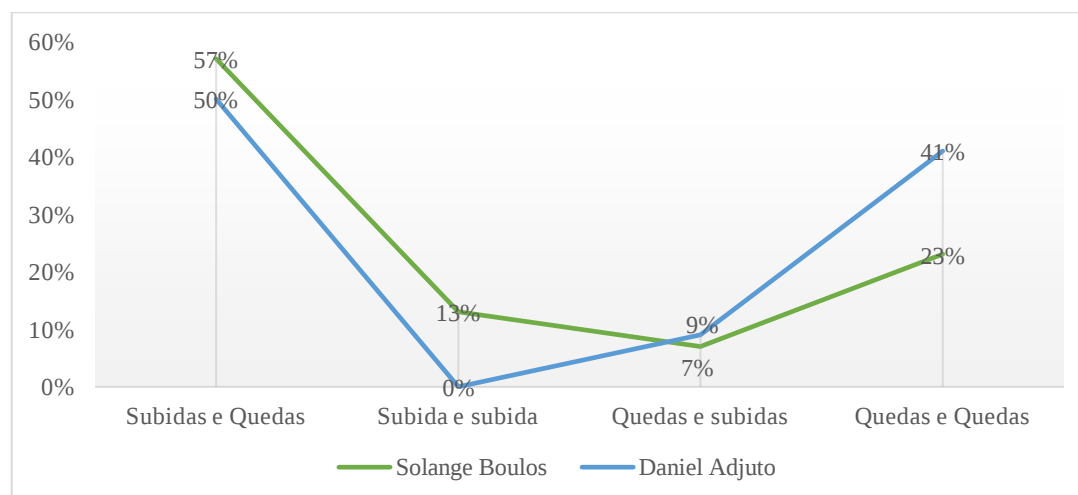
Repórteres do SBTB	F0i-m para a F0m-f	F0i-m para a F0m-f	F0i-m para a F0m-f	F0i-m para a F0m-f
	Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas
Solange Boulos	17 vezes (57%)	4 vezes (13%)	2 vezes (7%)	7 vezes (23%)
Daniel Adjuto	11 vezes (50%)	0 vezes (0%)	2 vezes (9%)	9 vezes (41%)

Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 8, podemos visualizar como é a produção da variação dos dois repórteres. Pelas linhas do gráfico, notamos que os dois seguem uma tendência parecida na escolha das variações. Essa tendência ao mesmo tipo de variação tonal talvez seja um indicativo de que haja um padrão diluído no modo de falar dos repórteres do *SBT Brasil*, assim como há no caso dos jornalistas da Rede Globo.

Se compararmos a variação dos repórteres do *SBT Brasil* com os repórteres do telejornalismo da Globo, notamos que uma das principais diferenças entre eles é a tendência para a variação de tons. Há uma inversão na principal escolha de tons pelos repórteres das duas emissoras. Pelo que consta nos resultados, a variação mais produzida pelos repórteres da Rede Globo é a descendente, depois a ascendência seguida pela descendência de tom. Já os repórteres do SBT, preferem as subidas seguidas de quedas e, em segundo lugar, as quedas seguidas por quedas.

Gráfico 8 – Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do telejornal SBT Brasil



Fonte: Elaboração própria.

Assim como nos casos anteriores, aplicamos o teste de Regressão Linear Simples nas variáveis F_0 i-m e F_0 m-f, mas também não obtivemos resultados positivos. De acordo com a tabela 31, não existe relação de dependência significativa entre as variáveis nas falas dos repórteres.

Tabela 31 – Regressão Linear Simples entre as F_0 relativas médias i-m e m-f dos repórteres do telejornal SBT Brasil e seus respectivos valores de p e R^2

Repórteres do SBT Brasil	F_0 relativa: média i-m (%)	F_0 relativa: média m-f (%)	Valor de p	Valor de R^2 (ajustado)
Solange Boulos	20.35%	-22.15%	p = 0.7636 ^{ns}	-0.0324
Daniel Adjuto	7.38%	-22.23%	p = 0.6086 ^{ns}	-0.0106

Obs: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Seguindo a mesma metodologia aplicada aos outros jornalistas, também investigamos se as variações entre a F_0 inicial-medial e a F_0 medial-final se diferem significativamente. Conforme os resultados apresentados na tabela 35, os repórteres do SBT Brasil apresentaram diferenças significativa entre as variações das frequências F_0 inicial-medial e F_0 medial-final. Ou seja, a diferença entre as frequências são estatisticamente significativas.

Tabela 32 – Kruskal-Wallis da fala dos repórteres do SBT Brasil e seus respectivos valores de p

Repórteres do SBT Brasil	F_0 relativa: média i-m (%)	F_0 relativa: média m-f (%)	Valor de p
Solange Boulos	20.35%	-22.15%	p = 0.0001 ^s
Daniel Adjuto	7.38%	-22.23%	p = 0.0003 ^s

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

6.3.4 Análise da Tessitura dos repórteres do SBT

Ao analisarmos os dados da tabela 33, percebermos que Solange Boulos possui a tessitura mais alta que a de Daniel Adjuto e que existe diferença significativa entre a tessitura dos dois repórteres. Também percebemos que os dois repórteres transmitem notícias de editorias diferentes e que a tessitura de Adjuto, ao narrar a notícia sobre Política, é menor que

a tessitura de Boulos, que narra uma matéria sobre Saúde. Ou seja, ela utiliza de muito mais ênfase na notícia do que Daniel.

Posteriormente, analisaremos se o tipo de notícia influencia na variação do delta de cada repórter.

Tabela 33 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos repórteres do telejornal SBT Brasil e seu respectivo valor de p

Repórteres do SBTB	Editorias	Média da F ₀ máxima (Hz)	Média da F ₀ mínima(Hz)	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Solange Boulos	Saúde	326.3	147.8	178.2	p= 0.0004 ^s
Daniel Adjuto	Política	251.1	116.2	134.9	

Obs: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Suscintamente, vimos neste capítulo que os âncoras do SBT não possuem um padrão tonal, enquanto os repórteres seguem uma mesma tendência de variação tonal. A principal diferença entre estes e os repórteres da Globo é a preferência da variação tonal. Enquanto os repórteres da Globo produzem mais variações descendentes, os do SBT fazem mais a variação de subidas de tom seguidas pelas quedas.

6.4 ANÁLISE ACÚSTICA DOS GRUPOS TONAIIS DOS JORNALISTAS DA REDE RECORD

O telejornal da Rede Record selecionado para esta pesquisa foi o *Jornal da Record*, apresentado por Adriana Araújo e Celso Freitas, e as matérias são apresentadas pelos jornalistas Emerson Ramos e Cleisla Garcia.

Quadro 5 – Âncoras e repórteres do Jornal da Record

Telejornal	Âncoras	Repórteres
JR	Adriana Araújo Celso Freitas	Emerson Ramos Cleisla Garcia

Fonte: Elaboração própria.

Igualmente como nos casos dos jornalistas das emissoras Globo e SBT, também analisamos a variação tonal de cada grupo tonal dos âncoras e repórteres do *Jornal da Record*, assim como a tessitura.

6.4.1 Análise da F_0 relativa dos âncoras da Rede Record

Da mesma forma que acontece com os outros jornalistas, tanto da Globo, quanto do SBT, em alguns GTs, os jornalistas do *Jornal da Record* iniciam com o tom baixo e sobem para depois abaixar. Em outros, eles começam com o tom baixo, sobem e sobem novamente, ou, ainda, eles iniciam com uma queda da frequência inicial para a medial para depois subir ou abaixar da frequência medial para a final. As próximas tabelas (38 e 39) nos mostram mais claramente essas variações.

Na tabela 34, notamos que enquanto Araújo faz mais subidas da frequência inicial para a medial, Freitas utiliza mais das quedas nesta mesma porção. Já da F_0 medial para a final, há em ambos os âncoras tendência em finalizar com quedas.

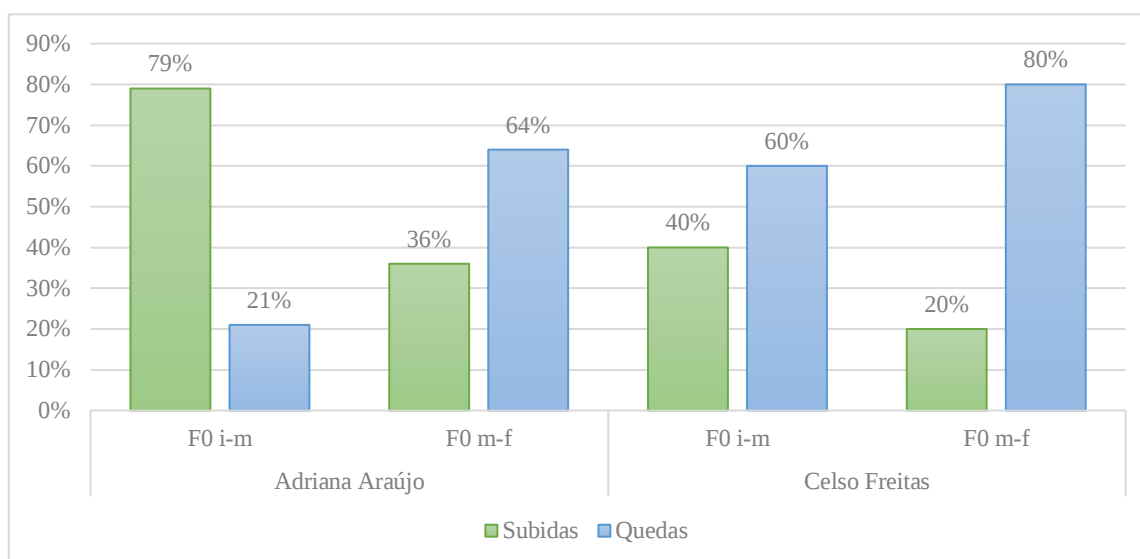
Tabela 34 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do telejornal Jornal da Record

Âncoras do JR	F ₀ inicial para a medial		F ₀ medial para a final		Total de GTs
	Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
Adriana Araújo	11 (79%)	3 (21%)	5 (36%)	9 (64%)	14 (100%)
Celso Freitas	2 (40%)	3 (60%)	1 (20%)	4 (80%)	5 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Os dados do gráfico 9 nos mostram as subidas e quedas da F_0 nas porções inicial para a medial e medial para a final dos âncoras do *Jornal da Record*. Nele, visualizamos melhor os dados da tabela 34.

Gráfico 9 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal da Record



Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 35, percebemos que Araújo tende a iniciar mais os GTs com o tom baixo e elevar até a porção medial e da porção medial para final tende a cair. Já Freitas produz as variações de subida seguida de queda e de queda seguida por outra queda, equilibradamente. De acordo como os dados da tabela, Celso Freitas não produz a variação de subida seguida por outra subida.

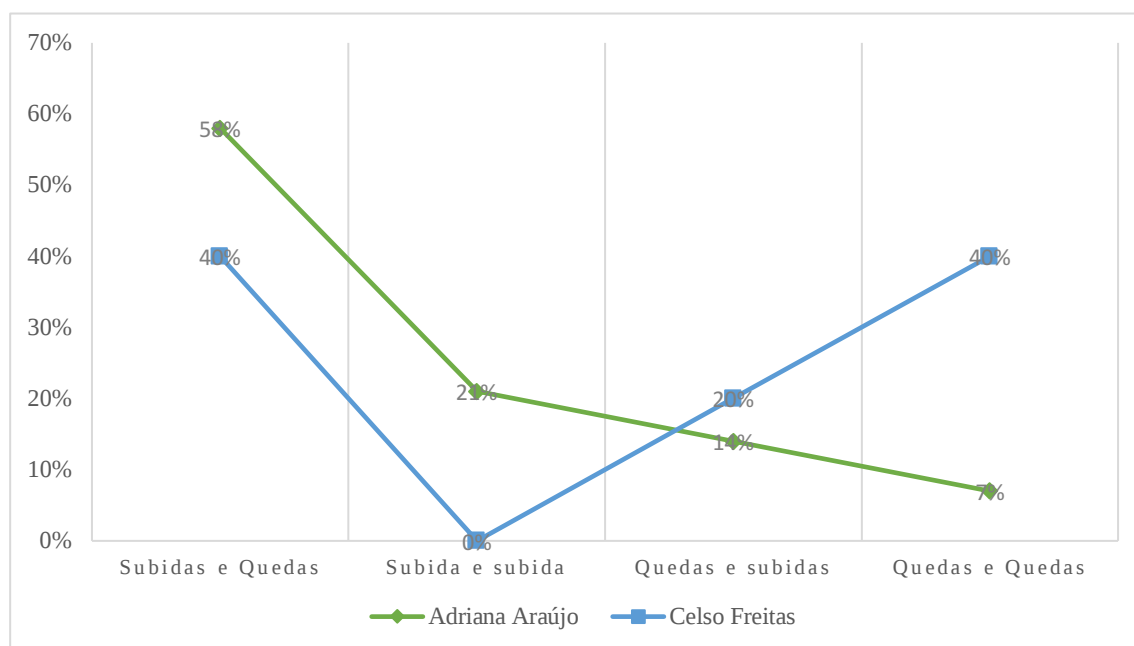
Tabela 35 – Variação entre subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dos GTs dos âncoras do Jornal da Record

Âncoras do JR	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f
	Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas
Adriana Araújo	8 vezes (58%)	3 vezes (21%)	2 vezes (14%)	1 vez (7%)
Celso Freitas	2 vez (40%)	0 vezes (0%)	1 vez (20%)	2 vezes (40%)

Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 10 nos mostra o que ocorre com a variação dos dois âncoras. Nele, observamos que enquanto Adriana Araújo faz mais subidas e quedas, perpassando pelos outros modos de variação, Celso Freitas prefere balancear os GTs com as variações de subidas e quedas e com quedas e quedas.

Gráfico 10 – Variação entre as subidas e quedas da F₀ i-m para a F₀ m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal da Record



Fonte: Elaboração própria.

Ao aplicarmos o teste de Regressão Linear Simples nas médias das F₀ dos âncoras (Tabela 36), encontramos o resultado negativo ($p \leq 0,05$) para a relação de dependência entre as variações da F₀ i-m e da F₀ m-f dos dois âncoras. Ou seja, não há relação de dependência entre a F₀ m-f e a F₀ i-m. Os resultados indicam que outros fatores influenciam na variação da F₀ m-f, que é a variável dependente.

Tabela 36 – Regressão Linear Simples entre as F₀ relativas médias i-m e m-f dos âncoras do Jornal da Record e seus respectivos valores de p e R²

Âncoras do JR		F ₀ relativa: média i-m (%)	F ₀ relativa: média m-f (%)	Valor de p	Valor de R ² (ajustado)
JR	Adriana Araújo	18.32%	3.90%	$p = 0.5451^{ns}$	-0.0484
	Celso Freitas	-5.74%	-26.20%	$p = 0.2297^{ns}$	0.2393

Obs: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria..

Também procuramos identificar se poderia haver diferença significativa entre as variações da F₀. Conforme os resultados do teste Kruskal-Wallis da tabela 37, não há diferença significativa entre as médias da F₀ dos jornalistas ao longo dos GTs.

Tabela 37 – Kruskal-Wallis da fala dos âncoras do Jornal da Record e seus respectivos valores de p

Âncoras do JR	F ₀ relativa: média i-m (%)	F ₀ relativa : média m-f (%)	Valor de p
Adriana Araújo	18.32%	3.90%	p = 0.1681 ^{ns}
Celso Freitas	-5.74%	-26.20%	p = 0.7540 ^{ns}

Obs: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

6.4.2 Análise da Tessitura dos âncoras da Rede Record

Assim como fizemos com os âncoras das duas emissoras já estudadas, também verificamos a tessitura da fala dos âncoras do *Jornal da Record* com o intuito de entender o que acontece com a fala destes jornalistas. Concatenado a isso, também realizamos o teste de Kruskal-Wallis com o propósito de verificar se existe diferença significativa entre os deltas dos âncoras do JR.

Os resultados da tabela 38 nos mostram que a média do delta de Adriana Araújo é mais alto que a de Celso Freitas. No entanto, de acordo com o teste estatístico, essa diferença não é significativa. Ou seja, os âncoras utilizam de uma tessitura semelhante ao enfatizar determinadas informações das notícias.

Tabela 38 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos âncoras do Jornal da Record e seu respectivo valor de p

Âncoras do JR	Média da F ₀ máxima (Hz)	Média da F ₀ mínima (Hz)	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Adriana Araújo	332.2	143.3	188.9	p= 0.0956 ^{ns}
Celso Freitas	217.2	75.2	142.0	

Obs: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Fazendo uma rápida retrospectiva de alguns ponto relevantes para uma comparação dos âncoras entre as emissoras devemos lembrar que de modo geral:

1º) apesar de não haver um padrão sólido estabelecido na fala dos jornalistas da Rede Globo, podemos pensar num padrão diluído na fala dos jornalistas da emissora ao considerarmos a preferência por um estilo de variação tonal.

2º) os âncoras do SBT não apresentam nenhuma relação tonal. Cada um varia a F_0 ao seu modo, sem nenhuma padronização. Já os repórteres apresentam uma relação proporcional na variação de subidas e quedas.

3º) Em relação aos âncoras do JR, enquanto Adriana Araújo produz mais variação de subidas e quedas, Celso Freitas balanceia a produção entre as variações de subida e queda e de queda seguida por outra queda.

A partir destes pontos, podemos pensar que a falta de relação proporcional entre a variação tonal em alguns casos e a escolha das variações em outros casos, seja um diferencial entre a fala dos jornalistas da Globo para com a fala dos jornalistas do SBT e da Record.

6.4.3 Análise da F_0 relativa dos repórteres da Rede Record

O último grupo, cuja características vocais foram analisadas, foi o dos repórteres da Rede Record. Assim como fizemos com os outros jornalistas desta e das outras emissoras, também avaliamos a curva da F_0 de todos os GTs desses profissionais.

Do mesmo modo como ocorreu com os jornalistas das outras emissoras analisadas, percebemos, à primeira vista, que as variações da curva da frequência dos repórteres do *Jornal da Record* também não tinham um padrão. Os dois jornalistas, ora iniciavam os GTs com quedas, ora com subidas, e da mesma forma faziam ao finalizar os GTs.

No entanto, se observarmos mais atentamente, notamos que os dois repórteres tendem a iniciar os GTs mais com quedas do que com subidas e também tendem a finalizar mais os GTs com quedas. Vejamos a tabela 39:

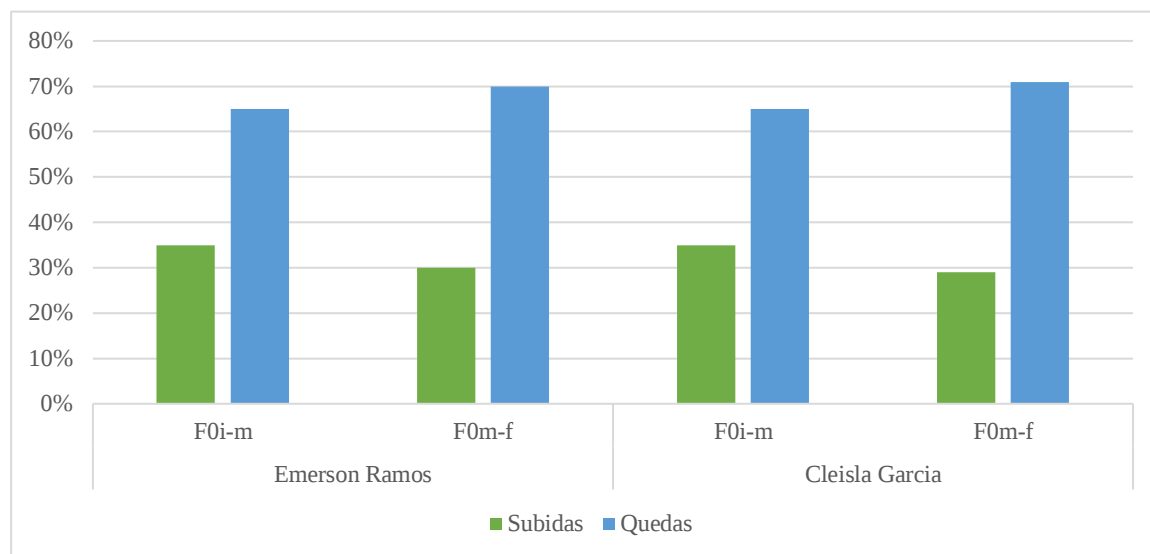
Tabela 39 – Número de subidas e quedas da F_0 i-m e da F_0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record

Repórteres do JR	F_0 inicial para a medial		F_0 medial para a final		Total de Gts
	Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
Emerson Ramos	15 (35%)	28 (65%)	13 (30%)	30 (70%)	43 (100%)
Cleisla Garcia	25 (35%)	47(65%)	21 (29%)	51 (71%)	72 (100%)

Fonte: Elaboração própria

O gráfico 11 deixa mais claro essa variação e nos mostra que apesar das mudanças de tom, podemos visualizar uma relação entre as curvas da F_0 entre os repórteres. Assim como acontece com os repórteres da Rede Globo.

Gráfico 11 – Número de subidas e quedas da F0 i-m e da F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record



Fonte: Elaboração própria

Na tabela 40 vimos que os repórteres do *Jornal da Record* produzem mais quedas que subidas tanto na parte inicial do GT, quanto na final. Aqui, na tabela 40, veremos como é essa variação dentro dos GTs.

Ao observarmos os dados, notamos que há uma certa simetria entre as variações de Emerson Ramos e Cleisla Garcia. Proporcionalmente, os dois seguem a mesma tendência de variação entre subidas e quedas.

Tabela 40 – Variação de subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record

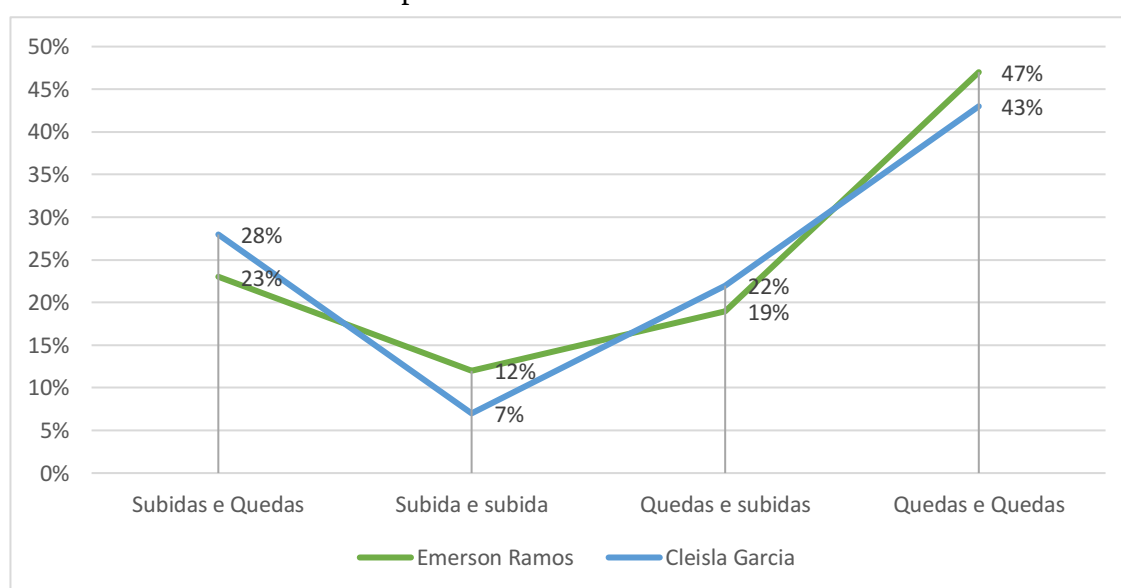
Repórteres do JR	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f
	Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas
Emerson Ramos	10 vezes (23%)	5 vezes (12%)	8 vezes (19%)	20 vezes (47%)
Cleisla Garcia	20 vezes (28%)	5 vezes (7%)	16 vezes (22%)	31 vezes (43%)

Fonte: Elaboração própria.

Observamos, pelas linhas do gráfico 12, que os dois repórteres seguem uma tendência parecida na escolha das variações. Isso indica que pode haver um padrão diluído no modo de falar dos repórteres do *JR*, assim como há no caso dos repórteres do SBT e da Rede Globo.

Se compararmos a variação dos repórteres do *Jornal da Record* com os repórteres do telejornalismo da Globo, notamos que as escolhas de tom se assemelham. Se voltarmos no gráfico 4, que é o gráfico que nos mostra o número de subidas e quedas dentro dos GTs dos repórteres da Rede Globo, notamos que a variação mais produzida pelos repórteres é a descendente e a segunda mais produzida é a ascendência seguida pela descendência de tom. Aqui com os repórteres da Rede Record, percebemos a mesma tendência.

Gráfico 12 – Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres do Jornal da Record



Fonte: Elaboração própria.

Como nos casos anteriores, investigamos se havia algum tipo de relação de dependência entre a F0 inicial-medial e a F0 medial-final. Ao aplicarmos o teste de Regressão (tabela 41), o resultado deu negativo para a relação entre as variações da F0 dos dois repórteres.

Tabela 41 – Regressão Linear Simples para os repórteres do Jornal da Record e seus respectivos valores de p e R2

Repórteres do JR	F0 relativa: média i-m (%)	F0 relativa: média m-f (%)	Valor de p	Valor de R2 (ajustado)
Emerson Ramos	-10.06%	-6.88%	p = 0.8295 ^{ns}	-0.0233
Cleisla Garcia	-1.43%	-15.82%	p = 0.2531 ^{ns}	0.0045

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Também apuramos se as variações entre a F_0 inicial-medial e a F_0 medial-final se diferiam significativamente. Os resultados da tabela 42 apontaram que há diferença significativa entre as médias da F_0 no caso da repórter Cleisla Garcia. Ou seja, a diferença entre as frequências são estatisticamente significativas. Já no caso de Emerson Ramos, não há diferença significativa entre as variáveis.

Tabela 42 – Kruskal-wallis dos repórteres do Jornal da Record e seus respectivos valores de p

Repórteres do JR		F_0 relativa: média i-m (%)	F_0 relativa: média m-f (%)	Valor de p
JR	Emerson Ramos	-10.06%	-6.88%	$p = 0.6816^{ns}$
	Cleisla Garcia	-1.43%	-15.82%	$p = 0.0011^s$

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

6.4.4 Análise da Tessitura dos repórteres da Rede Record

Da mesma forma que fizemos com os outros jornalistas, também avaliamos como é a tessitura dos repórteres do Jornal da Record. Rodamos o teste de Kruskal-Wallis e verificamos se havia uma diferença significativa entre a tessitura dos dois repórteres.

Os resultados da tabela 43 apontam que Cleisla Garcia possui uma diferença de delta maior que a de Emerson Ramos. Ela varia mais os altos e baixos que o colega e de acordo com o teste estatístico, essa diferença de delta entre os dois jornalistas é significativa.

Como já levantamos a hipótese anteriormente, talvez essa variação da tessitura tenha alguma relação como o tipo de editoria, ou tipo de notícia apresentado por cada jornalista, mais à frente investigaremos se essa hipótese se confirma.

Tabela 43 – Média do Delta e resultado do teste de Kruskal-Wallis da tessitura da voz da voz dos repórteres do Jornal da Record e seu respectivo valor de p

Repórteres do JR	Editorias	Média da F_0 máxima (Hz)	Média da F_0 mínima (Hz)	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Emerson Ramos	Polícia	283.1	110.9	172.3	$p = 0.0025^s$
Cleisla Garcia	Política	329.6	129.2	200.4	

Obs2: s = significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Observando os resultados analisados até o momento, podemos crer que de fato não exista um “padrão” tonal na fala dos jornalistas das emissoras. O que existe, em alguns casos, é uma tendência a um modelo de variação tonal. Pelo que percebemos até o momento, os jornalistas variam a frequência ao longo dos GTs ascendendo ou descendendo o tom de acordo com a necessidade de enfatizar alguma informação.

Considerando estes resultados e a própria natureza do Jornalismo, compreendemos que o telejornalista prefira priorizar a ênfase em determinadas parcelas de informação que favoreça o em sua função de persuadir o telespectador, em detrimento de seguir um padrão tonal possivelmente estabelecido.

Ainda observando esses resultados e refletindo que ao fazer uma análise generalista visualizamos apenas as macro questões, entendemos que as micro questões que podem fazer toda a diferença. Assim, a partir dessas primeiras análises acústicas, nos surgiu outros quesitos, alguns já expostas ao longo do capítulo, que talvez nos ajudem a melhor compreender o que acontece com a fala dos jornalistas. Um deles é: Mesmo considerando que o jornalista priorize a relevância da informação ao enfatizar, será que diferentes notícias influenciam no modo de enfatizar? Existe diferença de variação tonal nas diferentes editorias dos telejornais?

Na próxima seção, nos aprofundaremos nessas questões.

6.5 ANÁLISE DOS GTS DAS MATÉRIAS DOS TELEJORNAIS POR EDITORIA

Após verificarmos a curva da frequência fundamental e a tessitura dos âncoras e repórteres das emissoras e compará-los de modo geral, nos indagamos se o tipo de notícia também não contribuiria para a definição de um estilo de elocução. Deste modo, para termos dados mais específicos, decidimos analisar os GTs dos telejornalistas categorizando-os a partir do tema das editorias das matérias. Assim obtivemos o seguinte quadro:

Quadro 6 – Divisão de âncoras e repórteres de cada telejornal separados por editoria

Emissoras	Telejornais	Âncoras	Repórteres	Editorias
Rede Globo	Hora 1 (Diurno)	Monalisa Perrone	Fernanda Graell	Policia
		Monalisa Perrone	Michelle Barros	Política
	BDB (Diurno)	Ana Paula Araújo Chico Pinheiro Rodrigo Bocardi	Renato Biazzi	Saúde
		Ana Paula Araújo Fábio William	Geiza Duarte	Política
	JH	Sandra Annenberg	Elaine Bastes	Economia

	(Diurno)	Evaristo Costa		
		Sandra Annenberg Evaristo Costa	Roberto Paiva	Política
	JN (Noturno)	Renata Vasconcellos William Bonner	Delis Ortiz	Economia
		Renata Vasconcellos William Bonner	José Roberto Burnier	Política
	JG (Noturno)	William Waack	Giovana Telles	Política
		William Waack	Marcos Losekann	Política
SBT	SBTB (Noturno)	Rachel Sheherazade	Solange Boulos	Saúde
		Rachel Sheherazade Carlos Nascimento	Daniel Adjuto	Política
Rede Record	JR (Noturno)	Adriana Araújo Celso Freitas	Emerson Ramos	Policial
		Adriana Araújo Celso Freitas	Cleisla Garcia	Política

Fonte: Elaboração própria.

6.5.1 Análise da F_0 relativa e tessitura dos âncoras da Rede Globo conforme editorias

Ao separar e categorizar as matérias produzidas pelos jornalistas por editorias específicas, esperávamos que cada editoria possuísse um padrão tonal específico e que este padrão fosse apresentado pelos jornalistas da Rede Globo. Mas para isso, as variações tonais produzidas por eles não deveriam apresentar diferença significativa.

A partir do teste de Kruskal-Wallis, verificamos que dentre as editorias de política (tabela 44), economia (tabela 45) e saúde (tabela 46), editorias nas quais se encontram as matérias apresentadas por mais de um jornalista da Rede Globo, os âncoras da emissora não apresentaram diferença significativa na variação de tom ascendente seguida por outra ascendência e na variação descendente seguida por outra descendência. Ou seja, há um padrão na fala dos jornalistas nessas três editorias para esses dois tipos de variação tonal.

Contudo, as variações de ascendência seguida por descendência e o contrário, descendência seguida por ascendência apresentaram diferença significativa para as editorias de política e economia. Entendemos, portanto, que os jornalistas sobem ou descem o tom conforme a necessidade de enfatizar ou suprimir determinada parcela de informação de seu discurso. Cada um deles enfatiza ou suprime a informação que julga importante dentro da notícia e esse julgamento tende a ser pessoal.

Observemos as tabelas 50, 51 e 52:

Tabela 44 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais/Âncoras		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
H1	Monalisa Perrone	Política	14 vezes (30%)	5 vezes (11%)	12 vezes (26%)	15 vezes (33%)	46 GTs (100%)
BDB	Ana Paula Araújo	Política	2 vezes (20%)	2 vezes (20%)	0 vezes (0%)	6 vezes (60%)	10 GTs (100%)
	Fábio William	Política	3 vezes (17%)	2 vezes (11%)	6 vezes (33%)	7 vezes (39%)	18 GTs (100%)
JH	Sandra Annenberg	Política	1 vezes (20%)	0 vezes (0%)	2 vezes (40%)	2 vezes (40%)	5 GTs (100%)
	Evaristo Costa	Política	1 vezes (13%)	0 vez (0%)	3 vezes (38%)	4 vezes (50 %)	8 GTs (100%)
JN	Renata Vasconcellos	Política	1 vezes (33%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	2 vezes (66%)	3 GTs (100%)
	William Bonner	Política	4 vezes (50%)	1 vez (13%)	1 vezes (13%)	2 vezes (25%)	8 GTs (100%)
JG	William Waack	Política	12 vezes (52%)	1 vez (4%)	5 vezes (22%)	5 vezes (22%)	23 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0001 ^s	p= 0.8682 ^{ns}	p= 0.0001 ^s	p= 0.0706 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 45 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Economia e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais/Âncoras		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
JH	Sandra Annenberg	Economia	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	1 vezes (14%)	6 vezes (86%)	7 GTs (100%)
	Evaristo Costa	Economia	1 vez (25%)	1 vez (25%)	1 vez (25%)	1 vez (25%)	4 GTs (100%)
JN	Renata Vasconcellos	Economia	2 vezes (28.5%)	0 vezes (0%)	2 vezes (28.5%)	3 vezes (43%)	7 GTs (100%)
	William Bonner	Economia	4 vezes (25%)	0 vezes (0%)	5 vezes (31%)	7 vezes (44%)	16 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0325 ^s	p= ^{ns} 50	p= 0.0186 ^s	p= 0.1068 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

⁵⁰ Neste caso, o tamanho das amostras foi muito pequeno e isso nos impossibilitou de executar o teste estatístico de Kruskal-Wallis. Como apenas Evaristo Costa produziu este tipo de variação – 1 vez –, não havia dados para fazermos a comparação.

Tabela 46 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Saúde e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais/Âncoras		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
BDB	Ana Paula Araújo	Saúde	1 vezes (50%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	1 vezes (50%)	2 GTs (100%)
	Chico Pinheiro	Saúde	3 vezes (30%)	1 vez (10%)	3 vezes (30%)	3 vezes (30%)	10 GTs (100%)
	Rodrigo Bocardi	Saúde	5 vezes (38%)	2 vezes (15%)	2 vezes (15%)	4 vezes (31%)	13 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0069 ^s	p= ^{ns} 51	p= 0.0520 ^{ns}	p= 0.8335 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

⁵¹ Neste caso, o tamanho das amostras foi muito pequeno e isso nos impossibilitou de executar o teste estatístico de Kruskal-Wallis.

Tratando-se de Política (tabela 44), os âncoras da Rede Globo apresentaram diferença significativa mais acentuada (valores de p menores e mais distantes de 0,05) quando a variação tonal da frequência fundamental inicial-medial para frequência fundamental medial-final é composta de subidas seguidas de quedas ou de quedas seguidas de subidas ($p=0,001$ para ambas).

Analogamente, os jornalistas que trataram de Economia (tabela 45) também apresentaram diferença significativa nos mesmos grupos de variação tonal, quando os valores da F_0 i-m para a F_0 m-f apresentaram, em sequência, subidas e quedas ou quedas e subidas, mantendo seus valores de p iguais a 0,0325 e 0,0186, respectivamente. Aqui, contudo, os valores de p estão bem mais próximos de 0,05.

Já na editoria de Saúde (tabela 46), apenas quando a variação tonal da F_0 i-m para a F_0 m-f apresenta sequência de subida e descida que se estabelece uma diferença significativa, com valor de $p=0,0069$.

A partir destas reflexões, e devido ao fato de que com subidas e descidas – ou o inverso, descidas e subidas – no tom de voz há maior ênfase discursiva na fala, acreditamos que os âncoras dos telejornais da Rede Globo tendem a destacar determinadas informações da matéria com maior seletividade quando se trata de questões políticas e, portanto, essas ênfases passam pelo crivo ideológico que, por sua vez, é primeiro pessoal, apesar de qualquer posicionamento institucional. Devido a intrínseca relação entre economia e política, defendemos que a semelhança nos resultados esteja correlacionada a estes fatores.

Conforme a tabela 47, os valores do delta dos jornalistas analisados anteriormente, associados aos resultados do teste de Kruskal-Wallis, indicam que há diferença significativa para a tessitura dos jornalistas que apresentaram as matérias de política e de economia, mas não há diferença significativa para os valores relacionados aos jornalistas que apresentaram a notícia sobre saúde. Esses valores, mais uma vez, apontam que a falta de padronização prosódica está ligada ao entendimento pessoal de quando ou do que enfatizar ao noticiar.

De acordo com o que Massini-Cagliari e Cagliari (2001) explicam sobre a tessitura, relembremos que o falante utiliza do método de aumentar ou abaixar a frequência fundamental quando tem alguma intenção expressiva no discurso. E mais: “Tessituras altas são encontradas também com a função de destacar, porém, com uma intenção de chamar a atenção para o que se diz, [...], ou para dar uma ênfase à ideia que está sendo dita [...]” (MASSINI-CAGLIARI E CAGLIARI, 2001 p. 5).

Ao pensarmos nesse “falante” dentro de nosso escopo de estudo, entendemos que o jornalista utiliza da variação da tessitura quando quer, por exemplo, enfatizar alguma

informação na notícia. Para isso, utiliza de uma variação maior de tessitura para destacar a palavra ou frase em questão e, para contrabalancear, a informação menos importante é dita com uma variação de tessitura menor. Além disso, o jornalista pode, ainda, utilizar de uma baixa variação da tessitura para aparentar neutralidade em relação à notícia.

Tabela 47 – Média do Delta da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p

Editoria	Âncoras	Média da F ₀ máxima (Hz)	Média da F ₀ mínima (Hz)	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Política	Monalisa Perrone	240.78	117.39	123.40	p= 0.0001 ^s
	Ana Paula Araújo	303.79	134.38	169.41	
	Fábio William	173.49	84.66	88.84	
	Sandra Annenberg	299.78	114.02	185.76	
	Evaristo Costa	188.41	97.33	91.09	
	Renata Vasconcellos	215.27	122.87	92.40	
	William Bonner	149.05	80.44	68.61	
Economia	William Waack	181.84	89.47	92.37	p= 0.0240 ^s
	Sandra Annenberg	288.84	118.73	170.11	
	Evaristo Costa	263.95	100.53	163.43	
	Renata Vasconcellos	295.56	122.06	173.50	
Saúde	William Bonner	140.43	76.58	63.84	p= 0.2057 ^{ns}
	Ana Paula Araújo	299.15	147.35	151.80	
	Chico Pinheiro	195.13	80.15	114.98	
	Rodrigo Bocardi	190.75	87.02	103.74	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos valores do delta, apresentados na tabela 47, notamos que alguns jornalistas utilizam da variação mais alta da tessitura em algumas editorias do que em outras.

Observemos, por exemplo, os casos dos jornalistas que apresentam matérias em uma mesma editoria e em duas editorias diferentes. Dentro de Política, temos William Bonner que apresenta uma média de delta muito pequena em relação aos colegas e temos Sandra Annenberg que possui o maior delta entre os jornalistas. Neste caso, identificamos que Annenberg utiliza mais da variação da tessitura para chamar atenção do público para certas partes da sua fala, já Bonner, ao utilizar menos da variação, passa um “tom formal”, “neutro”. Na editoria de Economia, por sua vez, Annenberg continua com uma grande variação do delta, mas este é menor que a variação da editoria anterior. Bonner continua com pouca variação do delta.

Alternativamente, notamos que Evaristo Costa e Renata Vasconcellos possuem uma média do delta maior para Economia do que para Política. Ou seja, eles enfatizam mais certos

trechos do discurso sobre Economia, chamando a atenção do público para aquilo que eles julgam mais importante.

6.5.2 Análise da F_0 relativa e da tessitura dos repórteres da Rede Globo conforme editorias

Em se tratando dos repórteres, depois de categorizar as matérias e comparar as variações tonais, notamos que os repórteres apresentaram grande variação na curva de F_0 , não havendo, aparentemente, uma relação proporcional entre os valores. Com a realização do teste de Kruskal-Wallis, percebemos que os repórteres das editorias de Política e Economia, editorias nas quais se encontram as matérias apresentadas por mais de um jornalista da Rede Globo, não apresentaram padrão prosódico.

Na tabela 48, visualizamos que não houve diferença significativa apenas na variação de tom ascendente. As outras variações apresentaram diferença significativa entre a curva da F_0 dos repórteres. Isto, como já foi explicado antes, indica que não há um padrão prosódico na fala dos jornalistas e que estes tendem a utilizar das subidas e quedas de tom para enfatizar as informações da notícia destacando-as do resto do enunciado e isso é feito de modo pessoal.

Na tabela 49, onde se encontram os valores relacionados a matéria da editoria de Economia, encontramos algo parecido com o que ocorreu com os âncoras: há diferença significativa entre as variações de ascendência seguida de descendência e de descendência seguida por uma ascendência, mas não há diferença significativa nas variações de descendência seguida de descendência e de ascendência seguida de ascendência. Ou seja, mais uma vez encontramos semelhanças na fala dos jornalistas nestes dois últimos tipos de variação tonal. Mas nenhum padrão nos dois primeiros.

Tabela 48 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais/Repórteres		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
H1	Michelle Barros	Política	6 vezes (28%)	1 vez (4%)	1 vez (4%)	14 vezes (64%)	22 GTs (100%)
BDB	Geiza Duarte	Política	7 vezes (20%)	2 vezes (6%)	12 vezes (34%)	14 vezes (40%)	35 GTs (100%)
JH	Roberto Paiva	Política	11 vezes (21%)	2 vezes (4%)	9 vezes (18%)	29 vezes (57%)	51 GTs (100%)
JN	José Roberto Burnier	Política	32 vezes (50%)	5 vezes (8%)	11 vezes (17%)	16 vezes (25%)	64 GTs (100%)
JG	Giovana Telles	Política	9 vezes (26%)	2 vezes (6%)	7 vezes (20%)	17 vezes (48%)	35 GTs (100%)
	Marcos Losekann	Política	21vezes (37%)	3 vezes (5%)	9 vezes (16%)	24 vezes (42%)	57 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0001 ^s	p= 0.3414 ^{ns}	p= 0.0001 ^s	p= 0.0004 ^s	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 49 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo que apresentaram as matérias da editoria de Economia e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais/Repórteres		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
JH	Elaine Bast	Economia	22 vezes (56%)	2 vezes (5%)	4 vezes (10%)	11 vezes (28%)	39 GTs (100%)
JN	Delis Ortiz	Economia	20 vezes (38%)	5 vezes (9%)	13 vezes (25%)	15 vezes (28%)	53 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0001 ^s	p=0.3402 ^{ns}	p= 0.0001 ^s	p= 0.2084 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Percebemos, ainda, nesta aparente falta de padronização, que em todos os casos os jornalistas não apresentam diferença significativa na variação de subida seguida por outra subida. Acreditamos que, apesar de poderem variar os sobes e desces do tom com o propósito informativo e persuasivo, os jornalistas tendem a fazer as subidas de tom respeitando um limite tacitamente existente. Em outros estudos, Azeredo, Pacheco e Mota (2014) defendem que a utilização do tom alto e da alta variação da tessitura é encontrado em discursos sensacionalistas.

Deste modo, acreditamos que o tom ascendente seja menos usado pelos jornalistas da Globo justamente para que estes não sejam interpretados como sensacionalistas, já que fazem parte de uma emissora cujos programas são vistos como tradicionais e é reconhecida como detentora de um alto padrão de qualidade.

Em relação à tessitura dos repórteres, de acordo com os dados apresentados na tabela 50, o teste de Kruskal-Wallis indica que existe diferença significativa para a tessitura dos repórteres da Rede Globo que apresentaram tanto matérias sobre Política, quanto matérias sobre Economia e, portanto, não há padrão prosódico determinado. Novamente, isto nos leva a acreditar que a variação tonal do jornalista depende mais do seu entendimento sobre qual trecho da matéria merece ter mais ênfase, do que de um padrão prosódico institucionalmente estabelecido.

Tabela 50 – Média do Delta da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p

Editoria	Repórteres	Média da F ₀ máxima	Média da F ₀ mínima	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Política	Michelle Barros	301.50	108.74	192.76	p = 0.0001 ^s
	Geiza Duarte	307.35	142.96	164.39	
	Roberto Paiva	233.51	91.85	141.66	
	José Roberto Burnier	267.11	97.71	169.40	
	Giovana Telles	340.77	161.10	179.66	
	Marcos Losekann	279.94	112.67	167.27	
Economia	Elaine Bast	324.11	131.73	192.38	p = 0.0206 ^s
	Delis Ortiz	367.59	149.47	218.12	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Importante salientar, ainda, que os repórteres da editoria de Economia apresentaram uma tessitura maior do que os jornalistas da editoria sobre Política. Enquanto o menor valor de tessitura da editoria de Economia é de 192.38 Hz, de Elaine Bast, o maior valor da tessitura em

Política é de 192.76 Hz, na fala de Michelle Barros. Uma diferença de apenas 0.38 Hz. Ou seja, os repórteres da editoria de Política, assim como vimos no caso de alguns âncoras, tendem a utilizar de uma variação de tessitura mais baixa. Em outras editorias, ao que parece, a tessitura varia mais e é mais alta.

Estes resultados, da variação da curva da frequência fundamental e da variação da tessitura, refuta a hipótese desenvolvida no início deste trabalho e corrobora com a ideia de que de fato não há um padrão tonal estabelecido entre os jornalistas da Rede Globo e nem uma aparente tentativa de padronização prosódica. Cada jornalista tende a um estilo de elocução própria e segue a variação tonal que a notícia sugere ou que ele julgue necessário para cada matéria.

6.5.3 Análise da F_0 relativa e tessitura dos âncoras da Rede Globo, SBT e Rede Record conforme editorias

Ao separar os GTs das falas dos jornalistas da Globo de acordo com editorias verificamos que cada jornalista tende a um estilo de elocução próprio. Dessa forma, nos questionamos como é a realização tonal dos jornalistas das outras duas emissoras e se essa realização se diferencia da produção dos jornalistas da Globo.

Para tentar responder essa questão, verificamos e comparamos a curva da frequência fundamental e da tessitura dos jornalistas da Globo com a curva de F_0 dos jornalistas das outras duas emissoras. Os resultados das tabelas 51, 52 e 53 nos mostram, a partir do teste estatístico de Kruskal-Wallis, que há diferença entre a fala dos Globais e dos outros jornalistas nas variações de subidas e quedas e de quedas e subidas. As outras duas variações de subidas e subidas e de quedas e quedas não apresentaram diferença significativa entre a fala dos âncoras.

Tabela 51 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo, SBT e Rede Record que apresentaram as matérias da editoria de Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Emissoras /Âncoras		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
Globo	Monalisa Perrone	Política	14 vezes (30%)	5 vezes (11%)	12 vezes (26%)	15 vezes (33%)	46 GTs (100%)
	Ana Paula Araújo	Política	2 vezes (20%)	2 vezes (20%)	0 vezes (0%)	6 vezes (60%)	10 GTs (100%)
	Fábio William	Política	3 vezes (17%)	2 vezes (11%)	6 vezes (33%)	7 vezes (39%)	18 GTs (100%)
	Sandra Annenberg	Política	1 vezes (20%)	0 vezes (0%)	2 vezes (40%)	2 vezes (40%)	5 GTs (100%)
	Evaristo Costa	Política	1 vezes (13%)	0 vez (0%)	3 vezes (38%)	4 vezes (50 %)	8 GTs (100%)
	Renata Vasconcellos	Política	1 vezes (33%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	2 vezes (66%)	3 GTs (100%)
	William Bonner	Política	4 vezes (50%)	1 vez (13%)	1 vezes (13%)	2 vezes (25%)	8 GTs (100%)
	William Waack	Política	12 vezes (52%)	1 vez (4%)	5 vezes (22%)	5 vezes (22%)	23 GTs (100%)
SBT	Rachel Sheherazade	Política	2 vezes (100%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	2 vezes (100%)
	Carlos Nascimento	Política	2 vezes (25%)	1 vez (12%)	5 vezes (63%)	0 vezes (0%)	8 vezes (100%)
Record	Adriana Araújo	Política	4 vezes (45%)	3 vezes (33%)	2 vezes (22%)	0 vezes (0%)	9 GTs (100%)
	Celso Freitas	Política	1 vez (50%)	0 vezes (0%)	1 vez (50%)	0 vezes (0%)	2 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0001 ^s	p= 0.7701 ^{ns}	p= 0.0001 ^s	p= 0.0706 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para p≤0,05

Ns = não significativo para p≤0,05.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 52 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e SBT que apresentaram as matérias da editoria de Saúde e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais-Emissoras /Âncoras		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTs
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
BDB – Globo	Chico Pinheiro	Saúde	1 vezes (50%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	1 vezes (50%)	2 GTs (100%)
	Ana Paula	Saúde	3 vezes (30%)	1 vez (10%)	3 vezes (30%)	3 vezes (30%)	10 GTs (100%)
	Rodrigo Bocardi	Saúde	5 vezes (38%)	2 vezes (15%)	2 vezes (15%)	4 vezes (31%)	13 GTs (100%)
SBTB – SBT	Rachel Sheherazade	Saúde	1 vez (17%)	1 vez (17%)	2 vezes (33%)	2 vezes (33%)	6 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0069 ^s	p= 0.2211 ^{ns}	p=0.0483 ^s	p= 0.4220 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 53 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras dos telejornais da Rede Globo e Rede Record que apresentaram as matérias da editoria Policial e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais-Emissoras /Âncoras		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
H1 – Globo	Monalisa Perrone	Policial	8 vezes (42%)	1 vez (5%)	5 vezes (26%)	5 vezes (26%)	19 GTs (100%)
JR – Record	Adriana Araújo	Policial	4 vezes (80%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	1 vez (20%)	5 GTs (100%)
	Celso Freitas	Policial	1 vez (50%)	0 vezes (0%)	0 vezes (0%)	1 vez (50%)	2 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0005 ^s	p= ^{ns} 52	p= 0.0090 ^s	p=0.2506 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

⁵² Neste caso, o tamanho das amostras foi muito pequeno e isso nos impossibilitou de executar o teste estatístico de Kruskal-Wallis.

Esses resultados se mostram semelhantes aos encontrados no caso da análise dos âncoras dos telejornais da Rede Globo. Vimos que eles também apresentaram diferença significativa entre as mesmas variações (subidas e quedas e quedas e subidas). Isto nos leva a crer que, da mesma forma que não há um padrão prosódico na fala dos âncoras da Globo, também não há um padrão prosódico na fala dos âncoras das outras emissoras.

Mais uma vez, os resultados apontam para a não existência de um padrão tonal institucionalizado, mas para um padrão tonal personalizado conforme a necessidade que cada jornalista tem ao narrar um fato, considerando o estilo do telejornal apresentado.

Em relação a tessitura dos âncoras das três emissoras, de acordo com os dados apresentados na tabela 54, o teste de Kruskal-Wallis indica que existe diferença significativa para a tessitura dos âncoras da Rede Globo, SBT e Rede Record (Editoria de Política), Globo e SBT (Editoria de Saúde) e Globo e Rede Record (Editoria Policial). Entendemos então que não há padrão prosódico determinado entre a fala dos jornalistas. Cada um utiliza da tessitura de acordo com seu entendimento pessoal de quando ou como devem enfatizar a informação.

No que diz respeito à editoria de Política, os âncoras da Rede Globo têm sua tessitura entre 68.81 Hz, no caso de William Bonner, e 185.76 Hz, com Sandra Annenberg. Já os dois âncoras do SBT, Rachel Sheherazade e Carlos Nascimento, apresentaram 135.40 Hz e 145.09 Hz, respectivamente. Em contrapartida, Celso Freitas e Adriana Araújo, âncoras da Rede Record, apresentaram, respectivamente, valores de tessitura de 117.30 Hz e 201.46 Hz.

Percebemos que os jornalistas do SBT e da Rede Record possuem os valores do delta maiores que a maioria dos jornalistas da Rede Globo. Com isso, entendemos que os jornalistas dessas duas emissoras utilizam da tessitura alta com a intenção de chamar a atenção para a notícia que estão transmitindo. Já os jornalistas da Globo, ao apresentarem as matéria com o delta menor, buscam passar um tom de neutralidade em relação a notícia.

No entanto, comparando a variação da tessitura na editoria de Política com a variação das tessituras das editorias de Saúde e Policial, notamos que os jornalistas da Globo variam muito mais na primeira editoria que nas outras duas. Em outras palavras, quando se trata sobre Política, em relação as outras duas editorias, os âncoras da Rede Globo tendem a ter uma maior variação de tessitura, o que nos leva a crer que eles utilizam mais ênfases ao narrar a notícia. Já quando se trata de outros temas, a tessitura tende a ser menor.

Tabela 54 – Média do Delta da voz dos âncoras dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p

Editoria	Âncoras	Média da F ₀ máxima	Média da F ₀ Mínima	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Política	Monalisa Perrone	240.78	117.39	123.40	p = 0.0001 _s
	Ana Paula Araújo	303.79	134.38	169.41	
	Fábio William	173.49	84.66	88.84	
	Sandra Annenberg	299.78	114.02	185.76	
	Evaristo Costa	188.41	97.33	91.09	
	Renata Vasconcellos	215.27	122.87	92.40	
	William Bonner	149.05	80.44	68.61	
	William Waack	181.84	89.47	92.37	
	Rachel Sheherazade	271.9	136.5	135.40	
	Carlos Nascimento	238.44	93.35	145.09	
	Adriana Araújo	342.71	141.26	201.46	
	Celso Freitas	192.27	74.97	117.30	
Saúde	Ana Paula Araújo	299.15	147.35	151.80	p = 0.0175 _s
	Chico Pinheiro	195.13	80.15	114.98	
	Rodrigo Bocardi	190.75	87.02	103.74	
	Rachel Sheherazade	320.3	149.1	171.2	
Policial	Monalisa Perrone	228.18	115.36	112.82	p = 0.0258 _s
	Adriana Araújo	313.30	147.04	166.26	
	Celso Freitas	254.50	75.55	178.95	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Ainda, ao compararmos os valores da variação da tessitura dos jornalistas globais com os valores apresentados pelos jornalistas do SBT (no caso da editoria de Saúde) e da Rede Record (na editoria Policial), verificamos que o delta dos jornalistas da Globo é bem mais baixo que o dos jornalistas das duas emissoras para as duas editorias (Saúde e Policial). Isso indica, mais uma vez que os jornalistas da Globo utilizam da tessitura mais baixa na tentativa de se aproximarem da neutralidade e se afastarem do sensacionalismo.

6.5.4 Análise da F_0 relativa e da tessitura dos repórteres da Rede Globo, SBT e Rede Record conforme editorias

Em nossa última análise, verificamos a curva da frequência fundamental e da tessitura dos repórteres da Globo e comparamos com as dos repórteres do SBT e da Record. Os resultados das tabelas 55, 56 e 57 nos mostram, a partir do teste estatístico de Kruskal-Wallis, que também existe diferença entre a fala dos repórteres das emissoras.

Na tabela 61, que trata da editoria de Política, podemos observar que, diferente do que ocorre com os outros jornalistas, que não apresentaram um padrão tonal significativo nas variações de subidas e subidas e de quedas seguidas por quedas, entre os repórteres da Rede Globo, do SBT e da Rede Record há diferença significativa, também, na variação tonal de queda seguida por outra queda.

Essa padronização entre todos jornalistas (âncoras e repórteres) na variação de ascendência seguida por outra ascendência mais uma vez nos leva a pensar que exista uma linha imaginária que deva ser respeitada por jornalistas que trabalhem numa programa de cunho tradicional, já que, como afirmam Azeredo, Pacheco e Mota (2014), a utilização de tons altos e da alta variação da tessitura é visto em programas sensacionalistas. Como todos os telejornais que selecionamos para esta pesquisa tem um formato mais tradicional, talvez esse cuidado com as subidas de tom seja para que os jornalistas não sejam interpretados como sensacionalistas.

A tabela 56, referente à editoria sobre Saúde, apresenta resultados estatísticos semelhantes à tabela 55. Entre os repórteres da Globo e do SBT, não há diferença significativa apenas na variação de subidas e subidas.

A tabela 57, que apresenta os dados sobre a editoria Policial, mostra o mesmo “padrão” que vem sendo apresentado pelos jornalistas: há diferença significativa entre as variações de subidas e quedas e de quedas e subidas, o que nos informa que os jornalistas das duas emissoras (Globo e Record) enfatizam de modo diferente as diferentes informações. Também vimos que não há diferença significativa entre as variações de ascendência seguida de ascendência e de descendência seguida de descendência.

Tabela 55 – Variação tonal da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e Rede Record que apresentaram as matérias da editoria Política e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Emissoras /Repórteres		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
Rede Globo	Michelle Barros	Política	6 vezes (28%)	1 vez (4%)	1 vez (4%)	14 vezes (64%)	22 GTs (100%)
	Geiza Duarte	Política	7 vezes (20%)	2 vezes (6%)	12 vezes (34%)	14 vezes (40%)	35 GTs (100%)
	Roberto Paiva	Política	11 vezes (21%)	2 vezes (4%)	9 vezes (18%)	29 vezes (57%)	51 GTs (100%)
	José Roberto Burnier	Política	32 vezes (50%)	5 vezes (8%)	11 vezes (17%)	16 vezes (25%)	64 GTs (100%)
	Giovana Telles	Política	9 vezes (26%)	2 vezes (6%)	7 vezes (20%)	17 vezes (48%)	35 GTs (100%)
	Marcos Losekann	Política	21vezes (37%)	3 vezes (5%)	9 vezes (16%)	24 vezes (42%)	57 GTs (100%)
SBT	Daniel Adjuto	Política	11 vezes (50%)	0 vezes (0%)	2 vezes (9%)	9 vezes (41%)	22 GTs (100%)
Rede Record	Cleila Garcia	Política	21 vezes (29%)	5 vezes (7%)	15 vezes (21%)	31 vezes (43%)	72 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0001 ^s	p= 0.3476 ^{ns}	p= 0.0001 ^s	p= 0.0001 ^s	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 56 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e SBT que apresentaram as matérias da editoria Saúde e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais-Emissoras /Repórteres		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
BDB – Globo	Renato Biazzi	Saúde	13 vezes (30%)	3 vezes (7%)	4 vezes (9%)	23 vezes (53%)	43 GTs (100%)
SBTB- SBT	Solange Boulos	Saúde	17 vezes (57%)	4 vezes (13%)	2 vezes (7%)	7 vezes (23%)	30 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0001 ^s	p= 0.1450 ^{ns}	p= 0.0173 ^s	p= 0.0021 ^s	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 57 – Variação tonal das F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos repórteres dos telejornais da Rede Globo e do Rede Record que apresentaram as matérias da editoria Policial e seus respectivos resultados do teste de Kruskal-Wallis

Telejornais-Emissoras /Repórteres		Editoria	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	F ₀ i-m para a F ₀ m-f	TOTAL DE GTS
			Subidas e Quedas	Subida e subida	Quedas e subidas	Quedas e Quedas	
H1 – Globo	Fernanda Graell	Policial	18 vezes (44%)	4 vezes (10%)	6 vezes (15%)	13 vezes (32%)	41 GTs (100%)
JR – Record	Emerson Ramos	Policial	10 vezes (23%)	5 vezes (12%)	8 vezes (19%)	20 vezes (47%)	43 GTs (100%)
Valor de p:			p= 0.0001 ^s	p= 0.3648 ^{ns}	p= 0.0001 ^s	p= 0.2469 ^{ns}	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, ao compararmos a variação de tessitura dos repórteres, verificamos na tabela 58 que apenas a editoria de Política apresentou diferença significativa entre os repórteres das três emissoras. Já nas editorias de Saúde e Policial não houve diferença significativa entre a variação do delta dos repórteres.

Tabela 58 – Média do Delta da voz dos repórteres dos telejornais da Rede Globo de acordo com a editoria de cada notícia e seus respectivos valores de p

Editoria	Repórteres	Média da F ₀ máxima (Hz)	Média da F ₀ mínima (Hz)	Média do Delta (Hz)	Valor de p:
Política	Michelle Barros	301.50	108.74	192.76	p= 0.0001 ^s
	Geiza Duarte	307.35	142.96	164.39	
	Roberto Paiva	233.51	91.85	141.66	
	José Roberto Burnier	267.11	97.71	169.40	
	Giovana Telles	340.77	161.10	179.66	
	Marcos Losekann	279.94	112.67	167.27	
	Daniel Adjuto	251.14	116.23	134.90	
	Cleisla Garcia	329.62	129.23	200.39	
Saúde	Renato Biazzi	301.55	118.52	183.03	p = 0.7835 ^{ns}
	Solange Boulos	327.11	147.80	178.22	
Policial	Fernanda Graell	310.59	137.22	173.37	p = 0.9964 ^{ns}
	Emerson Ramos	283.14	110.87	172.27	

OBS: s = Significativo para $p \leq 0,05$

Ns = não significativo para $p \leq 0,05$.

Fonte: Elaboração própria.

Vimos, neste capítulo, que os jornalistas da Globo não possuem um padrão tonal estabelecido. Do mesmo modo, os jornalistas das outras duas emissoras também não possuem um padrão. Porém, os aspectos prosódicos da fala dos telejornalistas da Rede Globo indicam que a forma como a notícia é transmitida é tão importante quanto seu conteúdo, de modo que o estilo de elocução dos jornalistas seja moldado de acordo com cada editoria, como, por exemplo, quando se trata de notícias sobre Política, os jornalistas globais tendem a apresentar uma variação de tessitura maior do que quando a matéria é da editoria de Saúde ou Policial. Acreditamos que o motivo dessa alteração do estilo de elocução esteja atrelado a questões pessoais e institucionais de caráter ideológico, social e cultural que merecem ser estudadas num outro trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- As aventuras nunca acabam? Acho que não. Outra pessoa sempre tem de continuar a história (TOLKIEN, J. R. R. 2001, p. 241).

A partir dos resultados obtidos ao longo desta pesquisa, pudemos chegar a algumas conclusões, bem como novas considerações sobre a prosódia e o estilo de elocução jornalística.

Primeiramente, por meio da análise do teste de percepção podemos constatar que:

1ª) Os juízes da pesquisa, de modo geral, perceberam a voz dos jornalistas (âncoras e repórteres) das três emissoras apresentadas como limpas, ou seja, os telejornalistas possuem vozes claras, sem rouquidão ou nasalação.

2ª) Os juízes da pesquisa, de modo geral, perceberam as vozes dos âncoras como mais bonitas que as dos repórteres. Os repórteres (tanto os homens, quanto as mulheres) não agradaram, nem desagradaram. Entenda-se como “beleza”, a qualidade de voz, a impostação, se a voz era agradável ou não.

3ª) Quanto à altura da voz, as vozes masculinas foram percebidas variando mais de média para grave, e as femininas variando mais de médias para agudas.

4ª) Quanto ao volume, o que predominou nas respostas dos juízes foi o volume “normal”. Todos os jornalistas, com exceção do repórter José Roberto Burnier, do Jornal Nacional, foram mais avaliados com um volume de voz “normal”.

5ª) Em relação a confiabilidade, apesar da variação entre as respostas, vimos que a maioria dos juízes confiam no que é dito nos telejornais.

6ª) A maioria dos juízes perceberam o som de todas as emissoras como “bom”, mas a qualidade do som da Rede Globo se destacou entre os participantes.

7ª) Os juízes não perceberam muita diferença entre as vozes dos jornalistas da Rede Globo e os das outras emissoras. Assim, perceptualmente, não havia nada na fala dos telejornalistas que pudesse indicar algo que contribuísse com o “padrão Globo de Qualidade” ou que diferenciasse, de fato, a voz de um jornalista da Globo, da voz de um jornalista da SBT ou da Record.

Por meio da análise acústica podemos constatar que:

1º) Ao observarmos os GTs, de modo geral, verificamos que, embora os jornalistas da Globo parecessem apresentar uma tendência tonal que apontava para a delimitação de um padrão tonal, percebemos que, separando e categorizando cada matéria apresentada por sua

editoria específica, não encontramos um padrão prosódico na fala dos telejornalista da Rede Globo.

2º) Do mesmo modo, não encontramos um padrão tonal na fala dos profissionais das outras duas emissoras.

3º) Há uma padronização entre todos os jornalistas na variação de subida seguida por outra subida. Essa padronização entre todos jornalistas nesta variação nos impele a pensar que exista um acordo tácito que deva ser respeitado por âncoras e repórteres que trabalhem num programa de formato tradicional, já que o uso de tons altos e da alta variação da tessitura é encontrado em discursos sensacionalistas, de acordo com Azeredo, Pacheco e Mota (2014).

4º) Cada jornalista tende a um estilo de elocução própria e segue a variação tonal que a notícia sugere, ou que ele julgue necessário para cada matéria.

5º) Apesar de não haver um padrão prosódico na fala dos jornalistas da Globo, existe um cuidado prosódico com a forma de transmitir a notícia de cada editoria, e esta pede o uso de um estilo de elocução diferente.

6º) Não foi percebido este cuidado prosódico nos casos dos jornalistas da SBT e da Rede Record. Os jornalistas das duas emissoras variam muito a F_0 e o delta em todas as editorias.

7º) A alteração do estilo de elocução em cada editoria, no caso dos jornalistas da Rede Globo, pode estar relacionada a questões pessoais e/ou institucionais de caráter ideológico.

A partir dessas constatações, percebemos que nosso objetivo inicial foi alcançado, mas a hipótese foi, em parte, refutada. De fato, como vimos, não existe um padrão prosódico na fala dos jornalistas. No entanto, há um cuidado prosódico por parte dos jornalistas da Globo ao transmitir uma notícia, com vistas a persuadir e a convencer o telespectador em sua interpretação.

Desse modo, entendemos que o “padrão Globo de Qualidade” está mais ligado a outros aspectos técnicos e visuais, do que com aspectos prosódicos.

Apesar dos resultados até aqui relatados, outras perguntas ainda nos inquietam. Nesta pesquisa trabalhamos primeiro com a fala de modo geral, sem considerar o sentido do que era dito, e depois trabalhamos com as matérias separadamente. No entanto, dentro de uma matéria, existem as informações principais, as secundárias e aquelas que só incrementam o texto sem, de fato, serem importantes. Deste modo, algumas perguntas que surgiram no decorrer da produção deste trabalho, sem que houvesse espaço para investigação, foram:

- Existe algum tipo de padrão tonal no *lead*, que é, de fato, a notícia em sua essência?

- As diferentes perguntas do *lead* possuem diferentes estilos de variação? Por exemplo, a curva melódica de um GT que responda a uma pergunta de “O que” se diferencia da curva melódica de um GT que responda a uma pergunta de “Quem”?

- Em quais tipos de GTs, dentro do *lead*, as pausas são comumente realizadas?
- Qual é a duração dos diferentes tipos de GTs dentro do *lead*?
- Existe diferença prosódica entre os *leads* dos telejornalistas da Globo, do SBT e da Record?

Essas perguntas se mostram pertinentes e merecedoras de uma investigação profunda e detalhada, de modo que suas respostas talvez contribuam para a melhoria deste trabalho ou de outros que o sucederão.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, W. **Diccionario de terminologia lingüística actual**. Madrid: Editorial Gredos, 1981.
- ABREU, A. S. **A arte de argumentar gerenciando a razão e emoção**. 13. ed. São Paulo: Ateliê Edições, 2009.
- AZEREDO, M. I. P.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. **A persuasão no telejornalismo**: um estudo fonético. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/viewFile/7662/7487>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- AZEREDO, M. I. P.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. **Prosódia e telejornalismo**: análise da variação da F0 nas falas de William Bonner e Marcelo Rezende. Disponível em: <http://gelne.com.br/arquivos/E-book-Aracaju-Linguistica-e-Literatura-teoria-analise-e-aplicacoes.pdf?v2>. Acesso em: 31 jul. 2018.
- AZEREDO, M. I. P.; PACHECO, V.; MOTA, F.. **Análise da variação de pitch na fala de Marcelo Rezende**: um repórter sensacionalista. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/viewFile/4234/3965>. Acesso em: 16 fev. 2019.
- BARBOSA, Plínio A. **Conhecendo melhor a prosódia**: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. Disponível em: <http://manualdefoneticaacusticaexperimental.com/assets/barbosa2012-3.pdf>. Acesso: 28 jul. 2017.
- BERTOLINI, J. **O contrato social da imprensa**: por um Leviatã do jornalismo. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/6673>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- BISOL, L. Os constituintes prosódico. In: Bisol, Leda. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BOM DIA BRASIL. **Histórico do telejornal**. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/04/conheca-historia-do-bom-dia-brasil-desde-estreia.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- BONORA, M. Sotaque x telejornalismo. In: Kyrillos, L.; FEIJÓ, D. **Fonoaudiologia e Telejornalismo**. Editora Revinter, Rio de Janeiro: 2004.
- CABELLO, A. R. G. **Construção do texto radiofônico**: o estilo oral-auditivo. São Paulo: Revista Alfa, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3976/3651>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição dos fatos gramaticais. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do Português Falado**. 4. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CAGLIARI, L. C. **Entoação e fonologia**. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_Integra_v1.pdf. Acesso: 5 jul. 2017.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, 1992. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/2901/4188>. Acesso: 1 jun. 2017.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. **O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa**. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34490268/tessitura_prosodia.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1533141130&Signature=wAXvfu7BukDjaP%2FdhfdY3fiiUxw%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTessitura_prosodia.pdf. Acesso em: 31 jul. 2018.

CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHACON, L. **Ritmo da escrita**: uma organização do heterogêneo da linguagem. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270921>. Acesso em: 31 jul. 2018.

CRYSTAL, D. **Prosodic systems and intonation in English**. Cambridge: Cambridge University Press. 1969.

CONTATO, A. C. F. As transformações do telejornalismo brasileiro e a influência da ditadura militar na televisão nas décadas de 1960 e 1970. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E IMAGEM – ENCOI, 2014, Londrina. **Anais [...]**. Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT1/AS%20TRANSFORMACOES%20DO%20TELEJORNALISMO.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

CONSTANTINI, A. C. Mudanças na estruturação prosódica de texto jornalístico antes e após intervenção fonoaudióloga. **Revista Virtual Journal of Speech Sciences**, Universidade Estadual de Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.journalofspeechsciences.org/index.php/journalofspeechsciences/issue/view/Vol%202%2C%20No%202>. Acesso em: 11 ago. 2013.

COTES, C. S. G. **O estudo dos gestos vocais e corporais no telejornalismo brasileiro**. Tese – (Doutorado em Linguística aplicada e estudos da linguagem). 200f. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo: São Paulo, 2008.

CURADO, O. **A notícia na TV**: O dia-a-dia de quem faz televisão. São Paulo: Alegro, 2002.

CUTLER, A.; OAHAN, D.; DONSELAAR, W. v. Prosody in the comprehension of spoken language: a literature review. **Language and Speech**, 1997. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1561/0733d36146d71d545779171d0194e4a4988b.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2017

DUBOIS, J. *et.al.*. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cutrix, 1978.

FUNÇÃO CONT.SE. Disponível em: <https://support.office.com/pt-br/article/cont-se-fun%C3%A7%C3%A3o-cont-se-e0de10c6-f885-4e71-abb4-1f464816df34>. Acesso em: 23 dez. 2017.

HORA UM DA NOTÍCIA. Histórico do telejornal. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/hora-um-da-noticia/hora-um-da-noticia-estreia.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

JORNAL DA GLOBO. Histórico do telejornal. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2010/04/historia-do-jornal-da-globo.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.

JORNAL DA RECORD. Histórico do telejornal. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_da_Record. Acesso em: 20 dez. 2017.

JORNAL HOJE. Histórico do telejornal. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/historia-do-jornal-hoje.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.

JORNAL NACIONAL. Histórico do telejornal. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.

KENT, R. D.; READ, C. **Análise acústica da fala.** Tradução de Alexsandro Rodrigues Meireles. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KYRILLOS, L. R. **A voz no telejornalismo.** Disponível em: http://www4.pucsp.br/laborvox/dicas_pesquisa/downloads/outras-referencias-de-auxilio/voz-telejornalistas.pdf. Acesso: 13 dez 2018.

LAGE, N. **Estrutura da notícia.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAIA, A. S. C. O Telejornalismo no Brasil na Atualidade: Em Busca do Telespectador. *In*: INTERCOM 2011, CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 16, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf>. Acesso: 3 mar. 2014.

MALMBERG, B. **A fonética: no mundo dos sons da linguagem.** Portugal: Livros do Brasil, 1954.

MARÔCO, J. **Análise Estatística com o SPSS Statistics.** 7. ed. Portugal: Report Number, 2018.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. **O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa.** Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34490268/tessitura_prosodia.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1550550990&Signature=RZfgAeScx%2BhAMW9nDkMn%2FMQfwek%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTessitura_prosodia.pdf. Acesso em: 16 mai. 2017.

MATTOS, S. A evolução história da televisão brasileira. *In*: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica.** Florianópolis: Insular, 2010.

MELLO, J. N. **Telejornalismo no Brasil**. Faculdade Santa Amélia SECAL, PR: 2009. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=8. Acesso: 3 mar. 2014.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: A notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 2004.

MENEZES, D. C. D. **Leitura e escrita**: uma análise prosódica dos romances de Raduan Nassar. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

META, P. O. **Hábitos de informação e formação de opinião da população brasileira**. (Relatório consolidado) Disponível em: <http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf> . Acesso em: 15 mai. 2017.

META, P. O. **Hábitos de informação e formação de opinião da população brasileira II** (Relatório de pesquisa quantitativa). Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-total-de-pesquisas/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opinio-da-populacao-brasileira-ii.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2017.

NOOTEBOOM, S. **The prosody of speech: melody and rhythm**. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Sieb_Nooteboom/publication/46675980_The_prosody_of_speech_Melody_and_rhythm/links/00b4952e050278514b000000/The-prosody-of-speech-Melody-and-rhythm.pdf Acesso: 5 jul. 2017.

PACHECO, V. **O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PEUCER, T. **Os relatos jornalísticos**. (trabalho originalmente publicado na revista Comunicação & Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo – n. 33, p. 199-216, 1o. sem. 2000. Sua reprodução em Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. I Nº 2 - 2º Semestre de 2004, foi autorizada pelos editores e pelo tradutor).

PORTAL da Língua Portuguesa. **Prosódia para a Fonética**. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=596>. Acesso em: 5 mar. 2018.

PORTAL da Língua Portuguesa. **Prosódia para a fonologia**. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=593>. Acesso em: 5 mar. 2018.

PRAAT 6.0.31. Disponível em: http://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html Acesso em: 25 ago. 2017. Versão atualizada para **Praat 6.0.37** em: 10 Fev. 2018.

RASO, T.; MITTMANN, M. M.; MENDES, A. C. O. **O papel da pausa na segmentação prosódica de corpora de fala**. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9536>. Acesso em: 31 jul. 2018.

REDE GLOBO. **Princípios e Valores da TV Globo no Vídeo**. Disponível em: http://estatico.Redeglobo.globo.com/2013/06/03/Principios_e_Valores_da_TV_Globo_no_Video.pdf. Acesso em: 15 mai. 2017.

REINIGER, A. M. História da fonoaudiologia no telejornalismo. In: KYRILLOS, L. E.; FEIJÓ, D. **Fonoaudiologia e Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2004.

REIS, C. Oralidade e Prosódia. In: DELL'ISOLA, R. L. P.; MENDES, E. A. M. (org.). **Reflexões sobre a língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 1997, v., p. 43-52.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo. In: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L. FEIJÓ D. (org.). **Fonoaudiologia e telejornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, v. 1, p. 1-18.

REZENDE, G. J. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

RODRIGUES, A. C. **Jornalismo nas Ondas do Rádio Estudo de caso: Análise crítica do programa “O Ministério Público e a Cidadania”**. (Monografia). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-jornalismo-ondas-radio.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación**. México: McGraw-Hill, 1998.

SBT BRASIL. **Histórico do telejornal**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/SBT_Brasil. Acesso em: 20 dez. 2017.

SOUSA, J. P. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media** Porto: 2006

WILSON, D.; WHATON, T. **Relevance and prosody**. Article in Journal of Pragmatics: 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/222826780>. Acesso em: 10 set. 2017.

YORKE, I. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.

LINKS DAS MATÉRIAS USADAS NESTA PESQUISA:

BOM DIA BRASIL- 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/edicoes/2016/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

BOM DIA BRASIL- 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/edicoes/2017/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

HORA 1 – 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/edicoes/2016/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

HORA 1 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/edicoes/2017/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL DA GLOBO- 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/edicoes/2016/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL DA GLOBO- 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/edicoes/2017/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL DA RECORD 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=socevm66erE&index=365&list=PLPGY2Y0KCcI6HdygGTTZW--rwzQ0mxDr3>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL DA RECORD 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2YZ9oi1q10&t=815s>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL HOJE- 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/edicoes/2016/05/18.html%3E>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL HOJE- 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/edicoes/2017/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL NACIONAL- 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

JORNAL NACIONAL- 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/05/18.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

SBT BRASIL- 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-wp5GbAWcl8>. Acesso em: 24 ago. 2017.

SBT BRASIL- 2017. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/noticias/90122/Michel-Temer-teria-dado-aval-para-compra-de-silencio-de-Eduardo-Cunha.html> Acesso em: 24 ago. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionários aplicados para os juízes depois de assistirem/ ouvirem as matérias dos telejornais

1. A confiabilidade da matéria do Jornal 1 é:				
Nenhuma	Pouca	Moderada	Boa	Ótima
2. A voz do apresentador do Jornal 1 é:				
Nada limpa	Pouco limpa	Moderadamente limpa	Limpa	Muito limpa
3. A voz do repórter do Jornal 1 é:				
Nada limpa	Pouco limpa	Moderadamente limpa	Limpa	Muito limpa
4. A voz do apresentador do Jornal 1 é:				
Nada bonita	Pouco bonita	Moderadamente bonita	Bonita	Muito bonita
5. A voz do repórter do Jornal 1 é:				
Nada bonita	Pouco bonita	Moderadamente bonita	Bonita	Muito bonita
6. O som da matéria do Jornal 1 apresentou:				
Nenhuma qualidade	Pouca qualidade	Qualidade mediana	Boa qualidade	Ótima qualidade
7. A altura da voz do apresentador do Jornal 1 é:				
Muito grave	Grave	Mediana	Aguda	Muito aguda
8. A altura da voz do repórter do Jornal 1 é:				
Muito grave	Grave	Mediana	Aguda	Muito aguda
9. O volume da voz do apresentador do Jornal 1 é:				
Muito Baixo	Baixo	Normal	Alto	Muito alto
10. O volume da voz do repórter do Jornal 1 é:				

Muito Baixo	Baixo	Normal	Alto	Muito alto

1. A confiabilidade da matéria do Jornal 2 é:				
Nenhuma	Pouca	Moderada	Boa	Ótima
2. A voz da apresentadora 1 do Jornal 2 é:				
Nada limpa	Pouco limpa	Moderadamente limpa	Limpa	Muito limpa
3. A voz da apresentadora 2 do Jornal 2 é:				
Nada limpa	Pouco limpa	Moderadamente limpa	Limpa	Muito limpa
4. A voz do repórter do Jornal 2 é:				
Nada limpa	Pouco limpa	Moderadamente limpa	Limpa	Muito limpa
5. A voz da apresentadora 1 do Jornal 2 é:				
Nada bonita	Pouco bonita	Moderadamente bonita	Bonita	Muito bonita
6. A voz da apresentadora 2 do Jornal 2 é:				
Nada bonita	Pouco bonita	Moderadamente bonita	Bonita	Muito bonita
7. A voz do repórter do Jornal 2 é:				
Nada bonita	Pouco bonita	Moderadamente bonita	Bonita	Muito bonita
8. O som da matéria do Jornal 2 apresentou:				
Nenhuma qualidade	Pouca qualidade	Qualidade mediana	Boa qualidade	Ótima qualidade
9. A altura da voz da apresentadora 1 do Jornal 2 é:				
Muito grave	Grave	Mediana	Aguda	Muito aguda
10. A altura da voz da apresentadora 2 do Jornal 2 é:				
Muito grave	Grave	Mediana	Aguda	Muito aguda

11. A altura da voz do repórter do Jornal 2 é:				
Muito grave	Grave	Mediana	Aguda	Muito aguda
12. O volume da voz da apresentadora 1 do Jornal 2 é:				
Muito Baixo	Baixo	Normal	Alto	Muito alto
13. O volume da voz da apresentadora 2 do Jornal 2 é:				
Muito Baixo	Baixo	Normal	Alto	Muito alto
14. O volume da voz do repórter do Jornal 2 é:				
Muito Baixo	Baixo	Normal	Alto	Muito alto